

VOL.10 - Nº 22 - FEVEREIRO DE 2005

ISSN 1670-0330

# ATERCEIRIDADE

SESC SP

A TERCEIRA IDADE - VOLUME 10 - Nº 22 - 2005

SESC SP

**Ação Cultural e Terceira Idade**



entrevista  
**Cleyde Yaconis**

# ATERCEIRIDADE

VOLUME 16 - Nº 32 - FEVEREIRO 2005

Publicação técnica editada pelo SESC  
SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

ISSN 1676-0336

**SESC SP**

A Terc. Id.	São Paulo	v.16	n.32	p. 1 - 100	fevereiro 2005
-------------	-----------	------	------	------------	----------------



## O Papel do Idoso na Preservação do Meio Ambiente

Elói Martins Senhoras

7



## Ação Cultural e Terceira Idade

José Carlos Ferrigno

24



## Ensino Interdisciplinar para Atividades Produtivas na Terceira Idade

Ofélia Gomes Machado & Francisco Antonio Pereira Fialho

36



## Qualidade de Vida, Atividade Física e Envelhecimento

Frances Geralda Rosa, Marli Geraldo & Melina Gomes Bueno de Avila

52



## A Exclusão Social do Idoso Institucionalizado: A Visão Familiar

Lílian Alves Martins

66



ENTREVISTA

Cleyde Yaconis





## O Idoso e a Ecologia

A preservação ambiental é um tema que nas últimas décadas tem assumido contornos de uma verdadeira luta pela sobrevivência humana e de muitas espécies da fauna e da flora da Terra. Em diversas partes do mundo, conferências e encontros discutem a urgência das nações em adotar estratégias para a redução da emissão de poluentes atmosféricos e controle das condições climáticas e ambientais do planeta. Por outro lado e infelizmente, também aguardamos, em compasso de espera, a decisão da ratificação do Tratado de Kyoto, por parte daqueles países que negam transformar a racionalidade e conveniência econômica em nome do futuro.

Afortunadamente, a consciência ecológica vem se multiplicando entre comunidades, classes sociais e gerações em todas as partes do mundo. Nesse sentido, os jovens formam um segmento social importante na defesa do meio ambiente, muitos deles militando em ONGs voltadas para essa questão.

Mas os idosos, podem e devem exercer um decisivo papel conscientizador, testemunhas que são de uma época em que os níveis de poluentes no solo, nas águas e na atmosfera eram bem inferiores aos atuais. Os velhos paulistanos podem, por exemplo, entre outras histórias, nos contar como era nadar e navegar pelo rio Tietê, algo inimaginável quando hoje o vemos como um esgoto a céu aberto. Assim agindo a Terceira Idade desempenha uma preciosa função social: a de agente de preservação da memória social na área da ecologia. Ao trazer para o presente uma realidade ambiental limpa e, portanto, saudável, os idosos lançam a todos nós o desafio premente de frear o quanto antes o processo de degradação da natureza que, estarecidos, temos assistido.

Essa problemática é abordada nesta edição pelo artigo de Elói Martins Senhoras, professor da Unicamp, ao refletir sobre o papel do idoso na defesa do meio ambiente. Ainda nesta edição temos outras importantes contribuições, como o incentivo a atividades produtivas na Terceira Idade, no estudo de Ofélia Gomes Machado e Francisco Pereira Fialho. A importância da atividade física para a elevação da qualidade de vida dos idosos é tematizada por Frances Geralda Rosa, Magali Geraldo e Melina Bueno Gomes de Ávila. A situação do idoso asilado na visão de seus próprios familiares é estudada por Lílian Alves Martins. Nossa entrevistada é a atriz Cleyde Yaconis, ícone do teatro brasileiro.

Com esta revista, o SESC SP prossegue divulgando pesquisas e reflexões acerca do envelhecimento e da qualidade de vida dos idosos e aposentados brasileiros. Buscamos assim colaborar para o desenvolvimento profissional daqueles que atendem a esse público e, é claro, para a inclusão social dos cidadãos da Terceira Idade.

**Danilo Santos de Miranda**  
Diretor Regional do SESC São Paulo

# O Papel do Idoso na Preservação do Meio Ambiente



## Resumo

*A velhice sempre existiu, mas o fato novo com que a sociedade brasileira se depara hoje em dia é que o processo de envelhecimento tornou-se um problema social, em razão do acelerado crescimento do número de pessoas idosas. Este novo regime demográfico emerge em um momento de outra transição secular; da relação homem-natureza, onde se faz necessário o redimensionamento da discussão ecológica e da qualidade de vida da população idosa. Neste trabalho são explicitadas as variadas formas e relações entre população e meio ambiente, alertando para as suas características necessariamente multidimensionais e para os desafios que encerram, sobretudo quando se leva em conta que tais relações se reproduzem de maneira complexa e problemática nos chamados contextos sociais vulneráveis, tão próprios à realidade do idoso brasileiro.*

*Através de uma forma crítica de pensar a velhice, dá-se a construção de um movimento heterodoxo no sentido de tirar os idosos da periferia da sociedade e conceituá-los como atores ativos, tanto na formulação de novas ações sobre a questão ambiental como na própria construção da cidadania e de melhores condições de vida da terceira idade, pois o envelhecimento tem hoje características jamais conhecidas na história humana, com possibilidade de vida longa para uma parcela numerosa da população.*

*Com essa discussão são fornecidos os subsídios para a garantia de pluralidade e o aprofundamento do debate ambiental que - neste novo século, através das primeiras discussões trazidas em 2002 pelo Rio+10, a Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável que ocorrerá em Johannesburg - tem importância estratégica e fundamental para o bem-estar da terceira idade e o futuro dos povos.*

**Palavras chaves:** envelhecimento, meio ambiente, terceira idade.

## Abstract

*Aging has always been a fact, but nowadays the new problem that the Brazilian society faces is due to the aging process as social problem, caused by the accelerated increase in the number of elderly people. This new demographic regime emerges in a moment of another secular transition, in the relation human being - environment, demanding changes in the ecological discussion and in the life quality of the elderly population. The broad variety forms and relations among population and environment are discussed in this article, alerting their multidimensional characteristics and challenges, mainly when these relations are reproduced in complex and problematic manners in the vulnerable social sites, so close to the Brazilian elderly reality. Through a critical form to think the aging process, the construction of an heterodox movement is discussed by this article to integrate the aged ones in the society, expanding their active social roles for the formulation of new actions about the environmental question and for their own construction of citizenship and better third-age life conditions, because today, the aging process has some characteristics never seen before in the human history, with the possibility of long life for a great number of persons. This discussion supplies assistance to warrantee plurality and depth for the environmental debate that initiated in the new century in the first discussions of the world summit on sustainable development of Johannesburg in 2002 and has strategic and fundamental importance for the welfare of the third-age and of the nations.*

**Keywords:** aging, environment, third age.

## ELÓI MARTINS SENHORAS

*Economista pós-graduado em Gestão e Estratégia de Empresas pelo Instituto de Economia da UNICAMP. Visiting Scholar na University of Texas em Austin e na Universidad de Buenos Aires.  
eloi@eco.unicamp.br*



## Introdução

*“Se afirmarmos que o idoso é autor de sua própria trajetória, também não podemos esquecer que, enquanto ser de relações, a caminhada em busca da autonomia e auto-realização se dá através da interação constante com o meio ambiente”.*

Ivalina Porto Nicola

Neste início de milênio, os processos que relacionam população, meio ambiente e desenvolvimento encontram-se, com prioridade, na pauta das discussões e atitudes da sociedade e dos governos de todo o mundo. Com efeito, as rápidas mudanças que caracterizam a nossa contemporaneidade vêm sendo acompanhadas por uma escalada sem precedentes do envelhecimento populacional e da progressiva degradação ambiental, ademais existe a redefinição do papel do Estado e o surgimento de novos atores sociais.

De sorte que, em conjunto, tais transformações trazem novos desafios e oportunidades para tratar as questões do meio ambiente e do envelhecimento. Faz sentido, então, a crescente preocupação com uma lógica diversa de desenvolvimento – sintetizada na noção de desenvolvimento sustentável<sup>1</sup> – abordando de maneira multivariada os aspectos econômicos, sócio-culturais, políticos e ambientais, e enfatizando o atendimento das demandas sociais e na conseqüente redução das desigualdades.

Nota-se, entretanto, que existem ainda questões merecedoras de melhor aprofundamento. Muitas facetas devem ser consideradas nesse debate, como a população idosa e a sua *inter-relação* com o meio-ambiente, haja vista que a crise ambiental atinge um nível sem precedentes na história da humanidade e a politização da luta ecológica é uma necessidade que se apresenta urgente para solucionar o problema fundamental da qualidade de vida de populações vulneráveis de idosos.

Assim sendo, faz-se mister oferecer meios para compensar as perdas, facilitar adaptações às mudanças, recuperar capacidades perdidas e melhorar níveis de segurança do meio ambiente, enfim, assegurar algum grau de satisfação ao ser humano até idades avançadas.

A sociedade brasileira não pode prescindir da colaboração dos seus cidadãos de maior idade. É preciso resgatá-los da periferia, para onde são empurrados, para que participem na arena da vida, na luta pela solução dos problemas agudos que agitam o país.

Na atualidade, poucas pessoas podem continuar sem consciência do fato de que suas ações locais são influenciadas e até determinadas por acontecimentos ou orga-

<sup>1</sup> Definido como processo de mudança social e de elevação das oportunidades presentes da sociedade, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de terem atendidas suas próprias necessidades, o desenvolvimento sustentável requer a compatibilização no tempo e no espaço entre crescimento, eficiência econômica, conservação ambiental, qualidade de vida e equidade social.



nismos de qualquer parte do mundo. Já o outro lado da moeda é menos evidente, mas tão significativo quanto o anterior; as ações cotidianas dos indivíduos, como um idoso, produzem conseqüências globais<sup>2</sup>, daí surge a necessidade de consciência da população idosa quanto a sua participação e responsabilidade pelo meio ambiente.

### **A Problemática do Idoso: O Núcleo Duro dos Desafios**

A velhice vem se tornando um grave problema de natureza social e econômica com o crescente envelhecimento da sociedade moderna, provocando complicações, como a reestruturação social, a redistribuição de renda nacional e, sobretudo, trazendo um sério problema humano. Isso resulta da condição do ancião, na sociedade industrial e pós-industrial, de marginalização não apenas familiar, como também de franca e total exclusão, criando novas formas de pobreza.

A velhice é, antes de tudo, um grande problema social, fruto do envelhecimento crescente da população<sup>3</sup>, mas, sobretudo, é um sério problema humano, resultante da marginalização a que é condenado o idoso na sociedade atual, caracterizada por sua vez pela industrialização, pelos valores utilitaristas e pela degradação ambiental.

<sup>2</sup> Em uma alusão simplista, a decisão de um idoso comprar um móvel tem implicações globais, pois afeta a sobrevivência de alguém - como o vendedor que receberá ou não a comissão pela venda ou o fabricante que recuperará ou não o dinheiro aplicado na fabricação do móvel - e pode contribuir para um processo de deterioração ecológica (a extração da madeira para a fabricação do móvel, levando, gradativamente, à destruição das florestas) que tem conseqüências potenciais para toda a humanidade.

<sup>3</sup> O Brasil não é mais um país jovem; mas, uma das sociedades que mais rapidamente envelhece. Já possuímos 8% de idosos na composição da população nacional. Atualmente, somos a sexta nação do mundo com maior população de velhos, ultrapassados apenas pela China, Índia, Rússia, Estados Unidos e Japão.

Contudo, o que chama a atenção quando pensamos na visibilidade alcançada pela velhice é o momento que acompanha sua transformação em um problema social, pois a velhice, que durante muito tempo foi considerada um problema que dizia respeito aos idosos, às suas famílias ou às associações filantrópicas, transformou-se em uma questão pública.

É fato, também, que há idosos nas diferentes camadas, segmentos ou classes sociais e que os mesmos vivem a velhice de forma diferente. Em outras palavras, a terceira idade é um fenômeno que evidencia a reprodução e a ampliação de desigualdades sociais.

Não obstante as diferenças sócio-econômicas, a questão do envelhecimento demográfico está presente tanto nos países desenvolvidos como naqueles em desenvolvimento. A ampliação da expectativa de vida é uma tendência mundial, em virtude menos do desenvolvimento social e econômico dos países que da universalização das tecnologias da biomedicina.

Diante dessa nova realidade, as ações de políticas públicas requerem uma adequação ao novo perfil demográfico e uma revisão na estrutura e nas formas de atuação das instituições públicas, uma vez que as tradicionais *políticas nacionais* de assistência ao idoso perdem relevância, ao passo que vem ganhando expressão o *enfoque local* para a formulação de políticas de atendimento à *terceira idade*.

## O Envelhecimento e o Surgimento da Terceira Idade

Até o início do século XIX, vigoravam três noções pré-científicas sobre o envelhecimento humano. A primeira era que ele seria uma decorrência do pecado original: mais do que ter que ganhar o pão com o suor do rosto e dar à luz entre dores, foi a perda da imortalidade que mais distanciou o homem da condição divina. A segunda noção era que em algum lugar distante e misterioso existiriam pessoas que, mediante algum dom ou sortilégio, deteriam o segredo da imortalidade. Finalmente, a terceira fundava-se na crença de em terras desconhecidas, cercada de perigos e desafios, existiria uma fonte cristalina de águas milagrosas<sup>4</sup>, cujo poder seria o de restaurar o vigor e a juventude perdidos (SAIANE, 2001).

Desde então, um dos maiores interesses do homem até hoje continua sendo o de encontrar a fonte da juventude, que com seus poderes mágicos detenha o processo do envelhecimento; porém a resposta para a juventude não depende da idade ou de uma fonte, mas da altivez que cada idoso carrega dentro de si, na busca da construção de novos valores e uma melhor harmonia com o seu meio-ambiente, assim sendo, envelhecer passa a ser uma responsabilidade do idoso<sup>5</sup> em lutar contra o tempo, o destino e as adversidades do envelhecimento.

Entretanto, é fato que o ser humano não possa evitar o envelhecimento, apesar de todos os avanços científicos na área médica, mas é possível que ele exerça influência sobre o modo como ocorre esse processo, pois envelhecer não significa, necessaria-

<sup>4</sup> Um marinheiro amigo de Cristóvão Colombo, o jovem Ponce de Leon, ouviu uma estória contada pelos índios sobre uma fonte da juventude, que dizia que quem bebesse desta fonte rejuvenesceria (Barbanti, 1990).

<sup>5</sup> Dizer que o ser humano é o artífice de sua temporalidade significa que é ele que constrói a sua experiência temporal, ou seja, não é a passagem do tempo que determina as suas ações ou as suas transformações.

mente redução da capacidade de trabalho, diminuição da atividade e outros eventos, mas pode significar enriquecimento pessoal e uma vida ativa e saudável. A terceira idade é um momento onde são abertas novas oportunidades para que sejam feitas novas atividades, especialmente levando-se em conta o aumento da longevidade humana.

Aqueles que entram na terceira idade, na maioria das sociedades, sofrem toda a sorte de preconceitos, sobretudo quanto à fragilidade física e à competência para produzir. Isso é um preconceito, porque fragilidade e doença não são prerrogativas do velho, e sim do ser humano em qualquer idade. Obviamente, se o indivíduo para de pensar, para de ser estimulado; não cria expectativas e aspirações e, portanto, tem reduzido desempenho. Mas, pelo contrário, se o desenvolvimento continua, sua produtividade é mantida. Estão aí os grandes intelectuais, os grandes artistas que não atingiram a plenitude de seu trabalho na juventude, mas sim na maturidade e na própria velhice.

No Brasil pouca atenção tem sido dada aos reflexos do aumento da população idosa, especialmente na área do trabalho, saúde, previdência, educação, lazer, enfim, nas políticas públicas de maneira em geral.

A base dos programas em favor dos idosos tem sido as organizações não governamentais, que vêm motivando e convidando diferentes setores da comunidade (sindicatos, igrejas, clubes de serviços, associações profissionais, universidades, empresários, etc) a se identificarem com as questões da velhice – um problema social emergente.

As demandas sociais dos idosos se avolumam e passam a se constituírem em desafios para a sociedade política e a sociedade civil, ademais, a explosão demográfica anunciada faz com que a esfera local e a participação popular da terceira idade não devam ser consideradas questões passageiras, visto que o processo de envelhecimento da população brasileira em ritmo acelerado e crítico o transforma numa questão de necessidade.

No sistema de representação social da nova versão da velhice, os idosos desempenham um papel fundamental na construção de uma outra imagem que simbolize a liberdade e o lazer, ou mesmo de ser um jovem em toda idade (PEIXOTO, 1995, p. 44). O idoso pode abarcar no seu cotidiano um espaço de construção de uma imagem que lhe possibilite a sua inclusão, e a de outros, mostrando o potencial de superação de novos desafios, de sabedoria, experiência, produção, transformação e vida que carrega em si.

Assim, o crescimento da população mais idosa é acompanhado de um remapeamento do curso da vida, criando novas etapas que separam a idade adulta da velhice. Temos assim, ao lado de um crescimento demográfico, a criação de novas demandas políticas e a construção de novas imagens em torno das diferentes etapas de envelhecimento. A idéia da terceira idade<sup>6</sup> é um exemplo disso, é uma

<sup>6</sup> A demarcação da vida por idade, anos de vida ou etapas é um artifício cultural, uma invenção social que cumpre o papel de estabelecer parâmetros para as normas de status e papéis, as relações interpessoais e os processos de socialização. Assim, a noção de velhice surge associada à idéia de que o poder e o status que permitem a alguém tomar decisões importantes à manutenção do grupo são validados pela sabedoria resultante da experiência de vida (Neri, 1992).



invenção social que traz consigo um conjunto de novos discursos e novas práticas, visando promover um envelhecimento adequado e criar um novo período na vida entre a jovem idade adulta e o envelhecimento. A terceira idade ganha novas conotações – não está apenas associada à *aposentadoria*, mas refere-se a um momento na vida em que as pessoas se encontram com disposição, saúde e liberdade para agirem por si próprias. Dessa forma, ela passa a ser reconhecida como uma nova divisão da experiência de vida nas sociedades contemporâneas, tanto enquanto experiência individual como enquanto experiência coletiva.

### **Meio Ambiente: A Necessidade de Preservação**

As atitudes do homem em relação ao meio ambiente têm variado através do tempo, entre regiões e culturas. O homem primitivo, como também alguns povos remanescentes no século XXI, temia e respeitava a natureza, por considerá-la sinônimo de Deus. No mundo atual, as abordagens sobre o meio ambiente têm uma grande variação, desde a exploração máxima, onde o foco encontra-se no retorno econômico, até a visão completamente preservacionista dos ecologistas mais radicais.

Na crise ambiental é freqüentemente difícil evitar os extremos apocalípticos de um lado ou otimismo tecnológico de outro, mas caminhar pelo meio não é necessariamente uma virtude, pois o fato de existirem duas visões extremas não garante que a verdade fique no meio.

Diante disso, a nova preocupação, fruto e fonte do moderno ambientalismo se alia a uma visão holística da questão, de forma que não se trata apenas de identificar como problemas os elementos ambientais, mas a preocupação hoje coloca em questão todo o modo de vida, pois com o advento da chamada *questão ambiental*, a constatação do alto grau de degradação ambiental existente no planeta coloca para a sociedade o desafio de efetuar mudanças em todos os níveis de relacionamento do homem com o meio ambiente<sup>7</sup>.

Essa relação, porém, entre população e meio ambiente vem sendo interpretada predominantemente através da abordagem neomalthusiana, segundo a qual o equilíbrio ambiental apresenta-se como produto do tamanho e crescimento da população, havendo assim, uma relação direta entre crescimento demográfico e pressão sobre recursos naturais. Disso resultaria a conclusão imediata da necessidade do controle populacional.

Trata-se, no entanto, de uma visão simplista que não relaciona a questão ambiental aos aspectos ligados ao desenvolvimento e ao crescimento econômico, ou seja, não incorpora a idéia de que os padrões de produção e consumo, até então conhecidos, são extremamente devastadores e poluidores.

Entretanto, com a diminuição das taxas de crescimento populacional, que se verifica na maioria dos países do Mundo, especialmente no Brasil, essa questão adquire uma outra perspectiva. A concentração da população em determinadas regiões pode vir a se constituir, em um futuro não muito distante, em dificuldade para a sustentabilidade dessas regiões.

George Martine (1993), discutindo a relação entre população, meio ambiente e desenvolvimento, afirma que as questões ambientais que afetam de maneira mais direta o cotidiano da maioria da população brasileira deverão ser resolvidas no âmbito de espaços urbanos construídos ou em construção<sup>8</sup>, e não em espaços naturais ou intocados. Segundo esse autor, o Brasil vai participar dos problemas ambientais globais, em grande parte, através do que ocorre em suas áreas de adensamento demográfico e não através de sua mata.

Como o crescimento populacional impôs a intensificação dos sistemas de produção e conseqüentemente o agravamento dos problemas causados pela poluição no meio urbano<sup>9</sup>, onde há maior concentração populacional, os problemas tendem a se radicalizar, pois as desigualdades, a pobreza, contribuem para a agressão voluntária e involuntária ao meio ambiente. Os danos provocados pelos desastres naturais ou socialmente induzidos afetam desproporcionalmente a população pobre de terceira idade, reforçando assim o ciclo vicioso de vulnerabilidade ambiental urbana e de pobreza.

<sup>7</sup> O conceito de meio ambiente é totalizador. Embora se possa falar em meio ambiente marinho, terrestre, urbano, essas facetas são partes de um todo sistematicamente organizado onde as partes, reciprocamente, dependem umas das outras e onde o todo é sempre comprometido cada vez que uma parte é agredida.

<sup>8</sup> O Banco Mundial (1992), procurando elaborar uma agenda para o desenvolvimento urbano, considera a crise ambiental emergente nas cidades, juntamente com a pobreza, o maior desafio nesse novo século.

<sup>9</sup> O processo de urbanização ocorreu de forma descontrolada, produzindo o fenômeno chamado *urbanização por expansão das periferias*. À medida que a cidade não comportava uma infra-estrutura urbana necessária para dar conta do elevado fluxo migratório oriundo do êxodo rural, os novos moradores viram-se obrigados a construir suas moradias nas zonas periféricas da cidade, desprovidas de serviços urbanos básicos como água, luz, esgoto, asfalto, postos de saúde, etc.

Apesar de identificada e ter seus impactos previstos, a crise ecológica ainda não provocou as necessárias mudanças de hábito. A geração atual continua produzindo e consumindo como se os recursos naturais fossem eternos e com a ilusão de que o avanço técnico resolverá todos os problemas. Ao depredar os recursos naturais e sujar o planeta, as gerações atuais estão dificultando a sobrevivência econômica e impedindo as gerações futuras de ter um meio ambiente de qualidade. Com isso, podem estar provocando um *apartheid* contra as gerações que ainda nem existem.

### **Cidadania: O Elo de Integração do Binômio Idoso/Meio-Ambiente**

Com a radicalização dos problemas ambientais e com a conseqüente ameaça de destruição do homem e de seu meio, as questões relativas ao meio ambiente têm assumido uma dimensão política e passam a fazer parte do exercício da cidadania. Diante disso, devem ocorrer inovações quanto a participação idoso, através da inclusão de preocupações ligadas ao meio ambiente e ao desenvolvimento social, garantindo melhores condições de vida.

Dada a importância e amplitude dos problemas trazidos pela degradação ambiental, não restam dúvidas de que as lutas contemporâneas passam, em todos os níveis pela relação entre seres humanos e meio ambiente, uma vez que a inter-relação homem-natureza é uma totalidade dinâmica, onde um e outro são personagens ativos que contracenam e dependem um do outro.

Considerando que a questão ambiental é inerente à condição humana e já que os conflitos, desigualdades, opressões e dominações também perpassam essa dimensão, nada mais evidente do que concluir que a existência social de uma cidadania ambiental – luta pela realização de direitos ambientais – passa pela participação do idoso.

Essa participação inclui a busca de espaços para a concretização dos princípios e práticas oriundos desse exercício, mas manifesta-se, também, pela produção de novas práticas sócio-ambientais, permitindo novos direitos na vida social da terceira idade e criando mecanismos de *enforcement* para os poderes públicos respeitarem normas que eles mesmos editaram, não obstante aprofundando uma racionalidade da convivência e da emancipação.

Como o homem conseguiu acrescentar anos à vida, ele tem hoje um novo desafio: o de acrescentar vida a esses anos, com um envelhecimento bem sucedido<sup>10</sup> em sinergia com a sociedade através uma contínua participação ativa.

As pessoas da terceira idade podem ser importantes aliados e profícuos colaboradores na ação humana de instruir, educar e advertir as atuais gerações sobre as conseqüências da ação humana na degradação do meio ambiente, pois elas têm muito a oferecer à sociedade e à causa ambiental.

<sup>10</sup> As pessoas sadias e auto-realizadas que têm um processo bem sucedido de envelhecimento, normalmente apresentam um estilo de vida que busca a participação de uma causa exterior a seus próprios interesses, pois são pessoas que transcendem seu próprio processo de individualização e que buscam harmonizar-se consigo e com a natureza, a família e a sociedade.

A possibilidade de transformação está nas mãos da terceira idade, pois como o tempo livre é um suporte social no qual o idoso fica liberado de obrigações institucionais e pessoais, pode defender-se dos padrões utilitaristas e patológicos do ser humano, através da luta por valores que o completem. Com a preeminência de preocupações ecológicas e de novos movimentos sociais, o idoso pode estar ainda engajado em causas que o transcendem, que não envelhecem e que dão significado aos gestos quotidianos, tendo a capacidade de buscar a conformação de uma sociedade ecologicamente equilibrada, onde prevaleça a sustentabilidade, a justiça e a democracia participativa.



Algumas formas de tratar a questão de maneira ampla e inovadora podem ser exemplificadas através da perspectiva de mudança na atitude do idoso quanto ao seu ambiente, segundo iniciativas que sugerem a possibilidade de melhoria no binômio idoso/meio-ambiente no meio local, seja ele meio urbano ou rural.

#### **Tabela I - Sugestões para a melhoria no binômio 3ª idade/meio-ambiente**

- 1) Participação em ações de replantio de árvores.
- 2) O engajamento em mutirões de limpeza e conservação de espaços públicos como parques, praças e jardins.
- 3) Promoção e participação de atividades de educação ambiental em escolas, clubes e associações comunitárias.
- 4) Campanhas de preservação da fauna e da flora.
- 5) Melhoria dos hábitos de consumo, levando em consideração os impactos ambientais da produção de um determinado bem.
- 6) Organização de atividades nos complexos urbanos e visitas guiadas a zoológicos, hortos, parques florestais etc.
- 7) Monitoramento e denúncia de ameaças de poluição ambiental.

*Fonte:* Elaboração própria.

Há nestas experiências ambientais alguns valores que são fundamentais para a construção de um envelhecimento bem sucedido. O estar em grupo para enfrentamento da situação específica é um valor que precisa ser ressaltado, pois em grupo os idosos se ajudam mutuamente, trocam experiências e conhecimentos, superam a auto-imagem negativa e têm mais ânimo para enfrentar as dificuldades, rompendo o isolamento.

Dentre as estratégias de *ecodesenvolvimento*, a participação do idoso poderia vir a implementar localmente o conceito de desenvolvimento sustentável através de



formas participativas com a comunidade e adaptadas à sua cultura e às necessidades econômicas e ambientalmente prudentes.

Ante esta situação, a construção de uma sociedade sustentável, democrática, participativa e socialmente justa passa a ser uma condição *sine qua non* de preservação do meio ambiente, defesa e atuação da própria terceira idade engendrando atividades que criem respeito à natureza e à dignidade do ser humano.

Na perspectiva dos idosos, o fio condutor das propostas sobre desenvolvimento sustentável pode estar voltado também à defesa da cidadania e da democracia participativa, buscando reconhecer o direito de preservação da Terra às futuras gerações e a capacidade que os idosos têm de viverem suas vidas com autonomia e com acesso à interação social, sem restrições de mobilidade, comunicação, educação ou cultura.

Neste sentido, os movimentos sociais e as organizações civis são importantes catalisadores de reivindicação para uma ação participativa da terceira idade na transformação da ordem social vigente em um modelo de desenvolvimento social justo e ecologicamente sustentável.

### **Desafios da Terceira Idade e a Capacidade de Mobilização**

O atendimento ao envelhecimento da população é uma aspiração natural de qualquer sociedade; mas tal, por si só não é o bastante. É importante almejar uma melhoria da qualidade daqueles que já envelhecem ou que estão no processo de envelhecer. Manutenção de autonomia e independência é tarefa complexa que resulta dessa conquista social.

O desafio para os países pobres é considerável; já que no passado, quando as populações dos países europeus começaram a envelhecer, essas nações já eram ricas, a população mundial menor e a sociedade menos complexa. Os países do terceiro mundo, incluindo-se aí o Brasil, ainda não equacionaram satisfatoriamente as necessidades básicas da infância e defrontam-se com a emergência, em termos quantitativos, de um outro grupo etário, também fora da produção econômica, a buscar investimentos para atender a demandas específicas (VERAS, 1995).

Nesse paradigma, o Brasil tem, portanto, que enfrentar um duplo desafio: atender as necessidades do grupo etário que mais cresce no país e, ao mesmo tempo, não descuidar da base da pirâmide etária, sob pena de aumentar as estatísticas de mortalidade infantil e evasão escolar.

Dentre as instituições públicas e privadas, o Terceiro Setor e os Municípios aparecem, no momento, como as mais adequadas e capazes estruturas para responder às necessidades específicas das pessoas da terceira idade, através de atividades físicas, culturais e sociais. A interação do trabalho voluntário com a terceira idade tem sido o ponto de partida em muitos locais e suas conquistas podem ser destacadas em dois planos: no plano pessoal e no plano coletivo.

No plano pessoal, o destaque é para a possibilidade que as pessoas têm de melhorar a auto-imagem, retomar a auto-estima e obter um relacionamento familiar a um nível mais elevado; o que leva os idosos sempre a falar num reviver, num renascer.



No plano coletivo, representam a criação de um espaço de participação, onde o bem-estar com a vida e com a idade passam a ser vividos coletivamente. Ao mesmo tempo, é um espaço de negação do envelhecimento na sua concepção antiga como etapa de perdas, frustrações e falta de perspectivas.

Por último, o espaço oferecido pela participação popular nas esferas locais, possibilita o questionamento da velhice que, colocada apenas num plano de responsabilidade pessoal do tipo “só é velho quem quer”, é redesenhada como uma questão social coletiva, onde o problema não está nas pessoas, mas nas estruturas injustas das sociedades que precisam ser transformadas.

### **A Politização da Questão Ambiental e da Terceira Idade**

Mesmo dez anos após a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento - Rio 92 - a população brasileira continua sofrendo os efeitos perversos gerados por padrões de produção e de consumo inadequados que afetam negativamente o processo de desenvolvimento sustentável. A persistência dessa situação afeta tanto as condições de vida e bem-estar da geração atual quanto aquelas das gerações futuras.

No entanto, a terceira idade brasileira necessita construir um razoável grau de consciência ambiental, juntamente com os dirigentes municipais a fim de convocar todos os demais cidadãos a preparação e implementação de suas Agendas 21 locais<sup>11</sup>.

<sup>11</sup> Agenda 21 é um conjunto de medidas a serem tomadas para a implementação dos princípios da Declaração do Rio, em 1992.

Cabe ao idoso realizar o encontro necessário entre a agenda ambiental e a agenda social, ao enunciar a sua indissociabilidade e necessidade de que a degradação do meio ambiente seja enfrentada juntamente com a ação ativa da terceira idade, na promoção de uma *gestão consorciada* inter-relacionando a construção de uma parceria entre a participação do idoso e a questão ambiental nos municípios, permitindo assim, caminhar rumo à sustentabilidade<sup>12</sup>, com vistas à melhoria da qualidade de saúde<sup>13</sup> e vida da população abrangida, diante de uma estratégia eficiente de articulação e mobilização dos municípios.

As formas definidas de participação do idoso devem combinar demandas populares e políticas públicas<sup>14</sup> do município, onde ele pode influenciar decisivamente nos investimentos a serem feitos, desde serviços a serem prestados diretamente à terceira idade como nas obras de infra-estrutura em geral.

Dessa forma, é fundamental que os idosos descubram os mecanismos de participação popular e entendam como se constitui um poder local, indo além da simples forma de descentralização do Estado, pois o poder local é um espaço privilegiado para a construção da cidadania, nele se efetiva um verdadeiro e concreto aprendizado da gestão da causa pública, por meio dos movimentos sociais que nele se realizam de forma original, colaborando assim para o fortalecimento da solidariedade social.

Os grupos de terceira idade devem pressionar os políticos para que sejam constituídos conselhos comunitários de defesa do meio ambiente e da terceira idade.

A introdução de Conselhos Municipais, combinada aos movimentos auto-organizados de idosos e ecologistas, dentre outros é uma concepção mista, que soma poder público e sociedade civil, onde novas instâncias podem começar a surgir, ampliando e enriquecendo o conceito de participação na elaboração do orçamento local. O objetivo é fazer uma discussão pública, democratizando as decisões sobre o orçamento, enfim, abrindo a “caixa-preta” e inserindo novas relações entre governos e sociedade quanto à discussão sócio-ambiental.

A execução desse projeto deve ser coordenada por um órgão ambiental municipal em cooperação com outros atores locais (públicos ou privados – empresas, ONGs, universidades ou associações), a fim de melhorar a qualidade ambiental nas cidades e contribuir para incentivar os esforços locais no sentido de alcançar o desenvolvimento sustentável, através de um longo processo orientado para a justiça social e ecológica, cujo horizonte deve estar em contínua transformação.

<sup>12</sup> Segundo Ignacy Sachs e Roberto Guimarães, entre outros, as várias dimensões da sustentabilidade são: *a) dimensão ética* – que inclui as gerações futuras como tendo direito a desfrutar da base de recursos; *b) dimensão temporal* – ao romper com o curto prazo e estabelecer o princípio da precaução; *c) dimensão social e política* – ao reconhecer que é imprescindível uma sociedade socialmente mais justa e pluralista para produzir o desenvolvimento sustentável; e *d) dimensão pragmática* – que constata a necessidade da mudança dos padrões de consumo e de comportamento da sociedade.

<sup>13</sup> A relação saúde/ambiente abrange quase a totalidade do campo da saúde. Até os problemas genéticos podem ser estudados em função da sua evolução dentro de determinadas condições ambientais. A preocupação contemporânea com as conseqüências da degradação ambiental no organismo do idoso, então, não sinaliza qualquer ruptura com a epidemiologia. O declínio da mortalidade e o prolongamento da vida não deixam de ser reflexos de um controle ambiental, e esse fator está presente desde as primeiras tentativas de entender a saúde do organismo humano.

<sup>14</sup> O que deve ser introduzido nos discursos é que a palavra pública, associada à política, não é sinônimo de ação estatal ou de ingerência governamental, mas tem identificação com a “res-pública”, isto é, coisa de todos, do povo, e por isso afigura-se como espaço de intervenção e, principalmente, parceria, do Estado e da sociedade.

Para levar a cabo essa tarefa, um dos primeiros passos é a formulação de uma estratégia de gestão e um plano de ação para o meio ambiente. Esse processo de planejamento deve levar em conta as especificidades de localidade, baseando-se na participação e na formação de parcerias comprometidas com o idoso.



Através de um diagnóstico bem elaborado pode-se identificar os principais problemas e reivindicações e propor as principais linhas de uma política de desenvolvimento para o município. Entre essas linhas destacam-se: a qualidade de vida; a questão sócio-econômica da terceira idade; o acesso a novas tecnologias e alternativas de produção que garantam a qualidade e a conservação do meio ambiente; a infra-estrutura produtiva e social; o acesso à saúde gratuita; a valorização do conhecimento e da cultura da população local, a participação dos jovens, mulheres e idosos e sua participação nas decisões que envolvam as políticas para o município.

Nada deve impedir, por exemplo, que além de diretrizes “de cima para baixo” para as questões referentes ao meio ambiente, previdência, saúde, educação e lazer dos idosos existam ações “de baixo para cima” para esses mesmos temas, delineadas por iniciativas locais que visem atender objetivos mais particulares da comunidade.

Uma política local para a Terceira Idade deve ser, acima de tudo, um processo de reconstrução social, que deve se dar “de baixo para cima” e contar com a participação efetiva dos atores sociais.

Se as modificações da sociedade forem buscadas numa perspectiva mais ampla, será possível descobrir uma série de atividades para os idosos em vários níveis, atividades não necessariamente inscritas num desenho único, mas que podem nascer de diferentes inspirações ou necessidades locais e até mesmo serem preparadas a muitas mãos, por inúmeros atores, articulando-se intergeracionalmente. Podem então confluir muitas iniciativas no nível micro da sociedade, a partir de ações à primeira vista limitadas e parciais, mas com potencialidade de irradiação e de contágio, verdadeiros laboratórios de práticas sociais, experiências concretas portadoras de futuro.

Um trabalho assumido coletivamente tem potencial para trazer resultados bastante significativos para a causa ambiental e do idoso, pois o fator educativo na realização de um projeto envolvendo a participação da terceira idade é fundamental

para o crescimento do grupo e para a cristalização de valores básicos, necessários à construção da cidadania e de melhores condições de vida.

O exercício da democracia e a construção de alternativas que possam propiciar a retomada da confiança no poder popular começam do pequeno, do local, do núcleo de convivência mais imediato e ele é a base para projetos mais amplos e abrangentes, podendo ser uma fonte privilegiada de aprendizado no sentido de construção permanente do “novo” e de resgate da memória, visando condições de vida com saúde, dignidade e participação do idoso nos processos de mudança.

Todos estes fatos nos levam a refletir sobre a importância da atuação dos idosos, no papel não só de pressão, como de proposta de alternativas e ajustes; por outro lado também deve se refletir na importância do poder público, pois a este cabe um papel fundamental de tornar os recursos acessíveis, colocando à disposição dos idosos os instrumentos e possibilidades existentes, coordenar os ajustes e mudanças propostas nas políticas e, principalmente, compatibilizar as iniciativas.

## Considerações Finais

Na atualidade, vivemos um tempo de mudanças sociais, ambientais e econômicas, uma época de grandes afirmações científicas ao lado de grandes incertezas e inseguranças que afetam o futuro da vida humana e as relações entre as pessoas.

A modernização e urbanização acelerada, a partir dos anos 50, fomentada por migrações da área rural, bem como, a industrialização, o declínio da família extensa, com posterior transformação em família nuclear e o advento da “cultura de massas” compõem o quadro responsável pela degradação ambiental no Brasil e a marginalização dos idosos, uma vez que essa modernização não se fez acompanhar de estruturas de proteção típicas do Estado de Bem-Estar, como nos países desenvolvidos, onde os mecanismos tradicionais de amparo à velhice, sobretudo a família, foram substituídos por políticas sociais.

Diante dessa situação, hoje, as políticas do meio ambiente e da terceira idade não são um conjunto de princípios listados no papel pelo Estado somente, mas o fruto dos embates travados nesse novo patamar que hoje integra a cidadania.

Portanto, as organizações locais, os movimentos específicos, as comunidades constituem um meio importante de reconstrução do tecido social na terceira idade. Foi nesse contexto de grandes incertezas em relação a escolhas e transformações da vida na sociedade moderna que foram discutidas oportunidades quanto ao surgimento de uma nova agenda para a velhice, buscando assegurar o bem-estar social através de um ambiente saudável com vistas a garantir qualidade de vida do idoso e os padrões de qualidade ambiental.

- ALVES, M.A. *Entendendo o terceiro setor*. São Paulo: FGV, 2000.
- ARIZPE, L.; STONE, M.; MAJOR, D. C. *Population and environment: rethinking the debate*. Boulder: Westview Press, 1994.
- ATTIAS-DONFUT, C. *Génération et ages de la vie*. Paris: PUF, 1991.
- BALTES, P. B.; BALTES, M. M. *Successful aging: perspectives from the behavioral science*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- BANCO MUNDIAL. *Relatório sobre o desenvolvimento mundial 1992: desenvolvimento e meio ambiente*. Rio de Janeiro: FGV, 1992.
- BARBANTI, V.J. *Aptidão física: um convite à saúde*. São Paulo: Manole, 1990.
- BAVA, S. C. Desenvolvimento local: uma alternativa para a crise social? *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 10, n. 3, 1996.
- BEAUVOIR, S. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BOIS, J. P. *Histoire de la vieillesse*. Paris: PUF, 1994.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.
- BRASIL. Ministério da Previdência e Assistência Social. *Plano de ação governamental integrado para o desenvolvimento da política nacional do idoso*. Brasília: MPAS/SAS, 1996.
- CALDERÓN, A. I. Participação popular: uma abordagem da lógica governativa. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 9, n. 4, 1995.
- CAMARANO, A. A. (Org.). *Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros*. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.
- DEBERT, G. G. Envelhecimento e representações sobre a velhice. *Ciência Hoje*, v. 8, n. 44, 1998.
- \_\_\_\_\_. A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 12, n. 34, 1997.
- \_\_\_\_\_. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: USP, 1999.
- DELGADO, G. *Previdência rural: relatório de avaliação sócio-econômica*. Projeto IPEA/MPAS. Brasília: IPEA, 1997.
- DRAIBE, S. M. As políticas sociais brasileiras: diagnósticos e perspectivas. *Prioridades e Perspectivas de Políticas Públicas*, Brasília, v. 4, 1990.
- FRANÇA, A. S. *A previdência social e a economia dos municípios*. Brasília: ANFIP, 1999.
- GUIMARÃES, R. P.; CORDEIRO, H. A.; COIMBRA, M. *Qualidade da vida urbana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

- HOGAN, D. J.; VIEIRA, P. F. (Orgs). *Dilemas socioambientais e desenvolvimento sustentável*. Campinas: Unicamp, 1992.
- HÔTE, J. M. *Brasil: uma política para a velhice já*. Rio de Janeiro: Brascores, 1988.
- MADDOX, A. (Org.). *Encyclopedia of gerontology*. San Diego: Academic Press, 1996.
- MAGALHÃES, D. N. *A invenção social da velhice*. Rio de Janeiro: Papagaio, 1989.
- MARTINE, G. (Org.). *População, meio ambiente e desenvolvimento: verdades e contradições*. Campinas: UNICAMP, 1993.
- MARTINS, J. *Não somos Cronos, somos Kairós*. São Paulo: Abril, 1991.
- MEDINA, C. A. *Participação e trabalho social*. 4.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1980.
- NAVARRO YÁÑEZ, C. J. Globalización y localismo: nuevas oportunidades para el desarrollo. *Revista de Fomento Social*, v. 53, n. 209, 1998.
- NERI, A. L. Chinelo velho para pé cansado. *Tempo e Presença*, São Paulo, ano 14, n. 264, 1992.
- NOVAES, M.H. Psicologia da terceira idade. In: FRONTIN, Paulo de. *Conquistas possíveis e rupturas necessárias*. Rio de Janeiro: Grypho, 1995.
- NICOLA, I. P. Relações entre maturidade de julgamento moral e autoconceito em sujeitos idosos. *Momento*, Rio Grande, v. 14, 2001.
- PEIXOTO, C. A Sociabilidade dos idosos cariocas e parisienses: a busca de estratégias para preencher o vazio da inatividade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, ano 10, n. 27, 1995.
- PELLITERO, M. F. *Ambiente y comportamiento humano*. Salamanca: Varona, 1986.
- SACHS, I. *Estratégias de transição para o século XXI : desenvolvimento e meio ambiente*. São Paulo: Nobel, 1993.
- SAIANE, E. T. O aprendizado como veículo socializador na terceira idade. *Revista de Estudos Universitários*, Sorocaba, v. 27, n. 2, 2001.
- SALGADO, M. A. *Velhice: uma nova questão social*. São Paulo: SESC, 1982.
- SENHORAS, E. M. *O acesso do idoso à UNICAMP através de uma universidade aberta à terceira idade*. Campinas: UNICAMP-PREAC, 2001.
- TORRES, H.; COSTA, H. (Orgs.). *População e meio ambiente: debates e desafios*. São Paulo: SENAC, 2000.
- UNITED NATIONS. *Older persons in countries with economies in transition: designing a policy response*. New York: United Nations, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Population, environment and development*. New York: United Nations, 1994.
- VERAS, Renato Peixoto. *Terceira idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/UNATI, 1995.







# Ação Cultural e Terceira Idade



## Resumo

*Durante os anos 60, o SESC de São Paulo iniciou uma política cultural para a Terceira Idade através dos grupos de convivência, seguidos pelas Escolas Abertas, visando a socialização do idoso e a atualização de seus conhecimentos. Os idosos tornaram-se mais ativos e atuantes e obtiveram inúmeras vitórias, como o Conselho Nacional da Pessoa Idosa e o Estatuto do Idoso. Mas, é preciso pensar não só em uma ação cultural para os idosos, mas também em uma ação cultural da qual os idosos são os sujeitos. Uma das mais importantes contribuições dos velhos é a de preservação da memória social. Os jovens têm uma preciosa oportunidade de conhecer sua história e a história de seu grupo social a partir das evocações dos idosos e, dessa forma, entenderem melhor o momento atual e prepararem melhor o futuro. Portanto, a fala de um velho pode ser um importante fator de desalienação em uma sociedade caracterizada pelo descartável e pelo superficial.*

**Palavras chaves:** ação cultural, terceira idade, política cultural, idosos.

## Abstract

*During the sixties, SESC São Paulo started a cultural policy for the Elderly population via companionship groups and Open Schools, purposing the social interactive life and knowledge updating. Thus, the participants became more active and operating and, a few years later, achieved several goals from this action, such as the National Council for The Elderly and The Elderly Statute. Although it is not only necessary to think about cultural action for this group of people, and also about a cultural action in which the elderly people are the subject of the action. Their most important contribution is the preservation of social memory. Youngsters have a precious opportunity to get to know their history as the social history of their group from them; thus, understanding the present moment is important to prepare their own future. Therefore, the speech of the old people may be a important indicator of social consciousness in the society, currently characterized by superficial approaches.*

**Keywords:** cultural action, Third Age; culture policy; old people.

## JOSÉ CARLOS FERRIGNO

*Mestre em Psicologia Social pela USP.*

*Gerontólogo pela Sociedade Brasileira de Geriatria e*

*Gerontologia e pela Universidade de*

*Barcelona. Assessor da Gerência de*

*Estudos e Programas da Terceira Idade do SESC SP.*

*Coordenador da revista A Terceira*

*Idade. Autor do livro “Co-educação entre*

*Gerações”.*

## Introdução

Esta breve reflexão divide-se em duas partes. Inicialmente pretendo discutir algumas idéias sobre ação cultural para a Terceira Idade. Posteriormente discuto a ação cultural exercida pela Terceira Idade, ou seja, aquela em que os idosos se colocam como sujeitos dessa ação.

Antes, é pertinente delimitar a noção de ação cultural. Podemos considerar ação cultural como uma ação de educação informal, que, por isso mesmo, ocorre mais fora do que dentro das escolas, ação promovida por diversas instituições públicas, como prefeituras e governos estaduais e entidades privadas, como o SESC.

A fim de delimitar com maior precisão o sentido em que aqui se coloca o termo “ação cultural”, recorro às considerações de Newton Cunha (2003, p. 4-7). O autor considera a ação cultural como sendo *“uma intervenção técnica, política, social e econômica, que concebe, coordena, gere ou participa de programas, projetos e atividades relativas a: aprendizado de técnicas e de conhecimentos artísticos e artesanais; difusão de obras ou de experiências estéticas por meio de espetáculos, festivais, exposições, debates, seminários; formação e desenvolvimento de grupos sociais, com objetivos específicos e gerais de melhoria de vida e defesa de direitos civis; educação popular, com temas delimitados, tratamento informal e adesão voluntária; aprendizado de habilidades corporais e esportivas; turismo social”*, etc.

Newton Cunha observa que todo esse empreendimento pode ser entendido como uma luta contra a barbárie, portanto, a favor de um processo civilizatório. Porém, ressalta o autor, há problemas para a avaliação de tal processo. Tais ações, principalmente quando estão a cargo do poder público, além de descontínuas, ficam vulneráveis a interferências políticas e econômicas que dificultam seu aperfeiçoamento e também uma visão mais clara de seus efeitos. A ação cultural pode, no entanto, promover a diminuição das desigualdades sociais, a emergência de talentos, a experimentação de novos interesses e o desenvolvimento de cidadãos capazes de uma análise crítica da realidade social.

## A Ação Cultural para a Terceira Idade

Considerando, então, como referência o conceito de ação cultural que apresentamos, adentremos em nossa temática específica. Como se deram e como se dão as ações culturais voltadas aos idosos no Brasil?

Nos anos 60, época em que teve início o Trabalho Social com Idosos do SESC São Paulo, a questão social dos velhos não estava colocada na ordem do dia. O Brasil ainda era reconhecido como um país jovem. De fato, tínhamos pouco mais de 5% de pessoas maiores de 60 anos, praticamente metade do percentual que temos hoje (que, mesmo assim, ainda se encontra bem abaixo da realidade dos países desenvolvidos). Por seu número relativamente reduzido e pelo isolamento social, esse contingente não possuía visibilidade social, tampouco importância política.

Naquele momento, as poucas ações sociais propostas para os velhos, eram de natureza assistencialista, servindo principalmente para suprir algumas carências

básicas e minorar o sofrimento decorrente da miséria e da doença. Nesta perspectiva, as ações para este setor confundiam-se com a caridade e a filantropia. Em sua maior parte, efetivavam-se através de instituições asilares, mantidas pelo Estado ou por congregações religiosas, com a finalidade de garantir a sobrevivência física do idoso.

A sociedade brasileira não oferecia alternativas de convivência e participação para o idoso saudável física e mentalmente. A inexistência de políticas governamentais para melhorar a qualidade de vida dos idosos; as precárias condições culturais em prol de um envelhecimento sadio; as baixas aposentadorias; a inadequação das cidades às condições físicas do idoso; as dificuldades de acesso a programas de cultura e lazer foram inevitáveis para o confinamento dos velhos, gerando sentimentos de solidão, insegurança e outros problemas psíquicos. Neste contexto nasceu em 1963, no SESC, um programa pioneiro de atividades culturais e de lazer.

Na época, em razão de uma demanda muito intensa de integração social, os Grupos de Convivência se constituíram como o primeiro modelo de trabalho, caracterizado por atividades recreativas e de confraternização. Tais grupos se multiplicaram pelo país afora e ainda hoje representam importante fator de socialização principalmente para idosos de menores recursos econômicos e culturais. Atualmente milhares de núcleos dessa natureza se espalham por todo o Brasil, abrigados em entidades públicas e em instituições particulares.

Em qualquer parte do mundo tais associações oferecem a preciosa oportunidade de se estabelecer vínculos afetivos e de compartilhar preocupações, angústias, sonhos e desejos com aqueles que vivem o fenômeno do envelhecimento. Acima de tudo, os grupos de convivência respondem à necessidade básica do ser humano em qualquer fase da vida de se sentir pertencendo a uma determinada geração. Assim como os adolescentes têm sua turma, também os idosos sentem essa necessidade e têm esse direito. Os interesses e as experiências comuns que caracterizam a noção de geração explicam essa necessidade, pois segundo Karl Mannheim (1952, p. 288) *“Pertencer a uma mesma geração determina certos pensamentos e comportamentos. Seus membros pensam e atuam de certo modo porque ocupam o mesmo lugar em uma estrutura global”*.

Nas décadas mais recentes, não somente o perfil demográfico do brasileiro mudou. A maior presença dos idosos nos espaços públicos não se deve apenas ao incremento demográfico desse contingente etário. Nas últimas décadas, o comportamento dessas pessoas também mudou. Movidos pelo desejo de viver mais intensamente, tornaram-se mais participantes.





A Terceira Idade brasileira se mobilizou na defesa de seus direitos e, como saldo, se organizou em Conselhos Municipais, Estaduais e no Conselho Nacional dos Direitos do Idoso. A conquista do Estatuto do Idoso representa a culminância dessa história de lutas.

Face às exigências desse “novo idoso”, surgem no SESC ao final dos anos 70 as Escolas Abertas da Terceira Idade. Em seguida, no início dos anos 80 várias universidades formam as faculdades abertas. Foram respostas institucionais às necessidades de atualização de conhecimentos para que os mais velhos pudessem acompanhar as transformações políticas, econômicas e culturais de uma sociedade cada vez mais complexa e acelerada, com novas linguagens e tecnologias.

As Escolas para a Terceira Idade fundamentam-se sobre os postulados da chamada Educação Permanente que defende o direito, a possibilidade e a necessidade que tem o ser humano de se educar ao longo de toda a vida. Suas atividades constituem uma ação cultural, conforme vimos anteriormente. Seus objetivos podem ser resumidos em: socialização, atualização de conhecimentos, desenvolvimento de novas habilidades, reflexão sobre o processo de envelhecimento e discussão de novos projetos de vida.

A importância de um processo educacional continuado é justificada de modo muito consistente por Georges Lapassade (1975, p. 225). O autor nos convida a refletir sobre o fenômeno que ele intitula de “inacabamento do sujeito”. Ele nos mostra que, diferentemente de outras espécies, o ser humano nasce prematuro física e psiquicamente e que, além disso, ou por isso mesmo, ao contrário do pensamento dominante, ao longo da vida o homem permanecerá para sempre inacabado.

Esse inacabamento é aqui entendido como uma inexorável e imanente condição existencial. Lapassade combate, assim, o mito da perfectibilidade humana possível de ser alcançada em determinado momento da cronologia do indivíduo, que geralmente é situado no estágio de adulto jovem. Aí reside uma das fontes de discriminação não somente aos velhos, mas também às crianças. Esses extremos do ciclo de vida humano são colocados em posição de inferioridade social. Seres fora do tempo presente, às crianças pergunta-se o que vão ser. Aos velhos pergunta-se o que foram.

Lapassade, ao combater o mito da perfeição do adulto, insiste que o ser humano jamais estará pronto, mas em constante processo de construção, de aprendizagem, até seu último suspiro. Se tal enquadre diz respeito a uma condição humana, Lapassade considera que a incompletude do homem torna-se mais evidente em nossos dias. Em suas palavras, *“o homem moderno aparece cada vez mais, em todos os planos da sua existência, como um ser inacabado. O inacabamento da formação tornou-se uma necessidade, num mundo marcado pela transformação permanente das técnicas, o que implica uma educação permanente”*.

A programação do SESC voltada para os velhos e para todas as demais faixas etárias objetiva a educação pelo lazer, mas também para o lazer. Em outras palavras, busca dar condições às pessoas para que elas aprendam a ocupar de modo criativo seu tempo livre. Tarefa difícil para muitos que só aprenderam a reconhecer o valor do trabalho.

Além de atividades mais reflexivas e teóricas, os alunos da Terceira Idade têm através das oficinas de criatividade, a oportunidade de um trabalho prático. Usando a expressão cunhada por Herbert Head (1986, p. 48-61), os idosos têm a oportunidade de uma “educação nas coisas”, ou uma educação pelos jogos ou pela arte, como sublinha o autor, que distingue a diversão ativa (o esporte amador, por exemplo), de um entretenimento passivo (assistir TV).

Para Head, o entretenimento é formado por ingredientes de uma dieta pobre que não alimenta e da qual logo esquecemos. A “educação nas coisas” é algo que implica um contato direto com os objetos e não apenas um manejo com as representações destes, característica constitutiva do modelo intelectualista de educação. Para essa tarefa, Head vê nas artes um papel fundamental. Para ele, é preciso viver a arte, se quisermos ser permeados pela arte. Através de atividades, explica, como tocar um instrumento, pintar, dançar, etc, passamos a ter mais influência sobre nossa mente e nosso corpo.

O ideal é combinar liberdade e trabalho, transformando trabalho em diversão e diversão em trabalho, defende Head. Completa o autor, *“Quando o que fazemos é o exercício da habilidade e da imaginação humanas em todos os campos do trabalho humano, então as diferenças entre trabalho e diversão, entre arte e indústria, entre profissão e recreação, entre os jogos e a poesia – todas essas distinções desaparecem. O ser humano se torna ser humano total, e seu modo de vida uma contínua celebração de sua força e imaginação”*.

Mas a imagem do lazer não é consensualmente positiva. Há um certo preconceito em relação a esse tipo de atividade, que é visto como desperdício de tempo e improdutividade.

Curiosamente, em uma das pesquisas que realizei (2003, p. 90-91), ouvi esse tipo de crítica de um idoso, usuário do SESC onde apenas pratica aulas de natação porque as valoriza por suas qualidades preventivas e terapêuticas. Esse senhor procura empregar seu tempo de “modo útil”, como ele mesmo disse, fazendo trabalho voluntário, atividade que o deixa satisfeito, orgulhoso e realizado. Mas, notem que, por outro lado, ao mesmo tempo em que revela uma certa “desconfiança” em relação ao lazer, faz uma justa crítica ao individualismo e à falta de sensibilidade de muitos idosos que poderiam dedicar mais tempo a pessoas necessitadas. Nesse ponto desta reflexão, creio que cabem considerações sobre as possibilidades do idoso como agente cultural.

## **O idoso como sujeito da ação cultural**

Essa alusão ao trabalho voluntário do idoso nos faz pensar sobre a figura do velho não apenas como um receptor da ação cultural, mas como seu agente. Antes, porém, de refletirmos sobre a contribuição social do idoso, gostaria de discutir brevemente a própria noção que temos de cultura para, a partir daí, tentar justificar a importância do papel do idoso como um educador.

Afinal, o que é cultura? Evidentemente uma discussão mais aprofundada sobre tema tão complexo foge ao âmbito deste artigo. Para transmitir uma noção de

cultura que me parece fundamental lembro de Alfredo Bosi (1997, p. 33-58). Trata-se um inusitado episódio vivido por ele em Florença, quando lá estava a estudos. Hospedou-se em uma pensão, uma habitação muito antiga que não possuía algo tão prosaico como um chuveiro elétrico. Por isso era obrigado a se deslocar a um banho público de uma estação de trem. Após, várias e divertidas tentativas para resolver o problema, resolveu comprar uma enorme bacia e a levou até a pensão. Ao vê-lo carregar pela rua esse grande e desajeitado objeto, a dona da hospedaria dirige-se a ele e comenta: *“o senhor tem cultura, mas é muito democrático”*, por considerar impróprio a uma pessoa culta o papel de carregador.



Alfredo Bosi, então, passa a desenvolver suas reflexões sobre o que é cultura, a partir dessa mesma frase. O autor considera a frase como reveladora de uma ideologia conservadora, de diferenciação de classe social: o trabalho braçal é feito para quem não tem cultura. A cultura, nessa perspectiva, é entendida como algo que se tem, assim como se tem qualquer outro objeto. Tal posse, nesse modo de perceber a realidade, dá direito a certos privilégios, por exemplo, ser poupado de serviços pesados. A cultura é vista, então como um fator de divisão entre tipos de pessoas, algumas têm, outras, não.

Na condição de uma posse, a cultura é vista como mercadoria ou herança e, portanto, um bem a ser acumulado. Todavia, em vez de perceber a cultura apenas como soma de coisas desfrutáveis, como livros, discos, obras de arte, devemos entendê-la como “fruto de processo de trabalho”, como, aliás, se denota através de sua raiz etmológica. Se a cultura é processo de trabalho, então ela não é exclusiva desta ou daquela classe social, a cultura pertence a todas as classes. E, acrescentaríamos, a todas as gerações. Para Alfredo Bosi ainda, a cultura é “trabalho pensado”, é “vida pensada”, dentro da dialética de ação e reflexão sobre a ação.

Infelizmente, a concepção predominante de cultura promove a divisão da humanidade entre letrados e iletrados, em seres superiores e inferiores e é causa e consequência da exploração e da opressão.

Finalmente, nesse belíssimo texto, o autor aponta a memória social ou histórica, como central para uma visão desalienada e desalienante de cultura e aí a importância dos velhos na transmissão das tradições. As sociedades que esquecerem seu passado errarão sem encontrar a porta de saída, que é a própria reflexão sobre o passado. O ato de lembrar deve ser visto como um ato de desocultação da verdade histórica.

Desenvolvendo raciocínio semelhante e seguindo os passos desenvolvidos por Marx e Lukács, Lucien Goldmann (1991, p. 130-138) argumenta que a reificação ou coisificação da noção de cultura se deve à prevalência do valor de troca dos produtos, típico das economias mercantilistas, sobre o valor de usos dos



mesmos. Isto é, os produtos do trabalho humano não são valorizados pela sua capacidade de satisfazer necessidades específicas. Assim, a cultura reificada, como uma mercadoria, serve para ser trocada por prestígio, privilégio, bens materiais e até dinheiro, ao invés de promover a satisfação de necessidades humanas na perspectiva de uma melhor qualidade de vida e do aperfeiçoamento da cidadania.

Uma nefasta conseqüência da ideologia que não valoriza a cultura como resultado do esforço humano, é a própria desvalorização do trabalho que provoca o desenraizamento do trabalhador, no pensamento de Simone Weil expresso por Ecléa Bosi. Para Weil (1996, p. 411-412), *“o ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. Participação natural, isto é, que vem automaticamente do lugar, do nascimento, da profissão, do ambiente. Cada ser humano precisa ter múltiplas raízes. Precisa receber quase que a totalidade de sua vida moral, intelectual, espiritual por intermédio dos meios de que faz parte naturalmente”*. O trabalhador, alienado do produto e do processo de seu trabalho, cuja força de produção é vendida como uma mercadoria qualquer, deve obedecer ao ritmo e aos horários impostos pela indústria, ficando sem condições materiais e psicológicas para a fruição do lazer e do desenvolvimento cultural.

Completando essa idéia, Ecléa Bosi (1979, p. 134) explica que *“os deslocamentos constantes a que nos obriga a vida moderna não nos permite o enraizamento num dado espaço, numa comunidade (...) O desenraizamento é uma condição desagregadora da memória: sua causa é o predomínio das relações de dinheiro sobre outros vínculos sociais. Ter um passado, eis outro direito da pessoa que deriva de seu enraizamento. Entre as famílias mais pobres a mobilidade extrema impede a sedimentação do passado, perde-se a crônica da família e do indivíduo em percurso errante. Eis um dos mais cruéis exercícios da opressão econômica sobre o sujeito: a espoliação de suas lembranças”*.

No entanto, tais condições sociais adversas ao desenvolvimento humano sempre podem ser revertidas. Analisando como, através da história, a humanidade cria valores como a liberdade, a felicidade, a solidariedade, entre tantos outros possíveis, Agnes Heller (1985, p. 10-11) considera que importa não apenas a realização dos valores, mas sua possibilidade de realização. Ao longo da história surgem momentos de perdas. Mas, essas perdas não anulam a anterior obtenção de valores.

Portanto, para Heller a realização é sempre absoluta, enquanto que a perda é relativa, pois a partir de criado determinado valor, ele passa a existir ao menos como possibilidade. Uma vez constituído, um valor não mais perece. Para isso seria preciso a destruição da espécie humana, ou seja, o fim da própria história. O desespero e a indignação dos homens face à desagregação de valores pode vir a ser uma importante fonte de preservação ou de recuperação desses mesmos valores, conclui de modo otimista a autora.

Assim, se os velhos são os responsáveis pela transmissão das tradições, constatamos, graças às argumentações de Heller que os valores fundamentais são definitivamente incorporados pelas gerações mais jovens, mesmo que permaneçam em

estado latente, ou seja, mesmo que permaneçam ocultos e provisoriamente não realizáveis.

De modo genérico como se dá a contribuição dos velhos para com as novas gerações? Segundo Ecléa Bosi (1979, p. 32) *“há dimensões da aculturação que, sem os velhos, a educação dos adultos não alcança plenamente: o reviver do que se perdeu, de histórias, tradições, o reviver dos que já partiram e participam então de nossas conversas e esperanças; enfim, o poder que os velhos têm de tornar presentes na família os que se ausentaram, pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir, de andar. Não se deixam para trás essas coisas, como desnecessárias. Esta força, essa vontade de revivência, arranca do que passou seu caráter transitório, faz com que entre de modo constitutivo no presente”*.

Sobre a preciosa função social dos velhos através do ato de lembrar o passado diz Ecléa (1979, p. 40-41): *“Um mundo social que possui riqueza e uma diversidade que não conhecemos, pode chegar-nos pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente. A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem-criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual”*.

Em relação à capacidade de contar histórias, exaltando a arte da narrativa, Walter Benjamin (1986, p. 195), já em 1936, lamentava que a mesma se encontra em vias de extinção em um mundo que privilegiava a informação, dispensando a capacidade crítica do ouvinte: *“O narrador não está de fato presente entre nós, em sua totalidade viva. Ele é algo distante, e que se distancia ainda mais (...) São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente (...) É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências (...) A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores (...) Se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio. A cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações”*.

Todas as pessoas que tiveram o privilégio de escutar histórias de quem sabe contá-las, viveu esse clima mágico com ingredientes de muita emoção a que se refere Walter Benjamin. Uma depoente de uma pesquisa que fizemos no SESC (FERRIGNO, 2003, p. 185), nos disse:

*Naquela época, na minha infância ainda não tínhamos televisão. Minhas avós iam à noite para casa, às vezes acabava a luz da casa... onde eu morava não tinha o transformador na rua e a luz demorava muito para voltar. Então, elas ficavam contando histórias de terror! A gente ia dormir com muito medo!*

E confirmando o talento cativante do narrador, nos disse outra entrevistada:

*Minha avó era uma idosa fantástica, a gente chegava, sentava e conversava muito tempo. Os netos não fugiam dela, porque é muito comum, principalmente no*

*Interior, você chegar e falar: ‘benção, vó’ e sair correndo, fugindo da conversa. Só que ela conseguia cativar a gente e segurava a gente por muito tempo, com suas histórias.*

No entanto, as histórias narradas não se resumem ao universo da ficção. A respeito das amplas possibilidades de conteúdo das narrações, esclarece Walter Benjamin (1986, p. 195): *“O senso prático é uma das características de muitos narradores natos. A narrativa tem sempre, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir em um ensinamento moral, uma sugestão prática, um provérbio ou uma norma de vida”*.



A diversidade dos conteúdos práticos, passíveis de serem adquiridos pelos jovens, é repassada pelos idosos. Procedimentos cotidianos, domésticos, como providenciar um remédio caseiro, fazer uma reforma, preparar um prato e arrumar a casa são atividades recordadas com saudade:

Os idosos, principalmente aqueles de origem humilde valorizam o “saber fazer as coisas”, de modo que, como mostra Paulo de Salles Oliveira (1999, p. 291), sem prejuízo da formação escolar, os avós se empenham para que seus netos aprendam os diversos serviços domésticos, porque entendem que eles desenvolvem o senso de solidariedade e responsabilidade, além da consciência do esforço para a manutenção do cotidiano.

Walter Benjamin (1986, p. 195), reafirmando sua constatação de que o dom da narrativa está se perdendo e colocando na figura do velho, o depositário por excelência das experiências a serem repassadas, completa: *“Sabia-se muito bem o que era experiência: as pessoas mais velhas sempre a passavam aos mais jovens. De forma concisa, com a autoridade da idade, em provérbios; ou de forma prolixa com sua loquacidade, em histórias; ou ainda através de narrativas de países estrangeiros, junto à lareira, diante de filhos e netos. Mas, para onde foi tudo isso? Quem ainda encontra pessoas que saibam contar histórias como devem ser contadas? Por acaso os moribundos de hoje ainda dizem palavras tão duráveis que possam ser transmitidas de geração em geração como se fossem um anel? A quem ajuda, hoje em dia, um provérbio? Quem sequer tentará lidar com a juventude invocando sua experiência?”*

A sabedoria dos velhos desde as anotações de Benjamin prossegue sendo desperdiçada pela sociedade de consumo, alienada de sua própria história. Todavia, tanto a ação cultural da qual os idosos são o público alvo, quanto a ação cultural da qual eles podem e devem ser os sujeitos, trazem a promessa de dias melhores. Tais ações se somam aos esforços de todos aqueles voltados para a construção de uma sociedade mais justa, humana e solidária.

## Referências Bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. *Documentos de cultura, documentos de barbárie*. São Paulo: Cultrix: EDUSP, 1986.
- BOSI, Alfredo. Cultura como tradição. In: BORNHEIM, Gerd. et al. *Cultura brasileira: tradição/contradição*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.
- CUNHA, N. – *Dicionário SESC: a linguagem da cultura*. São Paulo: Perspectiva: SESC, 2003.
- FERRIGNO, J.C. *Co-educação entre gerações*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: SESC, 2003.
- GOLDMANN, Lucien. *Dialética e cultura*. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- HEAD, Herbert. *A redenção do robô*. São Paulo: Summus, 1986.
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- LAPASSADE, Georges. *A entrada na vida*. Lisboa: Edições 70, 1975.
- MANNHEIM, Karl. The problems of generations. In: \_\_\_\_\_. *Essays on the sociology of knowledge*. London: Routledge and Paul, 1952.
- OLIVEIRA, Paulo de Salles. *Vidas compartilhadas: cultura e coeducação de gerações na vida cotidiana*. São Paulo: Hucitec: FAPESP, 1999.
- WEIL, Simone. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Organização Ecléa Bosi. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.





# Ensino Interdisciplinar para Atividades Produtivas na Terceira Idade



## Resumo

*Este artigo procura mostrar que é possível motivar pessoas da terceira idade a continuar seus estudos. Neste caso a experiência foi feita com aplicação de ensino interdisciplinar alternativo em que o professor era um facilitador. O educando, ao compreender a necessidade de dar continuidade à sua busca de conhecimentos, poderá ingressar na universidade ou visar uma reinserção no mercado de trabalho, onde novas atividades produtivas tornam-se possíveis, trocas sociais se juntam a remuneração. A metodologia consiste numa pesquisa bibliográfica para conhecer teoricamente o processo de envelhecimento, seguida de uma pesquisa de campo, com entrevistas informais e questionários aplicados.*

**Palavras chaves:** *motivação, educação, terceira idade.*

## Abstract

*This paper tries to show that it is possible to motivate senior citizens to continue their educational program. In this case modules of interdisciplinary studies were applied by teachers acting as facilitators. By understanding the need to continue their educational program, the students (senior citizens) will achieve new perspectives on self realization, social exchanges and remuneration. The methodology consists on a bibliographic review in order to look at the process of becoming aged theoretically followed by a field research based on informal interviews and questionnaires applied.*

**Keywords:** *motivation, education, senior citizens.*

## **OFÉLIA GOMES MACHADO**

*Matemática, Pedagoga, Especialista em psicopedagogia. Doutora e Mestre em engenharia de produção pela Universidade Federal de Santa Catarina.*

## **FRANCISCO ANTONIO PEREIRA FIALHO**

*Engenheiro Eletrônico. Psicólogo, Mestre em Engenharia do Conhecimento e Doutor em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina*

## A Terceira Idade em Joinville

Tendo elaborado um projeto de ensino interdisciplinar para a terceira idade na cidade de Joinville onde existe um projeto de que a universidade se estenda à terceira idade, fui a campo conhecê-la. Foi surpreendente o número de idosos com o segundo grau, dispostos a participar de uma discussão que levasse à busca de autocrescimento e reciclar-se para novas atividades adequadas à sua capacitação, mas também correspondente aos seus desejos. Da entrevista inicial com os futuros alunos verificou-se que 79% tinham o segundo grau completo o que possibilitaria a elaboração dos módulos com conteúdo cultural.

Não chega ser surpreendente em uma sociedade onde cada vez mais se utiliza da força de trabalho da mulher, que o número de pessoas de terceira idade do sexo feminino (54%), seja superior ao de participantes do sexo masculino (46%). O estado civil nos mostra que 50% são casados. Quanto à idade, 79% se situam na faixa etária entre 60 a 63 anos, contra 21% assim distribuídos: 4% com idade entre 58 a 59 anos e 17% com idade 64 a 73 anos.

A interpretação dos dados, 4,73% são aposentados e 27% não o são, deve incluir o lembrete de que os não aposentados são assim chamados por não terem na carteira de trabalho o registro de tempo de serviço em anos suficientes para a aposentadoria. O fato é preocupante pois nega-se a eles um direito incluído na legislação que não está sendo respeitado. É justificável que 61% dos indivíduos de terceira idade tenham como seu último local de trabalho a “empresa”, pois o município de Joinville destaca-se como pólo industrial.

Quanto aos motivos da aposentadoria foi de destaque os apenas 9% por motivos de saúde, mostrando que em Joinville as pessoas entrevistadas tendem em sua maioria a completar os anos de trabalho necessários para aposentar-se. Levando-se em consideração o registro do motivo de aposentadoria, 91% não é por doença, justifica-se o percentual de 41% de aposentados no período de tempo de serviço entre 20 a 30 anos de efetivo trabalho.

Há nos registros referentes à função exercida, a informação de que 24% desenvolveram funções administrativas e 76% foram técnicos e operadores. A análise quanto ao número de dependentes revela que 73% do salário está atrelado a 1,2 ou 3 dependentes.

Havia interesse das pessoas de terceira idade em desenvolver atividades produtivas, porém faltava motivação. Procuramos despertar esta motivação através de um processo educacional

As pessoas entrevistadas em locais públicos de Joinville, foram escolhidas por sua aparência física pertencentes a terceira idade. Encontrei-as em praças, filas de banco no dia do recebimento da aposentadoria, shoppings restaurantes, ruas e até no cemitério no dia por ocasião do dia de finados.

Dos 127 entrevistados tivemos depoimentos como: “(...) Vejo a aposentadoria como uma decadência do ser humano, onde os valores dados a ele a cada dia são mais precários e preteridos pela sociedade”. “(...) Objetivo é oferecer uma nova oportunidade? Então estou pronto para mais esse desafio”. “(...) Será um belo apren-

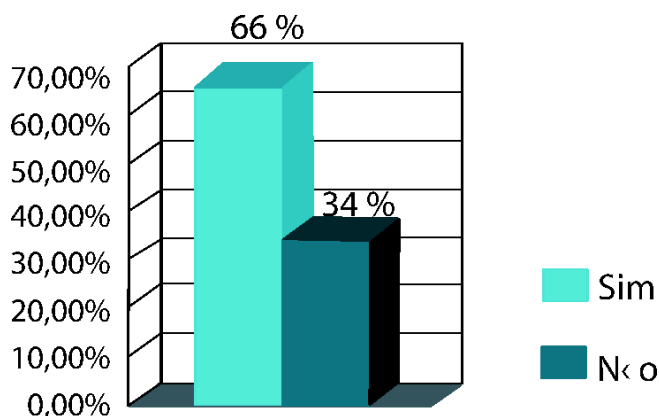


dizado e o brotar de uma nova esperança”. “(...) A aposentadoria me separou de tudo que eu gostava na vida”. “(...) Esta oportunidade importante , vem para estimular , renovar e reanimar meus sonhos de retornar ao trabalho”. “(...) A sociedade está demonstrando preocupação com sua responsabilidade social e sobre tudo a consciência de novos caminhos , vencendo preconceitos e fazendo a diferença”.

Esses depoimentos nos revelaram que as expectativas da aposentadoria acalentadas nos últimos três anos de vida ativa se desfizeram rapidamente. Suas trocas sociais foram se estreitando. Esta passagem provocou uma insatisfação com a condição de inativo e ao mesmo tempo uma dificuldade de voltar para uma atividade produtiva.

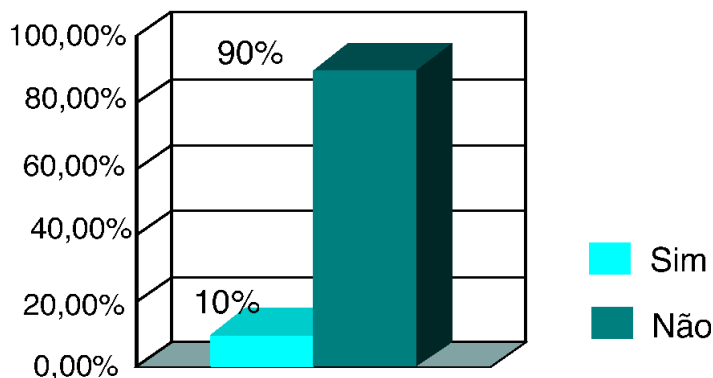
Três foram as perguntas feitas relativas a esta volta:

### 1 – Gostaria de voltar ao mercado de trabalho?



No que se refere ao tema trabalho, é possível verificar, pelos dados sistematizados no gráfico 1, que 66% do total do público alvo gostaria de voltar ao mercado de trabalho.

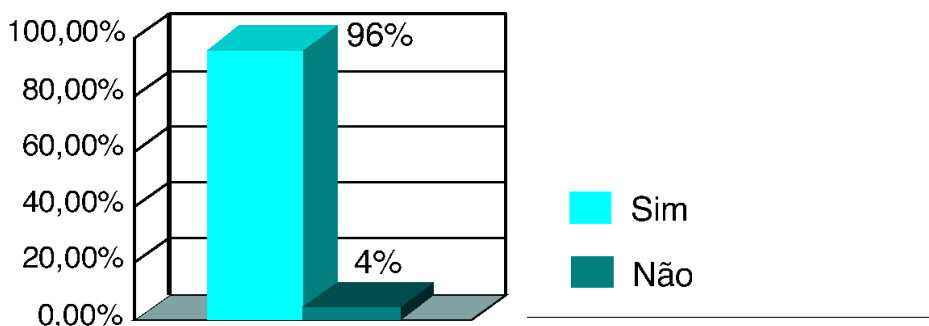
### 2 – Gostaria de voltar ao mercado de trabalho na mesma função?





Esta percentagem de 90% que registra o gráfico 2 sobre a expectativa de retornar ao mercado de trabalho, mas não na mesma função, sugere que a rotina foi desgastante e a curiosidade por novas funções os motiva a aprender novos conhecimentos. Entre os vários motivos apresentados para esta resposta, o mais recorrente foi: “o esforço não foi recompensado”. Daí a necessidade desta reciclagem afim de motivá-los ao desenvolvimento de atividades produtivas.

### 3 – Participaria de uma preparação/módulo de ensino para o desenvolvimento de atividades produtivas?



Em relação às formas de viabilizar este retorno a uma revisão e atualização do conhecimento através da participação nos módulos de ensino interdisciplinares, 96% responderam que participariam.

Enfatizou-se que a participação nos encontros de ensino não deveria servir como promessas de emprego ou indicação de colocações futuras, e sim para motivar a participação no contexto atual do mercado de trabalho, que requer informações sobre a globalização de mercados, a competitividade, as inovações tecnológicas, a educação contínua, ética e cidadania, novos tipos de serviços, abertura do setor financeiro, terceirização, empreendedorismo.

A insatisfação com a vivência de aposentado levou-os rapidamente à aceitação do convite para participarem dos módulos de ensino interdisciplinar que propusemos. O projeto tomou vida própria a partir da receptividade que encontrei nas palavras deles e das sugestões sobre temas que os interessavam. Foram estruturados nove encontros de ensino interdisciplinar, num total de trinta e seis horas-aula, tendo em comum o tema “motivação para o desenvolvimento de atividades produtivas”. O tema abordado enfatizou o conhecimento de diferentes disciplinas como: português, matemática, geografia, noções de informática, estatística, sociologia, psicologia.

A equipe interdisciplinar foi montada com professores convidados de várias disciplinas, alguns empresários e pessoas da comunidade. Muitos encontros foram necessários para organizar o conteúdo afim de que não houvessem repetições. O necessário era que trouxessem o contexto atual tanto da vida profissional como de todas as outras atividades sociais.

A preocupação ia além do conteúdo formal do ensino, visava criar um elo para que voltassem em busca de mais conhecimento e informações no encontro seguinte. Essa motivação era muito importante pois só pôde ser desenvolvida porque as pessoas se mostraram encorajadas a buscar um lugar no mercado onde pudessem utilizar seu conhecimento.

Pudemos constatar que os alunos, procuravam uma oportunidade de oferecer sua disponibilidade, experiência, talentos e sentimentos. Notava-se que procuravam uma solidariedade que os fizesse sair do “eu” para entrar no “nós”. Julgamos que graças a essa receptividade e encorajamento das pessoas da terceira idade a sociedade poderá conservar ou reencontrar sua unidade. A realidade social adversa que procura impedir a reinserção utiliza uma velha idéia que já não corresponde à vivência atual de uma pessoa idosa.

Pudemos observar que o educando adulto interage o tempo todo com o professor, empresários e pesquisadora mostrando uma receptividade muito grande. Sua posição diante da aposentadoria mostrou-se crítica quanto à condição de excluído.

### **O contato com os empresários**

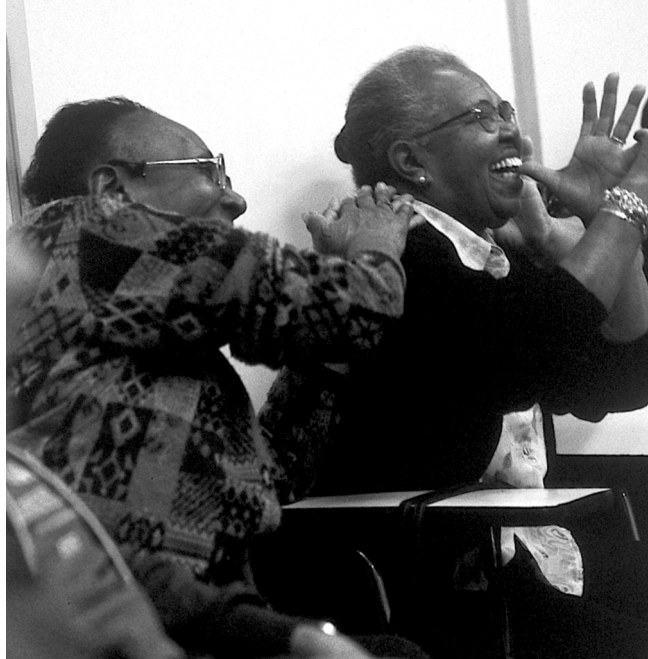
Paralelamente à pesquisa foram feitos contatos com alguns empresários de Joinville através de cartas de apresentações de associações de classe como por exemplo a AJORPEME. Deles resultaram contribuições valiosas não só com observações sobre a possibilidade de absorverem a força de trabalho da terceira idade, mas também com a participação de alguns deles nos módulos dialogando diretamente com os participantes. Outros responderam ao questionário enviado e outros ainda a entrevistas abertas.

Quanto a possibilidade de absorver a força de trabalho da terceira idade, os empresários mostraram abertura para a idéia do retorno de aposentados desde que apresentassem as atitudes adequadas como: “(...) Boa vontade, iniciativa e algum conhecimento específico da rotina do trabalho (Men des & Barcelos Ltda)”; “Disposição e entusiasmo para o trabalho (Colchões Center)”; “Os benefícios geradores estão no concurso de sua gama e manancial de conhecimentos e experiências para o leque das atividades e serviços. (Buschele & Lepper S)”; “Os benefícios gerados através da prestação de serviços por funcionários idosos nada mais é que estar colocando os indivíduos no mercado de trabalho e mostrar para eles mesmos que ainda possuem muito (grifo dele) para mostrar para à sociedade que não possuem limitações (Angeloni)”; “Os benefícios gerados na experiência profissional e de vida, dedicação, interesse, responsabilidade (Exatacor)”.

Diante dos dois grupos definidos o professor facilitador pôde despertar nos participantes a capacidade adormecida. Era também de interesse da pesquisa saber como os participantes estão vivenciando a terceira idade. Para isto se fez outro questionário com 11 perguntas:

### **1 – Qual é sua atividade predileta?**

O registro das das respostas expõe o interesse pelas atividades caseiras. Estas são para as mulheres o tricô, o crochê e a pintura, com o percentual de 53%. No entanto, o percentual de 19% de ambos os sexos demonstrou preferência em estar sozinho, em atividades como ler e assistir televisão, bem como entrar em contato com pessoas através de serviço voluntário: como fazer visitas, participar de entidades. Por último, com um percentual bastante pequeno (7%) estão os que se envolvem com atividades religiosas. As pessoas estavam dispostas a assumir uma atividade produtiva pois gozavam de boa saúde e tinham já um envolvimento anterior.



### **2 – O que deixa o idoso feliz ?**

Pode-se observar que o que mais alegra as pessoas da terceira idade é a família, com um percentual de 39%. Já o diálogo com filhos e netos representou 15%. Possibilidade de colaborar para a manutenção da família, foi a opinião de 25% dos entrevistados. Os fatores: condições e liberdade de ir e vir, bem como ajudar as outras pessoas, ficaram com percentuais de 12% e 9% respectivamente.

### **3 – Seus filhos lhe dão a atenção necessária?**

56% acredita que seus filhos lhes dão muita atenção e os visitam com frequência; 21% afirma que seus filhos não lhes dão a atenção que merecem; 19% consideram que estão completamente abandonados e apenas 4% dos entrevistados comentam que seus filhos não lhes dão atenção, devido a interferências de noras ou genros.

### **4 – O que mais valeu à pena em sua vida?**

O casamento que deu origem à família foi o que mais valeu para 32% dos entrevistados. Os filhos, ou seja, acompanhar todo o seu desenvolvimento, vê-los hoje realizados, ficou com o percentual de 29%. Sentir que o trabalho valeu a pena, 19%. Viver, sonhar com os dias de mocidade e perceber que esse foi o melhor período de suas vidas, 20%.

### **5 – Como imaginava que fosse a velhice?**

39% não pensaram na velhice como algo que deveria ser planejado, como se a velhice não fizesse parte da vida. Outro grupo (25%) não imaginava que um dia pudesse ficar velho, com o pensamento de que a velhice só chegaria para os outros; 12% registraram medo, tristeza e solidão, não querendo envelhecer. Apenas 9% pensavam na velhice com muito amor, rodeada pelas boas lembranças, filhos e



netos. Este tipo de resposta tende a mudar com o desenvolvimento da nossa sociedade onde a preocupação com o futuro não poderá ser deixada para o INSS e o encargo dos filhos.

#### **6 – Tem amigos com quem passa horas de lazer?**

A maioria (38%) passa horas de lazer com adultos da família, conversando; 28% dizem ter amigos da mesma idade e que isto é muito bom, devido à troca de experiências e lembranças. Um número bem acentuado (31%) também se diverte com os netos, escutando as queixas dos adolescentes e fazendo parte das brincadeiras. A amizade representa um elo muito forte de ligação entre as pessoas de terceira idade, o que mostra que o tamanho da cidade de Joinville ainda permite manter contatos com certa frequência entre velhos amigos.

#### **7 – No decorrer de sua vida, quais as coisas que mais sofreram modificações?**

31% revelam que novas maneiras de viver trouxeram o progresso, melhoraram os meios de comunicação e as cidades cresceram; 25% foram obrigadas a mudar de nível de vida, devido à desvalorização do dinheiro; 28% acreditam que os jovens têm liberdade em excesso, sem responsabilidade, com problemas relacionados ao uso de drogas e influência negativa dos meios de comunicação; 16% acreditam que a educação mudou para pior.

## **8 – Se pudesse voltar à juventude, o que faria diferente?**

Com relação à possibilidade de voltar à juventude, 42% dizem que estudariam mais, para terem um trabalho mais digno e dar mais condições à família. 24% consideram tudo tão bom que não mudariam em nada. 17% educariam os filhos de maneira diferente. Outro percentual não tão significativo, fariam as coisas certas, mais pensadas, para não se arrependem depois. Apenas 5% teriam interesse em planejar a velhice. Com esta resposta pudemos confirmar que a motivação principal para sua volta ao mercado de trabalho é o desejo de contribuir mais para sua família, dando ênfase à educação como meio de obtenção de um trabalho melhor.

## **9 – Que conselhos daria aos jovens, para que melhor direcionassem suas vidas?**

A maioria, 43%, escolheu o estudo, para ter chances melhores de vida, tanto economicamente como na formação. 35% escolheram o trabalho, para garantir um alicerce para sua família. Alguns (16%) aconselhariam uma vida honesta, tanto no trabalho como no relacionamento com as pessoas. Fazer uma boa escolha para o casamento, pois desta escolha vai depender a felicidade, foi a opinião de 3% dos entrevistados, assim como 3% aconselhariam a crer em Deus, ter fé, valorizar a religião e pensar na velhice com muito amor.

## **10 – Importância do matrimônio na vida de uma pessoa?**

Para a maioria (75%) o casamento foi muito válido. Viver a dois, compartilhar e dividir foi muito significativo. Para outros, o casamento valeu mesmo pelos filhos (12%). Também para 12% a vida a dois não foi tão boa, mas a vinda dos filhos superou essas dificuldades. O casamento foi uma triste experiência, um tempo de vida inútil, perdido, para 10% dos entrevistados. Um pequeno grupo (3%) relata que não casaram por não ter encontrado a pessoa certa.

## **11 – A Aposentadoria compensou o tempo de trabalho?**

Grande parte, 60%, relata que se fossem viver só da aposentadoria teriam que mendigar, pois o salário do aposentado é muito baixo. Outros 25% têm que continuar trabalhando, pois o que ganham às vezes não cobre o que gastam com remédios. Apenas 15% acham que compensa. Essa foi uma forte motivação para a participação nos módulos de ensino.

Expectativas em relação aos módulos de ensino ministrados.

A seguir, pareceres e sugestões dos participantes sobre os módulos de ensino interdisciplinares ministrados:

“Realmente as palestras e encontros devem ter continuidade, pois, com certeza, irão motivar muitas pessoas que já pensavam estar esgotado o seu trabalho e certamente encontraram um novo alento para continuar prestando serviços e vivendo, o que é muito importante”.

“Gostei muito de ter participado das palestras. Era o que eu estava precisando, pois estava me sentindo desmotivada, devido ao abandono em que estão as pessoas aposentadas e com certa idade, apesar de muitas delas ainda terem condições físicas e psicológicas para voltarem ao mercado de trabalho. A idéia do projeto foi excelente e tenho certeza que dará muita alegria e ânimo a pessoas que já estavam se sentindo "sem serventia"”.

“Fiquei muito contente com todos os palestrantes. Que bom que surgiu gente como vocês para motivar os outros. Eu estou muito feliz, gosto muito de trabalhar”.

“Achei grande a motivação pela palestra. O professor Ingo, jovem, falando para nós faz muito bem”.

“Sugiro trazer nos próximos encontros palestras com enfoque em processos de custos”.

“Um exemplo para nós de garra, otimismo e persistência”.

“Fiquei muito feliz em rever nossas amigas e professoras lutando para levar sua missão através dos tempos”.

“Gostei muito do que escutei, eu vou procurar me aperfeiçoar mais. Fiquei bastante satisfeita”.

“Os módulos foram muito bons, gostei. Fiquei muito interessado, as palestras abriram minha mente e me deram mais energia e coragem. Agradeço aos professores e empresários”.

O aspecto estimulante das palestras atingiu em cheio o objetivo principal dos módulos:

“A palestra foi ótima, toca fundo o pessoal que está na terceira idade e que tem muito ainda para colaborar. Precisamos dessas "injeções" de ânimo num mundo em que em geral as pessoas estão desmotivadas. Mas ainda existe esperança porque tem gente boa que pode mudar esta situação. Nesta palestra notei que existem realmente essas pessoas que acreditam que podemos fazer algo para melhorar toda essa situação atual, basta unirmos forças positivas com pessoas afins, que não acham que o lucro está acima do social”.

“Estou feliz, pois mais uma vez assisti dois jovens empresários, dando exemplos de esperança de vida, se preocupando e motivando seu semelhante, mostrando que não devemos nos acomodar e ver a vida passar, e sim sermos úteis”.

“Gostei muito, aprendi que ainda podemos desenvolver atividades produtiva. Além de aprender podemos também ensinar. Adorei as palestras. A palestra do empresário Tirone foi muito motivadora”.

A satisfação do grupo de terceira idade durante a aplicação dos módulos de ensino interdisciplinares fica evidente. A maioria manifestou o desejo de dar continuidade ao processo de ensino, inclusive reforçando a participação de determinados palestrantes. Além deste retorno positivo, fez-se necessário apurar quais foram as principais mudanças comportamentais desses alunos.





### **Avaliação das mudanças observadas no grupo de terceira idade após a aplicação dos módulos**

Depois de um intervalo de três meses, foi reunido o grupo de participantes para acompanhamento das principais mudanças na rotina destes indivíduos. Com essa investigação buscou-se também conhecer o significado de estar “inativo” e as reais possibilidades de terem modificado este significado. Do público de 78 participantes dos encontros, 56 idosos (72%) compareceram para registrar por escrito suas respostas.

Sobre as efetivas mudanças que os idosos observaram no seu cotidiano após a participação nos encontros (pergunta 1), 34% manifestaram sentimentos de valorização pessoal; 23% retomaram seu interesse pela leitura; 16% decidiram voltar e/ou continuar a estudar; 12% apresentaram mudança na forma de ver e entender o mundo e 15% dedicaram-se à pesquisa de novos projetos e a retomada de atividades profissionais, anteriormente desenvolvidas pela família.

A pergunta 2 apurou qual foi o uso prático da motivação para retomar o desenvolvimento de uma atividade produtiva. Percebeu-se que 40% aumentaram seu interesse no contexto geral de suas rotinas enquanto cidadãos; 19% manifestaram coragem na busca de uma atividade remunerada; 21% foram à procura real de um trabalho; 10% apresentaram melhora no desempenho de suas atividades voluntárias. 7% reutilizaram equipamentos com finalidades produtivas e 3% obtiveram um emprego.

A pergunta 3 foi direcionada para os outros assuntos que interessariam aos idosos na composição de outros módulos. A preferência temática do grupo foi de 37% para leitura e produção de textos; 22% por temas da atualidade e saúde; 18% por assuntos relacionados à legislação (direitos e deveres) da terceira idade; 21% relativos a atividades do terceiro setor; 2% para as informações da área de informática.

Entre as declarações registradas nesta última avaliação acerca das mudanças observadas pelos idosos, destacam-se:

“Pretendo aumentar meu trabalho como voluntário”.

“Quero passar para outras pessoas o que eu aprendi durante os módulos”.

“Vou viver e aproveitar os muitos conhecimentos que adquiri durante os módulos”.

“Preciso retomar a atividade que minha família desenvolvia”.

“Vou matricular-me num curso, sem preconceito de dizer que sou da terceira idade”.

“Estou motivada a aprender música”.

“ Vou fazer um curso de informática”.

“Vou abrir uma micro-empresa para descobrir velhos talentos”, ou seja, empresa de recursos humanos com foco no público idoso.

“ Vou ser um empreendedor”.

“ Vou abrir um comércio de quitutes caseiros”.

“ Vou abrir um consultório para trabalhar no aconselhamento de pessoas idosas”.

“Já estou providenciando a matrícula no curso de idiomas (espanhol)”.

Esses depoimentos comprovaram mudanças em algum aspecto da vida das pessoas da terceira idade após a participação nos módulos.

Se for dada à terceira idade a oportunidade de atualização através de módulos de ensino interdisciplinares é possível despertar a motivação necessária ao reingresso no mercado de trabalho. Foram verificadas significativas mudanças quanto à motivação para o desenvolvimento de atividades produtivas ocorridas nos indivíduos de terceira idade após a aplicação de um modelo pedagógico alternativo.

## Conclusão

A velhice é um processo natural pelo qual todo ser humano irá passar. Espera-se que haja uma preparação para as possíveis dificuldades que a idade possa trazer. Com a idade avançada, os problemas relacionados à saúde tornam-se mais frequentes, a solidão pode ser mais constante; os filhos se casam, às vezes fica-se viúvo, a aposentadoria que deveria proporcionar qualidade de vida, na maioria das vezes não corresponde às expectativas.

As pessoas de uma forma geral, não se preparam para a velhice e quando chegam neste estágio da vida, sentem-se abatidas e desmotivadas, declaram o repentino quadro depressivo pelo evento da aposentadoria e da exclusão do mercado de trabalho.

A participação das pessoas de terceira idade nos módulos estimulou-as a desenvolver atividades que resultaram em contribuição efetiva à comunidade em diversas atividades de serviço social, voluntário ou remunerado.

Os resultados mais encorajantes foram o fato de 3% dos participantes terem voltado a trabalhar e 10% das pessoas apresentarem melhorias na prestação de serviços voluntários nas organizações de bairro. Sem demérito dos outros resultados, esses dois últimos percentuais revelam, de forma inequívoca, o sucesso do modelo de alternativa pedagógica para a motivação para a vida nessa faixa etária. Desta

forma, a abordagem destes aspectos exige cuidadosa atenção, assim como as ações concretas dos setores comprometidos com a solução dos problemas ocorrentes na cidade de Joinville, pois envolve desde a exploração do trabalho do grupo de terceira idade até sua total marginalização.

Neste sentido, a avaliação estatística dos módulos mostrou, através do cálculo das frequências relativas, que 72% dos indivíduos de terceira idade que participaram dos módulos se sentiram motivados para voltar três meses depois para um acompanhamento de sua rotina e verificar em que medida houve mudança. Essa avaliação final permitiu uma reflexão sobre os itens que melhor foram compreendidos e puderam ser utilizados como ferramenta de reinserção ao mercado de trabalho.

### **Sugestões à montagem de futuros módulos**

O número de encontros terá que ser aumentado com vistas a um público mais variado com exigências que não foram atendidas por estes módulos. O espaço universitário caracterizou a seriedade e motivou a volta aos estudos. O intervalo entre os módulos não foi fixo. A pedido dos participantes, os próximos devem ser semanais e a duração mínima de seis meses.

A presença de 82% dos participantes no primeiro encontro, manteve-se constante nos módulos seguintes. O ideal seria 100%, meta que se pretende atingir com a criação de um banco de dados de idosos mostrando um potencial para a continuidade dos estudos.

Os participantes reconheceram vantagens na participação dos módulos valorizando as abordagens. À luz das sugestões dos indivíduos de terceira idade, outros eventos dessa natureza devem ser realizados. No entanto, para que tal iniciativa envolva um número cada vez maior de pessoas, é preciso que os meios de comunicação, as empresas públicas e privadas e as instituições de ensino constituam-se em parceiros eficazes na concepção e implementação de novos encontros.

A Lei n. 8.842 que regulamentou a Política Nacional do Idoso e o Estatuto do Idoso tem por objetivo assegurar os direitos sociais dos idosos e promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade, principalmente as futuras gerações. Sendo assim, acredita-se que, através da educação, este elo entre os indivíduos jovens e velhos poderá vir a existir.

### **Recomendações**

A partir do estudo realizado com esta pesquisa é possível apresentar algumas recomendações de trabalhos futuros a serem efetuados:

a) Levantar o perfil do indivíduo de terceira idade em termos de conhecimento, motivação para estudar e outros fatores que contribuam para a concepção de ambientes de aprendizagem mais específicos para atender às necessidades e características dos idosos;

b) Identificar os mecanismos de comunicação que estimulem o desenvolvimento da cultura e da educação para uma finalidade produtiva;

- c) Realizar estudos sobre modelos pedagógicos, visando adaptá-los às novas situações de ensino para a terceira idade;
- d) Trabalhar (superar) o desafio de voltar às carteiras escolares;
- e) Sugerir a implantação de universidade para terceira idade na região nortecatarinense.

É preciso criar possibilidades reais de crescimento humano, oferecidas à terceira idade, que apostem no potencial e na capacidade de aprendizagem do idoso e na intencionalidade da educação libertadora e transformadora. É preciso desmistificar a crença de que pessoas idosas deveriam parar de trabalhar, parar de sonhar, enfim... parar de viver.

Se, nos dias de hoje a velhice é vista como um problema social é necessário a devida preparação para a quebra deste preconceito que implicará na mudança de valores e ações. Dessa forma, o processo educacional pode desencadear essa transformação. A educação pressupõe a formação do homem e sua integração à coletividade. A continuação deste estudo poderá ser feita pela adequação dos estudos desenvolvidos na Universidade Aberta à Terceira Idade, aos estudantes da amostra e aos que vierem se candidatar na cidade.

## Referências Bibliográficas

- AZAMBUJA, Thaís. *Expressão e criatividade na terceira idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará –UERJ, 1995.
- BERNARDINI, Lúcia Maria Nannetti. *A terceira idade na universidade FURJ-UNIVILLE*. 1995. 85f. Monografia (Especialização em Recursos Humanos) - Universidade da Região de Joinville, Joinville, 1995.
- BIRMAN, Joel. BARBÁRIE. *Cidadania e desejos*. Boletim de Novidades Pulsional, ano VII, n.6, abr. 1994.
- BOBBIO, Norberto. *O tempo da memória*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- BRASIL. Lei n. 8.842, de 4 de janeiro de 1994. *Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso*.
- BRASIL. Lei n. 10.173 de 9 de janeiro de 2001. Altera a lei n. 5.869 de 11 de janeiro de 1973 - Código de processo civil, para dar prioridade de tramitação aos procedimentos judiciais em que figure como parte pessoa com idade igual ou superior a sessenta e cinco anos.
- BRITO, Carlos Roberto de. *Reapropriação do corpo do idoso através de atividades recreativas*. Sprint, Rio de Janeiro, ano XI, n.58, jan./fev. 1992.
- BUSTAMANTE, Antônio; MENÉNDEZ, Concha. *Una ergonomía en evolución*. Curso de Especialista Superior em Gerontologia Social de Barcelona (Apostila). São Paulo: SESC, 1996. Disponível em: <<http://www.eps.ufsc.br/disserta97>>.

- BUTLER, Robert. *A revolução da longevidade*. O Correio da Unesco, ano 27. n. 3, mar. 1999.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. *Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia*. São Paulo: Loyola, 1996. (Coleção Realidade Educacional, 4).
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- FURTADO, Elen Salas. *Terceira idade: enfoques múltiplos*. Motus Corporis Revista de Divulgação Científica do Mestrado e Doutorado em Educação Física, Rio de Janeiro, v. 4. n. 2, nov. 1997.
- GONÇALVES, Francisca dos Santos. *Análise da prática pedagógica: interdisciplinariedade e construção coletiva do conhecimento*. Educação e Sociedade, São Paulo, ano XV, n. 49, dez. 1994.
- GRINBERG, Abrahão ; GRINBERG, Bertha. *A arte de envelhecer com sabedoria*. São Paulo: Nobel, 1999.
- IBGE. *O papel do idoso na família e a sua opção para o estudo*. IBGE Divulga tábua da vida. Press Release. Informação para a Imprensa, n.61. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 4 abr. 2000.
- LORDA, C. Raúl; SANCHES, Carmen Délia. *Recreação na terceira idade*. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.
- NERI, Anita. *Qualidade de vida e idade madura*. Campinas: Papirus, 1994.
- NICOLAOU, Joseana Maria et al. *Interdisciplinariedade: uma questão de arte*. Consciência, Palmas-PR, v. 12, n. 2, jul./ dez. 1998.
- QUARESMA, Maria Lurdes. *Política da velhice: análise e perspectivas*. Revista de Psicologia, Porto Alegre, v.2, 1988.
- PETRAGLIA, Izabel Cristina. *Interdisciplinariedade: o cultivo do professor*. São Paulo: Pioneira: Universidade São Francisco, 1993.
- SHALOMI, Zalman Schachter. *Mais velhos mais sábios: uma visão nova e profunda da arte de envelhecer*. Rio de Janeiro: Campus, 1996.
- SKINNER, B. F. ; VAUGHAN, M. E. *Viva bem a velhice: aprendendo a programar a sua vida*. Tradução Anita Liberalesso Neri. São Paulo: Summus, 1985.
- SCHETTINO, Thaís Sena; SPITZ, Clarice. *Proibido para menores de 60. Ecologia e Desenvolvimento*. São Paulo, ano 10, n. 79, 2000.
- VERAS, Renato. P (Org.) *Terceira idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro*. Rio de Janeiro: Relume - Dumará: UNATI / UERJ, 1995.
- ZANELLI, José Carlos; SILVA, Narbal. *Programa de preparação para aposentadoria*. Florianópolis: Insular, 1996. v.1



# Qualidade de Vida, Atividade Física e Envelhecimento



## Resumo

*Para investigar a relação entre qualidade de vida, prática de atividade física e envelhecimento, 113 participantes com idade igual ou superior a 60 anos foram alvo de uma entrevista estruturada. Foi utilizado um formulário para caracterizar a amostra e outras variáveis relevantes, e o instrumento de avaliação de qualidade de vida da Organização Mundial da Saúde WHOQOL-Bref. A amostra foi dividida em quatro grupos equivalentes: 30 indivíduos que praticavam atividade física não estruturada; 22 indivíduos que praticavam atividade física estruturada; 28 indivíduos que praticavam ambas as formas de atividade física; e 33 indivíduos sedentários. Constatou-se que tanto quem pratica quanto quem não pratica atividade física possui um alto nível de qualidade de vida, não havendo correlação entre as duas variáveis, mas nota-se que a amostra pertence a um grupo com condições socioeconômicas privilegiadas. O estudo também revelou que os indivíduos que fazem atividade física tendem a avaliar melhor sua saúde do que os que não fazem. Os sedentários indicam maiores problemas de saúde em relação aos praticantes de atividade física. Concluiu-se que a atividade física promove a saúde e não é o único fator a ser considerado; a qualidade de vida é multideterminada.*

**Palavras-chaves:** bem-estar subjetivo; exercício físico; idosos.

## Abstract

*In order to research the life's quality, physical activities and aging, 113 people after sixty, were submitted on structured interview. The applied method was WHOQOL-Bref, used by the Health World Organization to evaluate quality of life. The sample was broken up in four equivalent groups, as: 30 people whose physical activities weren't structured; 22 people whose physical activities were structured; 28 people whose physical activities were also structured and non-structured and 33 people were sedentary. The results showed that there were no link between the group who practice physical activities and the sedentary one and both have a high quality of life. The high life's quality in this case may be understood after considering the high social-economics level of these groups. It also shows that people who practice physical activity tend to evaluate better their health than the sedentary group. The sedentary group claims healthy problems more than the other group. So, it can be said that physical activity is one way to get a good health, but there are several ways to get it.*

**Keywords:** life quality; physical exercise; old people.

## FRANCES GERALDA ROSA

*Bacharel em Psicologia e Graduada em Formação de Psicólogo na Universidade Braz Cubas, Mogi das Cruzes/SP.*

## MARLI GERALDO

*Administradora de Empresas, Pós-Graduada em Recursos Humanos pela FAAP e Graduada em Formação de Psicólogo na Universidade Braz Cubas, Mogi das Cruzes, SP.*

## MELINA GOMES BUENO DE AVILA

*Bacharel em Psicologia e Graduada em Formação de Psicólogo - Universidade Braz Cubas, Mogi das Cruzes, SP.*

## INTRODUÇÃO

Qualidade de vida, atividade física e envelhecimento têm sido relacionados amplamente na literatura, e esta enfatiza a importância da atividade física em todas as etapas da vida, visando alcançar um envelhecimento bem sucedido. Com o objetivo de investigar a relação entre qualidade de vida, prática de atividade física e envelhecimento e, com o intuito de verificar como os profissionais da área de Psicologia poderiam atuar junto a esta população, foi desenvolvido este estudo para que a partir de seus resultados seja possível planejar programas de saúde para esta população.

Sabe-se que o envelhecimento populacional é um fenômeno de âmbito mundial e mais intenso no continente europeu (IBGE, 2003). No Brasil, os dados do último censo de 2000, realizado pelo IBGE demonstraram que a população com 60 anos ou mais de idade era de 14.536.029, deste total 55% eram mulheres e 45% homens, dentre os quais 24.576 eram idosos com 100 anos ou mais. Em 1996, eram 16 idosos para cada 100 crianças; em 2000, quase 30 idosos para 100 crianças. A Organização Mundial de Saúde (OMS) prevê que até o ano de 2025 o Brasil será o 6º país do mundo com o maior número de pessoas idosas.

O aumento da população idosa deve-se ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia médica, que possibilita o aumento gradativo da expectativa de vida do ser humano. A elevação do número de idosos decorre também da redução na taxa de fecundidade e da diminuição da taxa de mortalidade infantil (IBGE, 2003).

Além destes aspectos, Berquó (1992, p.51) assinala que o envelhecimento populacional pode resultar também de “movimentos migratórios seletivos por idade”. Segundo Chaimowicz (1997) na medida em que os anos de vida ganhos não sejam vividos em condições de independência e saúde o envelhecimento populacional pode passar a representar mais um problema que uma conquista da sociedade. Pode-se dizer que a saúde física e a saúde mental são fatores importantes que contribuem para que o indivíduo idoso seja independente.

Na área da Psicologia, pode-se dizer que existem diversos campos de atuação que contribuem para o bem-estar do idoso, como a elaboração de programas de mudanças de atitudes em relação ao envelhecimento. Tais programas vão desde a educação infantil, orientando, inclusive, os professores na escolha de textos; na formação de recursos humanos no sentido de transmitir conhecimentos para enfermeiros e fisioterapeutas; no atendimento clínico (psicoterapia de grupo) para intervenções em situações de crise; na reabilitação cognitiva, utilizando técnicas lúdicas; na orientação e apoio familiar; na assessoria a instituições asilares entre tantos outros (NERI, 2003). Além disso, hoje, pode-se atuar também em academias de ginástica específicas para esta faixa etária, com o intuito de proporcionar segurança aos idosos.

Conforme verificado na revisão de literatura, está ocorrendo um aumento significativo da atenção dada ao processo do envelhecimento e, atualmente, muito se ouve falar no idoso, seja nas produções científicas ou no senso comum. Parece que um novo olhar está se constituindo sobre a velhice. Assim, é fundamental definir o que se entende por idoso.



## O indivíduo idoso

Há várias teorias sobre o envelhecimento. Segundo Neri (2003), a Organização Mundial da Saúde (OMS) delimita que a idade para se considerar a velhice em países desenvolvidos começa aos 65 anos; nos países em desenvolvimento onde a expectativa de vida é menor e as condições sócio-econômicas menos favoráveis, essa fase tem início aos 60 anos. A Organização das Nações Unidas (ONU) divide os idosos em três categorias: os pré-idosos (entre 55 e 64 anos); os idosos jovens (entre 65 e 79 anos); e os idosos de idade avançada (com mais de 75 ou 80 anos) (IBGE, 2003).

Segundo alguns autores (Papalia e Olds, 2000; Meirelles, 1997; Rauchbach, 1990), a “idade” não é só considerada como um aspecto cronológico, pode-se também considerá-la no sentido biológico, social ou psicológico. Bassit (1999, p.33) afirma que *“o processo de envelhecimento está relacionado com a nossa vida inteira, porque reflete o nosso nascimento, crescimento, amadurecimento, as formas pelas quais vivemos a nossa vida e os eventos que configuraram e influenciaram a nossa existência”*. Segundo a autora (2002, p. 175), *“[...] o envelhecimento é uma experiência diversificada e sujeita às influências de diferentes contextos sociais, históricos e culturais”*.

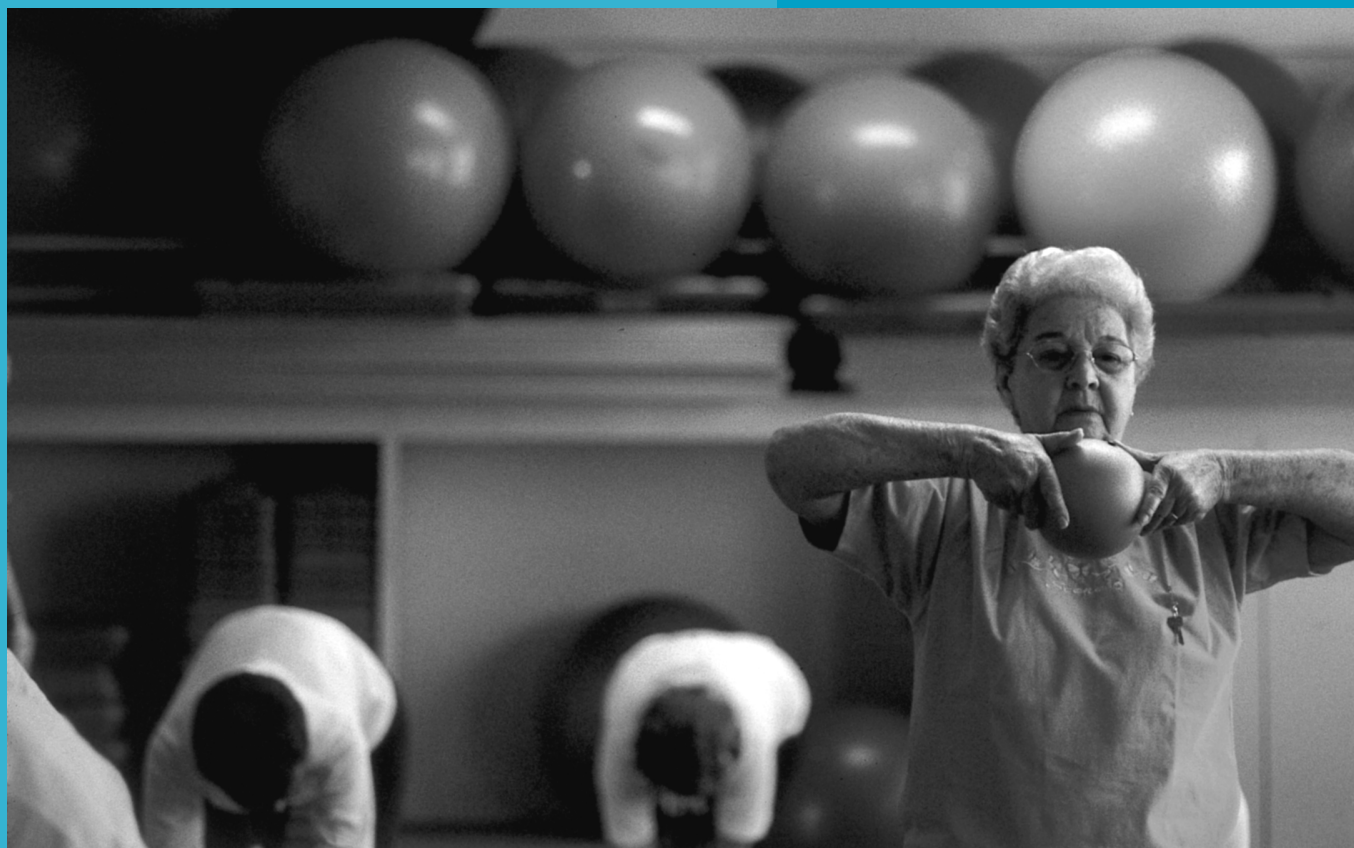
Fries (1990, apud NERI, 1993) salienta que o envelhecimento assume um caráter de experiência heterogênea e que, na verdade, o modo de envelhecer depende da maneira como cada indivíduo organiza e vivencia seu curso de vida, das circunstâncias histórico-culturais, dos fatores patológicos que podem interferir na sua saúde e dos fatores genéticos e ambientais.

Para Duarte (s.d.), o envelhecimento é um processo que apresenta algumas características: *“é universal, por ser natural não depende da vontade do indivíduo; todo ser nasce, desenvolve-se, cresce, envelhece e morre. É irreversível, apesar de todo o avanço da medicina [...] nada impede o inexorável fenômeno, nem o faz reverter. É heterogêneo e individual, em cada espécie há uma velocidade própria para envelhecer... É deletério, danoso, pois leva a uma perda progressiva das funções. É intrínseco”*.

Pode-se, portanto, notar que é polêmico adotar uma idade para classificar o idoso em virtude da complexidade do processo de envelhecimento. Todavia, considerar-se-á para este estudo de levantamento o indivíduo idoso com 60 anos ou mais, levando em conta o critério adotado pela Organização Mundial da Saúde e as considerações de Deps (1993), no que se refere ao fato de a idade estar relacionada a regras e expectativas sociais específicas.

## Atividade física e qualidade de vida

O termo atividade física, segundo Barbanti (2003), *“[...] num sentido mais restrito é todo movimento corporal, produzido por músculos esqueléticos, que provoca um gasto de energia”*. Porém, não foram consideradas neste estudo as atividades da vida diária (AVD). Para esta pesquisa, considerou-se como atividade física



quaisquer atividades não estruturadas, isto é, que não sejam obrigatoriamente sistemáticas ou orientadas por um profissional habilitado, como caminhada, corrida, ciclismo, jogo de bocha, entre outras e, também, as estruturadas (orientadas), ou seja, natação, hidroginástica, ginástica e outras.

Chodzko-Zaiko (1999 apud OKUMA; FERRAZ, 1999, p.82) afirma que *“o principal objetivo da participação do idoso nos programas de atividade física é a preservação e recuperação de uma ótima qualidade de vida. Embora seja difícil defini-la, é de concordância entre todos que ela depende da complexa interação entre diversos fatores que incluem saúde física, bem-estar emocional, satisfação social e, para alguns, bem-estar espiritual”*.

Porém, quando se refere à qualidade de vida o termo subsequente e imediato é saúde, saúde no seu sentido mais amplo: físico, psíquico e social; contudo, para mantê-la ou adquiri-la, faz-se necessário cultivar e praticar hábitos saudáveis, dentre os quais inclui-se a atividade física. Todavia, o quanto de atividade física é suficiente em termos de saúde ainda está em aberto, mas Colantonio (1998) ressalta que o Colégio Americano de Medicina Esportiva (ACSM, 1995) recomenda trinta minutos ou mais de atividade física, no maior número de dias possível. Pode-se dizer que, se isto ocorrer, é dado um grande passo rumo à melhoria da saúde e da qualidade de vida.

Qualidade de vida foi definida pelo Grupo de Qualidade de Vida da Organização Mundial da Saúde como *“a percepção do indivíduo de sua posição na vida, no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações”* (FLECK et al, 2000). Neste caso, foram contemplados para o construto qualidade de vida três aspectos fundamentais: a subjetividade, a multidimensionalidade e a presença de dimensões positivas (como a mobilidade) e negativas (como a dor).

Segundo Segre e Ferraz (1997), *“entende-se que qualidade de vida seja algo intrínseco, só possível de ser avaliado pelo próprio sujeito”*. Neste caso, prioriza-se a subjetividade de cada indivíduo. Sob esta mesma ótica, Neri (2001) concorda que a qualidade de vida percebida é por definição um elemento subjetivo. Existem outros termos equivalentes à qualidade de vida na velhice, tais como: bem-estar psicológico, bem-estar percebido, bem-estar subjetivo, envelhecimento satisfatório ou bem-sucedido (NERI, 1993).

Segundo Deps (1993), há evidências de que a atividade física tem implicações sobre a qualidade e a expectativa de vida. A autora destaca que a atividade contribui para a prevenção das doenças prolongando o tempo de vida e que repercute de maneira favorável no desenvolvimento, favorecendo a saúde física e mental.



Chaimowicz (1997) evidencia que a prática regular de atividade física, mesmo se iniciada após os 65 anos, contribui para uma maior longevidade, melhora da capacidade fisiológica, redução do número de medicamentos prescritos, benefícios psicológicos, como melhora da auto-estima, entre outros.

Nota-se na literatura consultada que as pessoas ainda têm uma certa resistência em praticar atividades físicas. Ainda não se sabe se existem fatores que levam as pessoas a realizar ou não atividades físicas. O conhecimento preciso desses fatores muito facilitaria o aumento de pessoas fisicamente ativas, contribuindo para a manutenção da saúde (OKUMA; FERRAZ, 1999). Contudo, não se sabe se o desinteresse das pessoas em praticar atividades físicas é por falta de informação sobre os benefícios da mesma ou por falta de oportunidades para praticá-las.

A atividade física parece contribuir para um melhor funcionamento do organismo das pessoas em geral e, neste sentido, é notório que ela pode interferir na maneira como se envelhece. Assim, estar junto a essa população para melhor entender seus anseios, seus valores e, sobretudo suas emoções, para orientá-los e mostrar-lhes que mesmo no envelhecimento é possível viver com qualidade de vida, pode representar um caminho para uma sociedade “melhor”.

## Método

Utilizou-se como amostra 113 indivíduos de ambos os sexos residentes em cidades da Grande São Paulo, cuja idade era igual ou superior a 60 anos, sendo este, o único critério para inclusão. A amostra foi dividida necessariamente em quatro grupos equivalentes, ficando assim constituída: um grupo composto por 30 indivíduos que praticavam atividade física não estruturada; um grupo composto por 22 indivíduos que praticavam atividade física estruturada; um grupo de 28 indivíduos que praticavam ambas as formas de atividade física e um grupo composto por 33 indivíduos sedentários, ou seja, que não praticavam nenhum tipo de atividade física.

O instrumento utilizado para avaliação das variáveis foi o WHOQOL-bref (OMS, 1998), que possui 26 questões. O WHOQOL-bref tem validade e fidedignidade e avalia quatro domínios: físico, psicológico, relações sociais e meio ambiente. Alguns aspectos contribuíram para a decisão do uso do referido instrumento nesta pesquisa, tais como validação para o contexto nacional, aliado a um bom desempenho psicométrico com praticidade de uso, rápida aplicação e fácil acesso.

Juntamente com o WHOQOL-bref, foi aplicado um formulário para uma entrevista dirigida contendo várias perguntas fechadas relativas aos dados sociodemográficos, à prática regular de alguma atividade física e à avaliação da própria saúde. Ressalta-se que em todo o processo da pesquisa, especialmente durante a coleta de dados, foram obedecidos todos os princípios éticos dispostos na resolução nº 196/96, do Conselho Nacional de Saúde (1996), especificamente, no seu artigo IV, que aborda o respeito à autonomia do participante da pesquisa, garantido-lhe, entre outros direitos, o seu consentimento livre e esclarecido, o sigilo das informações e a privacidade. Os participantes assinaram o Termo de Consentimen-

to em duas vias e o instrumento foi aplicado de acordo com o procedimento padrão estabelecido pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

## Resultados

A amostra pesquisada foi composta predominantemente por participantes do gênero feminino (83,19%; n=94). Quanto à idade, obteve-se uma média geral em anos de 68,42 ( $\pm 6,72$ ; < 60; > 95), sendo a idade média em anos do gênero masculino de 69,16 ( $\pm 9,22$ ; < 60; > 95) e do gênero feminino de 68,27 ( $\pm 6,14$ ; < 60; > 90). Analisando esse contingente populacional segundo o estado conjugal, 73,68% (n=14) dos homens eram casados, enquanto que 44,68% (n=42) das mulheres eram viúvas.

Quanto à escolaridade por gênero, verificou-se que o gênero feminino apresentou uma certa tendência a ter menor escolaridade; isto ficou evidente por haver participantes do gênero feminino analfabetas (2,13%; n=2) e também uma menor proporção de idosas (7,45%; n=7) com educação superior do que o gênero masculino (26,32%; n=5). No geral, 70,80% (n=80) dos participantes possuem ensino fundamental.

Em relação às condições socioeconômicas, percebe-se que a renda familiar desta amostra é relativamente alta, pois somente 40,70% (n=46) dos sujeitos, ganham até três salários mínimos vigentes por ocasião da coleta de dados. Nesta amostra, as idosas têm poder aquisitivo inferior ao dos idosos; 27,70% (n=26) delas ganham até dois salários mínimos contra 10,50% (n=2) do gênero masculino. Esse resultado, de algum modo, era esperado, pois os bairros nos quais foram coletados os dados, em sua maioria são de um padrão socioeconômico privilegiado.

Quanto a variável atividade física constatou-se que 70,80% (n = 80) da amostra pesquisada praticam atividade física, sendo que 72,34% (n=68) deste universo eram do gênero feminino e 63,16% (n=12) do gênero masculino. Apesar de, aparentemente, o estudo demonstrar que os idosos fazem atividade física, este resultado não representa necessariamente a realidade, pois, para compor a amostra, como ressaltado anteriormente, buscou-se constituir quatro grupos equivalentes, sendo que três deles deveriam praticar atividade física.

As atividades mais comumente praticadas são caminhadas (70,00%; (n=56); seguida de ginásticas (46,30%; n=37) e atividades aquáticas (natação/hidroginástica) (18,80%; n=15). Com relação à frequência da atividade, os que praticam caminhada (75%; n=42) caminham mais de três vezes por semana, seguida da ginástica (51,35%; n=19) que também faziam com a mesma frequência; na modalidade atividades aquáticas (53,33%; n=8) praticavam de 1 a 2 vezes por semana.

Em relação ao tempo em que os participantes praticavam as atividades físicas foi encontrado por unanimidade, um maior percentual na prática da atividade física por mais de seis meses, sendo na modalidade ginástica (100%; n=37) dos participantes; na modalidade caminhada (96,43%; n=54) e na modalidade atividades aquáticas (93,33%; n=14).

Dos 70% (n=56) que praticavam caminhada, 100% não recebiam nenhum tipo de orientação profissional; na modalidade ginástica (46,30%; n=37), 100% desenvolviam a atividade sob orientação profissional e na modalidade atividades aquáticas (18,80%; n=15), 86,67% dos participantes faziam a atividade orientada.



Dos participantes do gênero feminino que praticavam atividade física (85%; n=68), 67,60% (n=46) caminhavam 50% (n=34) faziam ginástica e 20,60% (n=14) preferiam atividades aquáticas. No gênero masculino (15,00%; n = 12), as porcentagens são de 83,30% (n=10) para caminhada, 25,00% (n=3) para ginástica e 8,30% (n=1) para atividades aquáticas. Percebe-se que, para ambos os gêneros há uma predominância na modalidade caminhada.

Ao se comparar a escolaridade das pessoas que praticavam ou não atividade física, constatou-se que tanto quem fazia (68,75%; n=55), quanto quem não fazia (75,75; n=25) tinha escolaridade predominante no ensino fundamental. Houve uma tendência de quem fazia atividade física a ter um nível de escolaridade mais alto, mas isto não foi significativo.

Em relação à saúde, foi realizada uma pergunta de múltipla escolha na qual o participante poderia avaliar sua própria saúde. Foram utilizados cinco escores: “muito ruim; fraca; nem ruim nem boa; boa e muito boa”. Dos 80 praticantes de atividade física, 57,50% (n=46) avaliaram a própria saúde como “boa” e 22,50% (n=18) avaliaram como “muito boa”. Já para os que não praticavam atividade física (n=33), (48,48%; n=16) avaliaram a própria saúde como “nem ruim nem boa” e 42,42% (n=14) como “boa”. Reforça-se, assim, a relação entre a prática de atividade física e a percepção positiva, que o indivíduo tem de sua saúde.

Quando questionados sobre o problema de saúde atual mais relevante, dos praticantes de atividade física (n=80), (37,50%; n=30) disseram que não tinham nenhum problema, seguido de (28,80%; n=23) com problema de coluna, osteoporose, artrose, entre outros. No caso dos não praticantes de atividade física, apenas 12,10% (n=4) não apresentavam nenhum problema, porém 33,30% (n=11) indicaram outros problemas, sendo o principal problema o de coluna (63,64%; n=7). Assim, os sedentários indicaram maiores problemas de saúde em relação aos praticantes de atividade física.

Quando se compararam as médias nos quatro domínios da qualidade de vida, inclusive o aspecto global, medidos pelo WHOQOL-Bref dos idosos que faziam e não fazem atividade física, constatou-se que tanto quem praticava quanto quem não pratica atividade física possui um elevado nível de qualidade de vida, não havendo, portanto, correlação entre as duas variáveis. Estes dados, porém, devem ser analisados com cautela, pois a amostra pertence a um grupo privilegiado com condições favoráveis de sobrevivência, o que, talvez, não represente a realidade geral. A propósito, não se pode considerar que um indivíduo sedentário e inativo não possui qualidade de vida, pois estaríamos excluindo outros fatores que são importantes e proporcionam a qualidade de vida desejada, seja no âmbito social, cultural ou afetivo (SIGOLI, 2002).

No geral, observou-se que a média da qualidade de vida da amostra de idosos numa graduação manteve-se elevada. Esse nível de satisfação com a qualidade de vida evidenciado pelos idosos em todos os domínios do WHOQOL-Bref pode ser resultante de uma condição privilegiada em que esses indivíduos vivem. Assim, essa amostra não sofre as conseqüências impostas pela sociedade, tais como as atribuições e agressões econômicas, sociais e ambientais e tantas outras emoções negativas que os idosos, geralmente, vivenciam em seu meio, de acordo com as concepções de vários autores (BOSI, 1994; DEPS, 1993; BEAUVOIR, 1990).

Quando se compararam as médias nos quatro domínios da qualidade de vida, inclusive o aspecto global, por gênero, constatou-se que o gênero feminino tende a ter menor qualidade de vida no que diz respeito ao domínio do meio ambiente e no aspecto global.

Os resultados obtidos nas correlações entre qualidade de vida e renda familiar, demonstraram relações positivas nos domínios Físico, Psicológico, Meio Ambiente e Global. Assim, isto indica que quanto maior o poder aquisitivo do indivíduo, mais elevada sua qualidade de vida.

Na análise da variável saúde, os dados revelaram que há correlação com todos os domínios da qualidade de vida, exceto no domínio Relações Sociais. Pode ter ocorrido um viés durante a aplicação do instrumento WHOQOL-Bref, visto que no quesito 21, referente à vida sexual do indivíduo, houve um grande número de participantes, em geral viúvos ou separados, que alegaram não ter vida sexual. Estes preferiram, portanto, ficar sem responder.

Foram calculadas as médias dos domínios da qualidade de vida aferidos pelo WHOQOL-Bref, assim como a diferença entre eles. Os dados mostram que no





aspecto Global e no domínio Relações Sociais a qualidade de vida desta amostra tende a ser mais positiva. Nos domínios Físico e Psicológico, apresentam-se resultados equivalentes, denotando a indissociação entre corpo e mente. O domínio Meio Ambiente é o domínio em que a qualidade de vida é o mais negativo dos quatro, inclusive o aspecto Global. Esta amostra, provavelmente, qualificou de forma negativa as questões pertinentes a este domínio, por não estarem satisfeitas em relação às várias dimensões vividas (segurança física e proteção; ambiente no lar; ambiente físico como poluição, trânsito, clima; recursos financeiros; serviços de saúde; transportes entre outros).

É relevante que outras pesquisas sejam realizadas para que sejam produzidos mais conhecimentos sobre o assunto com o intuito de compreender melhor a complexidade do envelhecimento e sua associação com a qualidade de vida.

## Considerações Finais

Concluiu-se, portanto, que a atividade física está diretamente associada com a promoção da saúde e que a qualidade de vida é multideterminada. A atividade física pode contribuir nos domínios físico, psicológico e social do indivíduo, mas não é o único fator a ser considerado.

Os resultados deste estudo evidenciaram também que a natureza da atividade física mais praticada é a caminhada e que a predominância nesta modalidade ocorre tanto para o gênero feminino quanto para o masculino. A caminhada é unanimemente praticada sem nenhuma orientação profissional. Aqui, cabe reiterar que, apesar da modalidade caminhada ser considerada como uma atividade de baixo impacto, na qual os riscos de uma lesão são mínimos, seria prudente que os idosos e outras pessoas que optassem pela prática da atividade física procurassem uma avaliação médica para se enquadrar conforme suas capacidades físicas.

Pode-se deduzir, portanto, que realmente a caminhada é uma atividade de menor risco e, que as pessoas preferem, talvez, por não gerar gastos, não se prender a horários fixos e depender de outras pessoas. Nesse sentido, a caminhada pode ser um agente facilitador para uma maior adesão dos indivíduos idosos à prática de uma atividade física, uma vez que já está demonstrado cientificamente que ela pode produzir benefícios físicos, psicológicos e sociais.

Outra medida a ser tomada é a de aproveitar o sucesso desta modalidade e estendê-la à população idosa mais carente, seja por meio de ONG's, associações ou esforço individual de cada um, uma vez que não há custos financeiros para a sua prática. Há que se aproveitar para disseminar os benefícios da atividade física entre indivíduos mais jovens, pois como se pôde verificar ao longo deste estudo, o processo de envelhecimento está relacionado a todas as etapas da vida. É necessário divulgar, também, que pequenas mudanças no hábito de vida podem acarretar uma longevidade independente. Conseqüentemente, com esta sensibilização gradativa, poderiam correr grandes benefícios tanto para o bem estar individual quanto para a saúde pública. Acredita-se que um trabalho profilático é, no primeiro momento, o

mais adequado para se prevenir o sofrimento humano, buscando a promoção da saúde e revertendo conceitos já enraizados.

Vale destacar que o instrumento de avaliação da qualidade de vida WHOQOL-Bref apresentou certas limitações. Outras limitações também ocorreram devido às pesquisadoras não disporem de tempo hábil e recursos financeiros suficientes, o que levou à realização da pesquisa dentro de uma área física pouco extensa, junto a um público com características semelhantes no que se refere ao nível socioeconômico e cultural.

Mas, espera-se que este estudo, somado a outros, contribua para que os indivíduos possam ter condições de envelhecer bem, para que os futuros idosos não sejam estigmatizados, e para que esta fase da vida seja melhor compreendida e respeitada em sua plenitude. O envelhecimento bem sucedido deve ser a meta.

## Referências Bibliográficas

BARBANTI, V.J. *Dicionário de educação física e esportes*. 2. ed. São Paulo: Monole, 2003.

BASSIT, A. Z. Histórias de mulheres: reflexões sobre a maturidade e a velhice. In: MINAYO, M.C.S.; COIMBRA JR, C.E.A. (Orgs.). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

BASSIT, A.Z. *Histórias de mulheres: o envelhecimento sob a perspectiva de diferentes cursos de vida*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

BEAUVOIR, S. *A velhice*. Tradução Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BERQUÓ, E. Envelhecimento populacional no Brasil e suas conseqüências. In: PEREIRA, D.M. (Org.). *Idoso: encargo ou patrimônio? O envelhecer em São Paulo*. São Paulo:CMV, [1992].

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CHAIMOWICZ, F. A saúde dos idosos brasileiros às vésperas do século XXI. *Revista de Saúde Pública*. São Paulo, v. 31, n. 2, abr.1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 24 nov. 2003.

COLANTONIO, E. Vida saudável: a importância da atividade e do exercício físico na qualidade de vida. *Sprint*, São Paulo, n. 91, p. 9-12, jan./fev. 1998.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (Brasil). Resolução nº 196/96: Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Disponível em: <<http://www.conselho.saude.gov.br/docs/Resolucoes/Reso196.doc>>. Acesso em: 20 maio 2004.

- DEPS, V.L. Atividade e bem-estar psicológico na maturidade. In: NERI, A.L. (Org.). *Qualidade de vida e idade madura*. Campinas: Papirus, 1993.
- DUARTE, L.T. *Envelhecimento: processo biopsicossocial*. (Monografia). Disponível em: <<http://www.psicomundo.com.br>>. Acesso em: 14 fev. 2004.
- FLECK, M.P.A. et al. Aplicação da versão em português do instrumento abreviado de avaliação da qualidade de vida “WHOQOL–bref”. *Revista da Saúde Pública*, São Paulo, v. 34, n. 2, abr. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 14 abr. 2003.
- IBGE. *Política do idoso no Brasil: perfil dos idosos responsáveis pelo domicílio*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/ibgeteen>> Acesso em: 13 maio 2003.
- MEIRELLES, M.A.E. *Atividade física na terceira idade: uma abordagem sistêmica*. Rio de Janeiro: Sprint, 1997.
- NERI, A.L. O que a psicologia tem para oferecer aos idosos? In: *SEMANA DA PSICOLOGIA*, 33, 2003, (Comunicação oral) - Mogi das Cruzes: Universidade Mogi das Cruzes, 2003.
- NERI, A.L. (Org.). *Qualidade de vida e idade madura*. Campinas: Papirus, 1993.
- NERI, A.L. Envelhecimento e qualidade de vida na mulher. *Gerontologia*, São Paulo, v. 9, n. 1-4, p. 6-13, 2001.
- OKUMA, S. S.; FERRAZ, O.L. Pedagogia do movimento humano. *Revista Paulista de Educação Física*, São Paulo, v. 13, p. 78-87, dez. 1999,.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE - Divisão de Saúde Mental Grupo Whoqol. *Versão em português dos instrumentos de avaliação de qualidade de vida (WHOQOL) 1998: desenvolvimento do Whoqol*. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/psiq>>. Acesso em: 13 maio 2003.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE - Divisão de Saúde Mental Grupo Whoqol. *Versão em português dos instrumentos de avaliação de qualidade de vida (WHOQOL) 1998: procedimentos de aplicação do Whoqol-100 e do Whoqol-Bref*. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/psiq>>. Acesso em: 13 maio 2003.
- PAPALIA, D.E.; OLDS, S. W. *Desenvolvimento humano*. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- RAUCHBACH, R. *A atividade física para a 3ª idade*. Curitiba: Lovise, 1990.
- SEGRE, M.; FERRAZ, F. C. O conceito de saúde. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 31, n. 5, out. 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 24 nov. 2003.
- SIGOLI, M.A. Evolução do esporte e contexto social. *Revista Mineira de Educação Física*, Viçosa, v. 10, n. 1, p. 106-150, 2002.



# A Exclusão Social do Idoso Institucionalizado: A Visão Familiar



## Resumo

*Sabe-se que o número de indivíduos da terceira idade e a institucionalização dos mesmos em asilos vem aumentando de forma significativa nos últimos tempos. Este artigo tem como objetivo avaliar a visão da família do idoso institucionalizado. O que levou a família a optar para internação do seu idoso? Quais os reais motivos? O que pensam esses familiares sobre o asilamento e sobre seu idoso? Essas são algumas das indagações que fizeram com que tivéssemos como objeto do estudo, a família do idoso institucionalizado. Foram entrevistados 20 familiares de idosos residentes em uma instituição privada de longa permanência na cidade de São Paulo. Para a realização da entrevista, foi utilizado um questionário fechado com 12 perguntas as quais abordavam a condição do idoso institucionalizado, segundo a visão de seu familiar. Os dados obtidos foram interpretados utilizando tabelas de continência e gráficos de setores.*

**Palavras chaves:** idosos, família, instituição asilar.

## Abstract

*Abstract: It is known that the number of elderly people and their residence in asylums have been increasing remarkably lately. In due to it, this article aims at evaluating the elderly people and their families' point of view. What is the reason why families let elderly people in asylums? What do families think about them? These are some of the questions which have enabled a research about the elderly people's family. Twenty elderly people's family members who live in a private institution in São Paulo were interviewed. This form of interview used a closed questionnaire based in twelve questions based in topics such as the elderly people condition according to their families' point of view. The data were interpreted by using graphic tables.*

**Keywords:** Elderly people, family, home residents.

## LÍLIAN ALVES MARTINS

*Fisioterapeuta,  
Graduada pelo  
Centro*

*Universitário de  
Belo Horizonte e  
Aprimorada em  
geriatria pela  
Universidade do  
Cruzeiro do Sul.*

## Introdução

Desde o início da história da humanidade a família existiu. Ela pode ser descrita como sendo um núcleo parental formado por pai, mãe e filhos (LUFT, 1991), constituindo uma relação institucional social entre pessoas de mesmo sangue, apresentando formas e finalidades diversas numa mesma época e lugar conforme o grupo social que esteja sendo observado (PRADO, 1995).

A família patriarcal, autoritária e monogâmica, vem sendo substituída por uma família desestruturada, desorientada, enfraquecida e liberal, segundo Shorter, a família contemporânea caminha para o desconhecido e sem rumo. Os valores familiares enraizados que ditaram os comportamentos e as normas durante séculos foram questionados e abalados a partir do desenvolvimento técnico e econômico da revolução industrial gerando mudanças filosóficas, ideológicas, étnicas e políticas transformando profundamente a vida social (PRADO, 1995).

Podemos também ressaltar que o aumento do número de divórcios, a independência feminina, o consumo de tóxicos pelos jovens, o capitalismo, o liberalismo sexual, a mídia, a baixa taxa de natalidade, o individualismo são fatores que levam a família a perder gradativamente seu papel estabelecido no passado.

As relações e as atitudes estabelecidas pelas famílias com o idoso são quase nulas, acontecendo o mesmo com a sua valorização. Por essa razão, vem aumentando o número de instituições asilares de forma rápida e descontrolada, deixando dúvidas se os serviços estabelecidos por estas instituições atendem devidamente às suas necessidades. A sociedade transforma os idosos em um “estorvo” e, por isso, são depositados em instituições, isolados e ignorados como pessoas.

Goffman (1974) define a instituição como um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada.

Essas instituições, na maioria de longa permanência, são constituídas em grande parte por mulheres brancas idosas, solteiras, que vivem sozinhas, pobres, com comprometimento nas AVD's – atividades da vida diária - e estados cognitivos (COUGHLIN; McBRIDE; LIU, 1990), em que os diagnósticos mais comuns são os acidentes vasculares cerebrais seguidos por depressão (MANTON; CORNELIUS; WOODBURY, 1995).

A instituição asilar é regida pela Política Nacional do idoso (BRASIL. Lei 8.842 de 04/01/94) que diz: “*É vedada a permanência de portadores de doenças que necessitam de assistência médica ou enfermagem em instituições asilares de caráter social*”. Prioriza o atendimento familiar quando comparado ao atendimento asilar: “*Priorização do atendimento ao idoso através de suas próprias famílias, em detrimento do atendimento asilar, à exceção dos idosos que não possuam condições que garantam sua própria sobrevivência*”. Revela também que a modalidade asilar foi estabelecida para suprir a ausência da família e assistir o idoso nos casos de abandono ou pobreza.

A institucionalização para a grande maioria dos idosos é fonte de dor e tristeza, o ambiente se torna silencioso, indiferente, vazio, passando a representar os momentos finais de sua vida podendo contribuir para o maior problema psicológico do idoso: a depressão (PARMELEE; KATZ; LAWTON, 1989). Leshner (1986) mostrou em seu estudo taxas mais altas de depressão em idosos institucionalizados.

Dores físicas e depressão foram observadas em pessoas idosas institucionalizadas (RABBITT; KATZ; LAWTON, 1991). Vários estudos demonstram que pessoas com depressão apresentam uma capacidade funcional diminuída o que gera sérias repercussões como perda da função (HAYS et al., 1997), incapacidades nas AVD's (CLARK et al., 1997) e resposta reduzida à reabilitação (MOSSEY; KNOTT; CRAIK, 1990), ou seja, a institucionalização poderá gerar alterações de cunho biológico, social e psicológico no idoso.

Ressaltamos que o crescimento da terceira idade é hoje um sério problema de saúde pública. Observa-se uma redução do índice de natalidade e um ganho da esperança de vida diminuindo assim, a taxa de mortalidade e um aumento absoluto e proporcional de idosos no país. Estima-se que em 2020 o número de idosos no Brasil será de aproximadamente 16.224.000, quando um em cada 13 brasileiros pertencerá à população idosa (BERQUÓ, 1996). Por isso, podemos prever um aumento de idosos residindo em instituições e em casas de repouso num futuro não muito distante.

O foco deste estudo é a família do idoso institucionalizado, cujo convívio não é mais direto, dentro de um lar, mas sim distanciado por outro espaço físico: a instituição asilar. Temos como objetivo revelar o que pensam os familiares no âmbito da institucionalização, questionando-os a respeito dos reais motivos que os levaram a optar pela internação e quais são as perspectivas e os planos para a permanência do seu idoso na instituição.

## MÉTODO

Este estudo foi realizado em uma instituição privada de longa permanência na Zona Leste de São Paulo, onde residem 65 idosos de ambos os sexos, com idade entre 60 a 97 anos e com grau de independência que varia de total até totalmente dependentes.

Para realização do estudo na instituição, houve uma reunião informal e após a exposição das idéias sobre a pesquisa, obteve-se uma autorização assinada por parte da direção para o andamento do trabalho.

Os critérios de inclusão foram: familiares dos idosos independentemente do grau de parentesco, idosos acima de 60 anos e todos residentes da instituição asilar.







Foi utilizado um questionário quantitativo formado por 12 perguntas com duas possibilidades de resposta (sim ou não). O conteúdo das perguntas mostra a condição do idoso em sua residência antes da internação (questões de 1 a 5), na decisão para institucionalização (questão 6), na situação presente onde já se encontra inserido na instituição (questões de 8 a 11) e no provável futuro dentro ou fora da instituição (questão 12). Todas as questões se voltam para a visão da família sobre o idoso internado.

O questionário foi aplicado por um entrevistador aos parentes dos idosos resididos na instituição escolhida. A abordagem se deu no momento da visita, longe de seu idoso, a fim de evitar constrangimentos ou qualquer forma de incômodos por parte da família e/ou do idoso.

Foi esclarecido ao entrevistado o objetivo e o caráter do estudo, em que não haveria a exposição da imagem do idoso e do familiar, após a explicação caberia ao mesmo a aceitação do convite para a entrevista.

## RESULTADOS

20 familiares foram abordados, inúmeras reações foram observadas como concordância, abnegação, pressa, curiosidade, cautela, espanto, medo, porém todos aceitaram ser entrevistados.

Os resultados obtidos nesta pesquisa começam a ser discutidos através da tabela de contingência (tabela 1) que utiliza hipóteses entre suas variáveis.

Para realização da análise estatística dos dados obtidos foi utilizado o cálculo da dependência ou associação das variáveis das questões 1 e 11, 5 e 2, 11 e 12, 6 e 7, 3 e 4. Porém, apenas para as questões 3 e 4 concluiu-se um grau de associação e dependência ( tabela 2).

**Tabela 1: Modelo de tabela de contingência utilizado**

Variável 1	Variável 2		Total
	Sim	Não	
Sim	A	b	a+b
Não	C	d	c+d
Total	a+c	b+d	N

**Tabela 2**

Questão 3	Questão 4		Total
	Sim	Não	
Sim	3	6	9
Não	0	11	11
Total	3	17	20

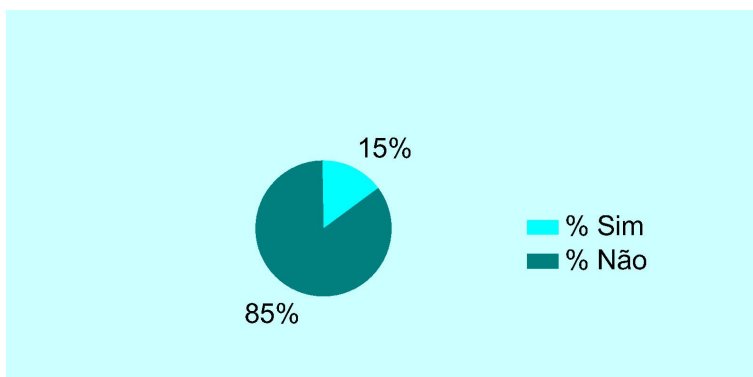
Uma tabela (tabela 3) de respostas para representação dos gráficos de setores foi construída para maior entendimento dos resultados obtidos.

**Tabela 3**

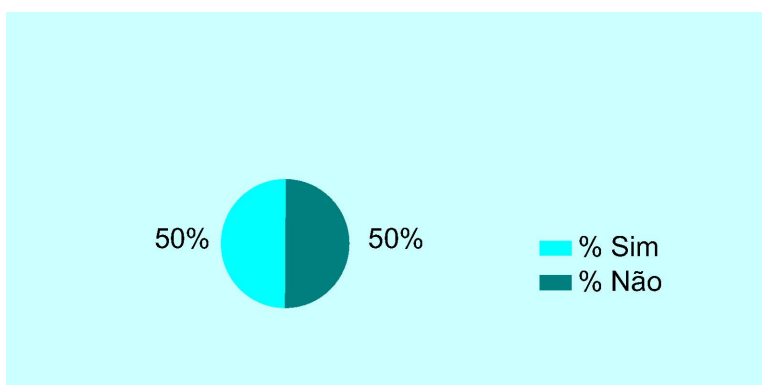
Pergunta	Sim	Não	% Sim	% Não
1	3	17	15,00%	85,00%
2	10	10	50,00%	50,00%
3	9	11	45,00%	55,00%
4	3	17	15,00%	85,00%
5	13	7	65,00%	35,00%
6	18	2	90,00%	10,00%
7	18	2	90,00%	10,00%
8	15	5	75,00%	25,00%
9	6	14	30,00%	70,00%
10	6	14	30,00%	70,00%
11	10	10	50,00%	50,00%
12	6	14	30,00%	70,00%

## Gráficos de Setores:

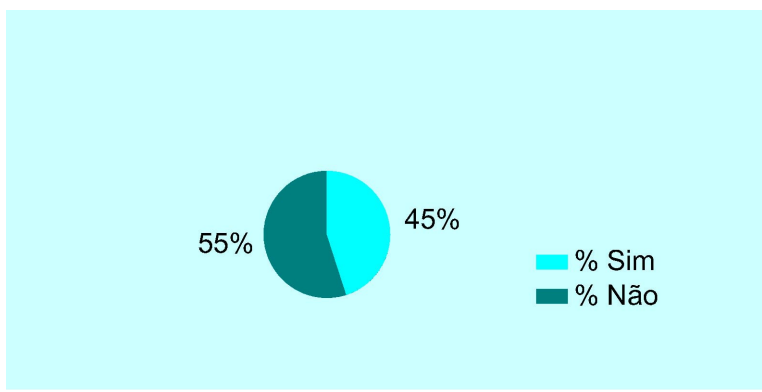
**Questão 1:** *Acha que seu idoso apresentava melhores condições em sua casa?*



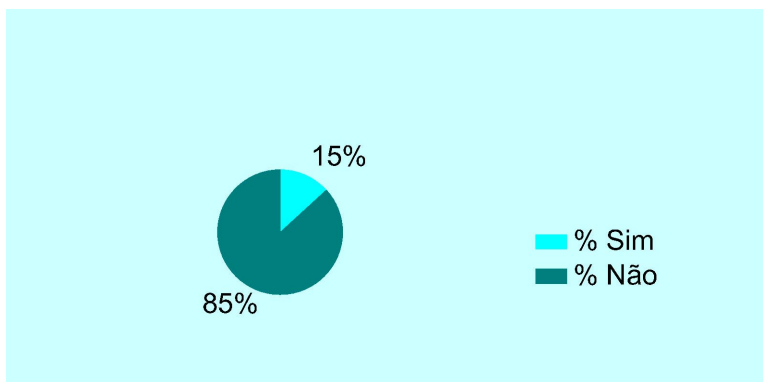
**Questão 2:** *Seu idoso apresentava dificuldades de convivência em sua casa?*



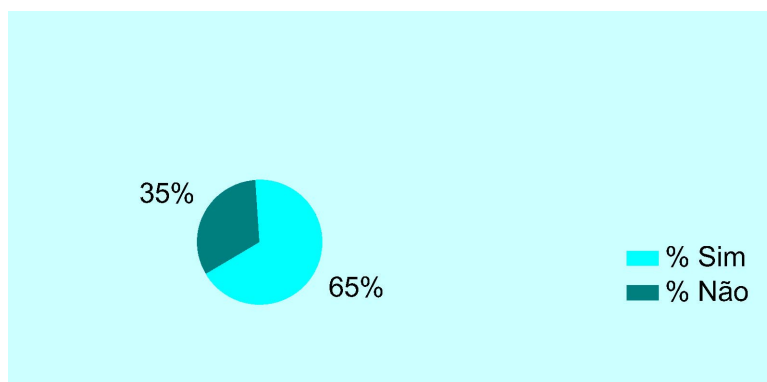
**Questão 3:** *Tinha condições financeiras para assisti-lo em sua casa?*



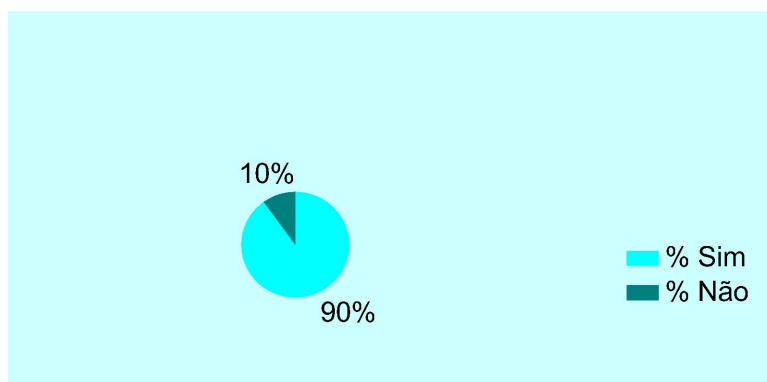
**Questão 4:** *Tinha tempo disponível para cuidar do seu idoso em sua casa?*



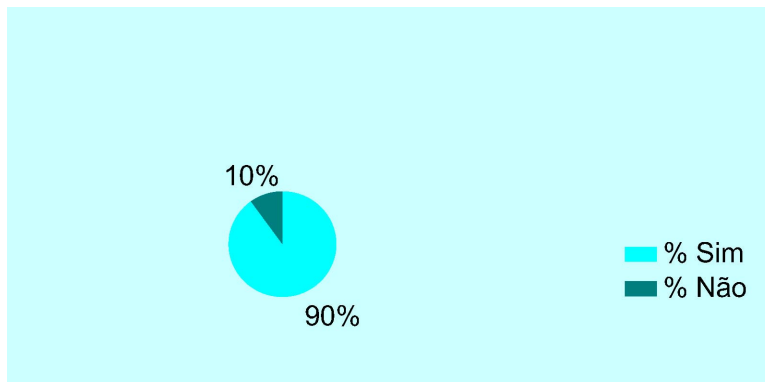
**Questão 5:** *Apresentava dificuldades para cuidar do seu idoso em sua casa?*



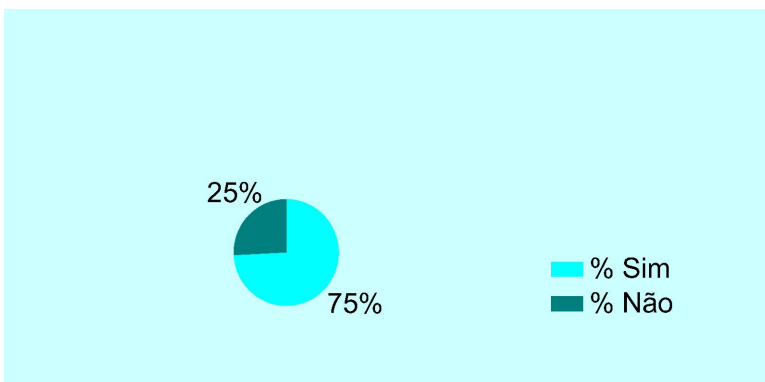
**Questão 6:** *Foi a família quem tomou a decisão para internação do idoso no asilo?*



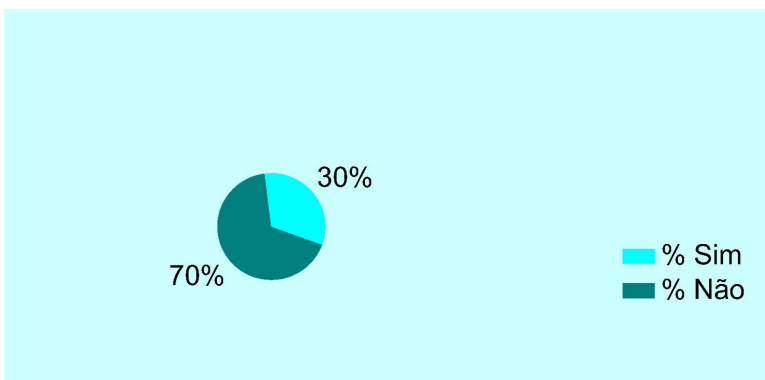
**Questão 7:** *Acredita que seu idoso terá melhores cuidados no asilo?*



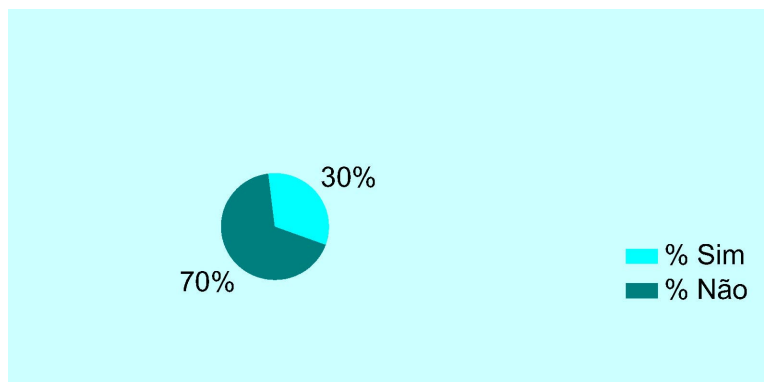
**Questão 8:** *Seu idoso é visitado por familiares quinzenalmente?*



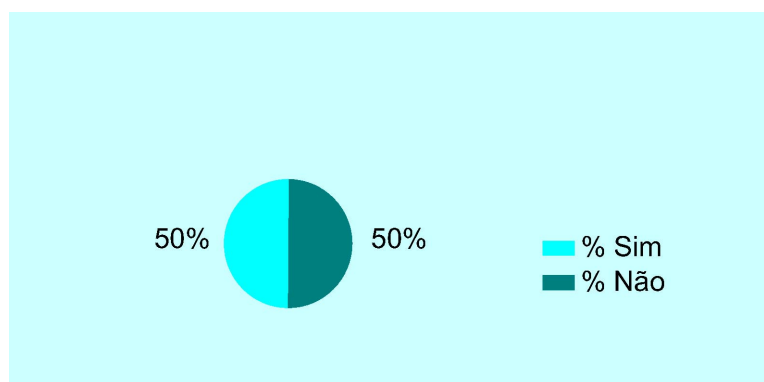
**Questão 9:** *Realiza passeios com seu idoso?*



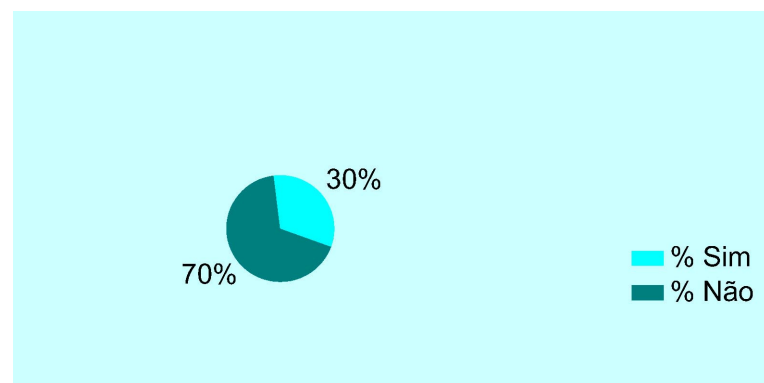
**Questão 10:** *Em datas comemorativas leva-o para casa?*



**Questão 11:** *Acha que seu idoso está satisfeito com o asilo?*



**Questão 12:** *Pensa em retirá-lo do asilo?*



Este estudo demonstra que 55% dos entrevistados relataram não apresentar condições financeiras para manter o idoso em seu lar. Podemos justificar esse dado pelo subdesenvolvimento do país. Grande parte das famílias apresenta uma situação desfavorável em termos de renda, principalmente entre a população estudada, que em grande maioria vive na periferia da cidade de São Paulo.

Os benefícios previdenciários destinados aos idosos brasileiros não permitem a provisão necessária para seu cuidado, especialmente para os que necessitam de maior assistência. Além disso, os baixos rendimentos econômicos da família fazem com que a mesma busque alternativas. O aumento da jornada de trabalho dos familiares somado ao baixo salário dos aposentados demonstraria a falta de tempo citada por 85% dos entrevistados na questão 4.

A falta de disponibilidade citada acima teria correlação com a questão 9, na qual a grande maioria das famílias diz não realizar passeios com seu idoso.

Entretanto, a família possui deveres e obrigações que devem ser cumpridos e estabelecidos. Duarte diz que “A família pode ser definida como um sistema dinâmico de duas ou mais pessoas que estão envolvidas emocionalmente umas com as outras e vivem próximas. O termo envolvimento emocional implica obrigações recíprocas e responsabilidade dentro do contexto de atenção e cumplicidade”.

Podemos observar que a grande maioria dos idosos residentes no asilo apresenta alterações cognitivas e comprometimento nas AVD's, o que justifica o resultado de que 65% dos familiares apresentavam dificuldade de cuidar do seu idoso doente. Tal situação de cuidados intensivos aos doentes é pouco praticada pela família contemporânea que, na prática, se encontra individualizada e nuclearizada em torno do casal e dos filhos.

Nas questões 8 e 1, 50% e 85% dos entrevistados respectivamente afirmaram que seu idoso estaria satisfeito com sua institucionalização e que não apresentava boas condições de vida em sua casa quando comparada à vida asilar. Porém, através do convívio diário com esses idosos observamos que eles anseiam voltar para seu antigo lar e estar diretamente em contato com sua família e amigos. Estes, por sua vez, encontram-se centrados no modelo da família tradicional que provia de várias formas as necessidades de apoio à saúde e cuidado de seus membros.

Apenas 30% das famílias sentem desejo de retirar seu idoso da instituição. Esse baixo número pode ser explicado pelas mudanças filosóficas, ideológicas, étnicas e políticas advindas da revolução industrial, transformando a família tradicional em uma família desestruturada, desorientada, enfraquecida, liberal, preocupada com seus projetos individuais e voltada para o próprio “eu”. O estudo apresentado mostra um pedaço da realidade dos idosos no país. Temos que admitir que possa existir margem de erros, já que as respostas dos familiares às questões apresentadas são subjetivas.

Sabemos que um número maior de entrevistados nos traria maior relevância de informações, porém, embora exista um número muito alto de idosos internados em asilos, as visitas não representam a mesma soma. Assim, infelizmente constatamos como muitos idosos são ignorados, isolados e excluídos da vida social.





## Referências Bibliográficas

- BERQUÓ, E. Algumas considerações demográficas sobre o envelhecimento da População no Brasil. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENVELHECIMENTO POPULACIONAL: uma Agenda para o Final do Século, 1, 1996. Brasília. *Anais...* Brasília: MPAS, 1996.
- BRASIL. Lei 8842, de 04 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso.
- CLARK D.O. et al. Predictors of lower body and basic ADL difficulty among adults aged 70 years and over. *The Gerontologist*, Washington, v.37, n. 135, 1997
- COUGHLIN T.A.; McBRIDE T.D.; LIU, K. Determinants of transitory an permanent nursing home admissions. *Med Care*, n. 28, 1990.
- DUARTE O.A.Y. *Atendimento domiciliar um enfoque gerontológico*. São Paulo: Atheneu, 2000.
- GOFFMAN E. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- HAYS J.C., et al. Social support and depression as risk factors for loss of physical function in late life. *Aging and Mental Health*, v. 1, n.3, 1997.
- LESHER E.L. Validation of the geriatric depression scale among nursing home residents. *Clin. Gerontol.*, n. 4, 1986.
- LUFT, C.P. *Mini dicionário Luft*. 3. ed. São Paulo: Scipione, 1991.
- MANTON K.G.; CORNELIUS E.S.; WOODBURY M.A. Nursing home residents: a multivariate analysis of their, behavioral, psychosocial, and service use characteristics. *J. Gerontol.*, n. 50, 1995.
- MOSSEY J.M.; KNOTT K.; CRAIK, R. The effects of persistent depressive symptoms on hip fracture recovery. *J. Gerontol.*, n. 45, 1990.
- PARMELEE P.A.; KATZ I.R.; LAWTON M.P. Depression among institutionalized aged: assessment and prevalence estimation. *J. Gerontol.*, n. 44, 1989.
- PAGANO M.; GAUVREAU K. *Princípios de bioestatística*. São Paulo: Thomson, 2004.
- PRADO, D. *O que é família*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- RABBITTI P.A.; KATZ I.R.; LAWTON M.P. The relation of pain to depression among institutionalized aged. *J. Gerontol.*, n. 46, 1991.
- SHORTER, E. *Naissance de la famille moderne*. Paris: Seuil, 1978.



# Entrevista



## Cleyde Yaconis

*Cleyde Yaconis nos recebeu em sua casa em Jordanésia, a 40 km de São Paulo, numa manhã chuvosa de janeiro. Com a simplicidade que é uma característica sua, talvez um pouco tímida, logo nos diz que não gosta de dar entrevistas, de se expor. Exceção que abriu para a Revista “A Terceira Idade”, dado o contexto e objetivos desta publicação.*

*Começa a falar pausadamente, com voz baixa, mas logo vai se soltando e fala com vigor e entusiasmo sobre sua vida. Sua casa, que fica na cidade, parece que está no campo, rodeada de uma natureza exuberante. Isto tudo nos criou um ambiente gostoso para uma conversa sobre sua história, seu trabalho, e sobre as coisas que acredita na vida. A chuva caía lá fora e nos dava entender que lavava a nossa conversa ou mesmo que batizava mais uma vez a vida desta mulher batalhadora, que se transformou numa das atrizes mais importantes deste país. Começou nos falando de sua infância sofrida, mas digna.*



**REVISTA:** *Conte-nos um pouco de sua história; infância, maturidade, relacionamentos e lugares onde andou e viveu.*

**CLEYDE:** Minha mãe era uma mulher linda Uma mulher simples, inteligente, brilhante. Era professora recém formada quando casou, mas acabou não exercendo a profissão, pois o marido não queria que ela trabalhasse. Meu pai não punha comida em casa, mas não deixava a mulher trabalhar. A gente mudava muito de cidade. Eu me lembro de Rio Claro, quando eu tinha uns três anos e nossa alimentação era salsa roubada de uma quitanda. Como não tinha dinheiro para calça e combinação, ela fazia macaquinhos de algodão para nós três. Depois viemos para São Paulo, onde morei na Rua Caconde, Jardim Paulista. A gente morava num bangalô, meu pai sumia, a gente passava fome. É a lembrança que tenho. Foi quando ele nos abandonou e fomos viver na casa da vó Maria, em Pirassununga. Minha mãe tinha o estigma de “separada” e nós ficamos um ano lá no fundo do quintal, num depósito do meu avô e nunca sentamos à mesa. Comíamos quando sobrava. Foi aí que mamãe conseguiu vaga para lecionar numa escola rural e fomos morar numa fazenda de colonização japonesa. Quando eu tinha nove anos, mamãe conseguiu uma transferência para uma escola de São Vicente e fomos viver em Santos, pois ela queria que as filhas estudassem. Morávamos numa favela, num casebre feito de contêineres. Era uma fase de miséria absoluta, onde chegamos a roubar para comer. Mas isso não enfeia a vida quando se tem uma mãe e irmãs como eu tive a sorte de ter. Foi uma época dura, mas nós tínhamos certeza de que iríamos sobreviver e vencer. A infância é a fase mais feliz da minha vida, momentos de lutas, de vitórias, ao lado de mamãe e minhas duas irmãs. Era fantástico porque nada disso, a pobreza, a fome, nos massacrava, ao contrário, cada dor era um elemento a mais para nos dar energia e luta. Nenhuma coisa má que nos aconteceu resultou em algo mau, sempre resultou em algo melhor. Depois tivemos uma adolescência extraordinária. Tivemos muita gente que nos fez sofrer, mas também tivemos muita gente que nos ajudou, como Miguel Silveira, Flávio de Carvalho. Era um contra-senso, naquele barraco nós recebíamos pessoas da maior importância, que saíam de São Paulo e iam lá para Santos ver a Cacilda dançar. Então, por esse contra-senso no ambiente em que a gente vivia, no colégio fomos muito judiadas. Mas não faz mal, foi bom também, porque isso nos dá armas para defesa. Quando você é atacada, você aprende a se defender.

**REVISTA:** *Essa sua estrutura, essa persistência de estar lidando com a vida, eu acho que tem um pouco a ver com esse começo, não é?*

**CLEYDE:** Ah, sim, sem dúvida nenhuma. Para mim, viver é uma missão. Eu não considero minha carreira uma profissão como outra qualquer, acho que a arte é diferente, acho que ultrapassa a palavra profissão. Até isso eu digo que é mais complicado, eu não cedo ao repertório, não quero pactuar com o mau gosto e o emburrecimento do povo. Acho que tenho a missão de ajudar. Eu não sou política, não vou para palanque, então o que eu posso fazer é no palco, eu cuido do meu repertório. Estou fazendo essa entrevista porque é outra proposta, mas duvido que vocês me vejam por aí. A não ser

em época de estréia, onde eu tenho o dever de participar da parte de publicidade do espetáculo, fora isso, eu não dou entrevista, não quero saber de fotografia, de estar em eventos. Eu não conheço nenhum restaurante em São Paulo, nada, não vou a lugar nenhum, só vou trabalhar e venho para minha casa, vou assistir a uns espetáculos e cuidar do meu repertório. Eu tenho... a palavra é orgulho, tenho mesmo, tenho orgulho do repertório que tenho nesses 54 anos de teatro. Eu acho

que estou tentando corresponder ao que me foi determinado. Eu sei que tenho talento, seria ridículo dizer que não, então a minha forma de corresponder e de agradecer esse talento é cuidar do talento, cuidar do que eu faço. É um dever, é uma obrigação e a forma de eu agradecer por esse dom que me deram.

“... eu sou muito mais paciente de ouvir a mesma história dez vezes de uma pessoa desmemoriada, como se ouvisse a primeira. O idoso nunca me cansou, eu sempre admirei a riqueza, porque o idoso, do meu ponto de vista, me dá mais.”

**REVISTA:** *Qual a lembrança que você tem dos seus avós?*

**CLEYDE:** Do meu avô, maravilhosa. Meu avô era um homem cultíssimo, era da nobreza, era conde Von Becker, e casou com uma camponesa. Eu não tenho mágoa dela, ela deve ter sofrido muito com esse rigor, mamãe dizia que não podia se cantar nada, só hinos. Tanta religião e no entanto a vida ficou pobre espiritualmente. Meu avô tinha microscópio, ele me deu um microscópio quando eu tinha quatro ou cinco anos, ele falava sobre a mitologia grega, eu me lembro. Mas tudo escondido e ele tinha paixão pela minha avó. Com 70 anos, ele tinha ciúmes da mulher dele. Então é um pouco melancólico, como melancólico foi o contato com meu pai. No último contato eu tinha 18 anos, mas eu não tinha maturidade. Por mais maduras que nós fôssemos em relação às outras moças, eu não tinha ainda a maturidade de dizer: “Por que você fez isso?” Eu gostaria de ter dialogado, porque ele também perdeu, ele perdeu o convívio com três filhas e com uma mulher gigantesca, uma mulher fantástica. Não fomos nós que perdemos, foi ele. Não é verdade? Ele morreu moço, com 48 anos, não sei direito do que, foi operado e não resistiu. Mas nós não tivemos a possibilidade de argumentar. Talvez se eu fosse mais velha, mais adulta, mas naquela época, quando ele apareceu, nós tivemos uma reação normal de orgulho de termos sobrevivido sem ele. Ele foi em casa, nessa época nós morávamos numa casinha, num sobradinho de alvenaria, já tinha sofá, tinha alguns móveis, então nós ficamos um pouco felizes por ele nos encontrar já tendo ultrapassado a pior fase.

**REVISTA:** *Apesar de sua infância e adolescência sofridas, você, sua mãe Alzira e suas irmãs Dirce e Cacilda, foram felizes. E você sempre estudou. Que curso fez?*

**CLEYDE:** Normal, professora primária. Depois eu queria fazer medicina, então entrei no Bandeirante, comecei a fazer o científico. Nós morávamos em Santos, viemos





para São Paulo, eu e mamãe. A Dirce já tinha casado, casou com o primeiro namorado, felicíssima, graças a Deus, casou muito bem. A Cacilda estava casada com o Tito Fleury e eu vim com a mamãe. Mamãe dava aula no São Miguel e eu recommencei os estudos para fazer medicina, fui para o Colégio Bandeirante, que era o melhor para o científico, e a Cacilda estava fazendo o clássico no São Luís, querendo fazer Direito.

**REVISTA:** *E como é que o teatro passou a fazer parte da sua vida?*

**CLEYDE:** Pois é, eu nunca quis fazer teatro, nem passava pela cabeça, eu fui uma menina que nunca declamou uma poesia, nada, nada, nunca fiz nada. A Cacilda desde pequena dançando, representando. Eu nada, só queria medicina. Depois do terceiro ano científico, comecei a fazer o cursinho, que era ali perto da rua Major Diogo, em São Paulo. Então, às vezes não tinha aula, eu ia ao TBC. A Cacilda estava fazendo Anjo de Pedra, do Tennessee Williams. Um espetáculo extraordinário. Foi a primeira vez que fiquei assim num fascínio. Era uma coisa espantosa a direção do Luciano Salce e eu assisti não sei quantas vezes. Uma noite em que eu fui assistir, a Nydia Licia, que fazia o segundo papel feminino, teve não sei o que, acho que foi uma crise de apendicite violenta, chegou a terminar o espetáculo e foram correndo para o hospital. Daí ficou aquela correria, eu não entendia a gente louca de teatro: “Quem faz, como é que faz, tem substituta?” Eu falei: “Quer que eu faça?” Foi um susto, porque eu não tinha noção de que eu tinha de cor, de tantas vezes que eu assisti, mas não que eu decorei porque quis. Eu falei: “Ela entra e fala tá, tá, tá”. Todo mundo: “Mas você sabe!”. Eu já tinha assistido 15, 20 vezes, com tanta atenção. Aí subimos, o Ziembinsky me ensaiou, o Salce, eu estreei dois dias depois e fiz 15 dias. Aí o Zimba disse: “Você não quer fazer um papelzinho no Pega Fogo? Preciso de uma empregadinha”. Eu digo: “Não, não quero”. “Mas você tem talento, você pode fazer a empregadinha e ganha tanto”. Eu pensei: “Ainda vão me pagar para fazer, imagina!”. Quem me dava mesada era a Cacilda, me dava “x” e o que eles me pagariam correspondia a quatro meses de mesada. Então comecei a fazer por dinheiro.

**REVISTA:** *Cleyde, desde o começo da sua carreira você interpretou personagens mais velhos, não é? Aos 30 anos, você representou uma pessoa de 80.*

**CLEYDE:** Sim. Muita gente fazia isso porque não tínhamos atores com 50, 60 anos.

**REVISTA:** *O fato de você ter interpretado personagens mais velhos durante um período, alguns personagens marcantes, isso de certa maneira contribuiu para a forma com que você tem encarado a sua, digamos, terceira idade?*

**CLEYDE:** Eu acho que é a minha tendência, eu sempre gostei, me dou muito melhor com pessoas idosas do que com crianças. Eu não gosto de conviver com crianças, não tenho talento para conviver, acho criança uma coisa complicadíssima, difícilíssima. Tanto que eu não tenho filhos, por opção. Por exemplo, eu sou muito mais



paciente de ouvir a mesma história dez vezes de uma pessoa desmemoriada, como se ouvisse a primeira. O idoso nunca me cansou, eu sempre admirei a riqueza, porque o idoso, do meu ponto de vista, me dá mais. A criança nos suga, tenho a impressão de que criança chupa a carótida (risos). O idoso nos dá muito mais e a criança nos suga com a vitalidade, o tempo, o ritmo da criança. Então eu sempre me dei muito bem, talvez isso tenha me ajudado a fazer uma coleção de personagens. É muito engraçado, agora com 81 anos, estou fazendo personagens com 60. Com 30 eu fazia de 80, agora que estou com 80 faço de 60, estou fazendo personagens mais jovens. A Mary Tyrone devia ter uns 65, a da “Jornada”. Essa personagem que estou fazendo deve ter também seus 60.

**REVISTA:** *Cleyde, você é uma das atrizes mais premiadas desse país. Dentre esses prêmios, você recebeu o Molière por ter feito a Geni de “Toda Nudez Será Castigada”.*

**CLEYDE:** E um outro por uma peça “Baile de Máscaras” do Mauro Rasi.

**REVISTA:** *Porque a Geni foi um papel recusado por muitas atrizes?*

**CLEYDE:** Pois é, o mais engraçado é isso, porque eu sou caretona. Eu sou careta, tem coisas que não gosto mesmo, de facilidades, não entendo a liberdade sexual como uma coisa muito importante. Eu gostaria de ter sido casada, ter ficado com um marido só. Tóxico... eu nunca vi um cigarro de maconha, além de nunca ter fumado, nunca nem vi, não sei nem como é, falam do cheiro e não sei como é. E aceitei fazer a Geni, não entendo. Todas as atrizes que eram cariocas, todas recusaram, me parece que por causa de uma frase, quando ela diz que sexo para ela não pegava. A Geni era uma prostituta, mas era muito pura. Ela dizia: “basta pegar uma bacia, tchó, tchó, tchó, lavar a xoxota”. O sexo para ela era uma coisa física que, lavando, não atingia a alma, era isso que ela queria dizer. Ela podia dormir com 500 homens que continuava intocável, porque lavando “o sexo saía”. Eu aceitei o papel e, não entanto, sou careta, mas eu interpreto. Se eu faço rainha Elizabeth, sou rainha. Se faço a Geni, sou prostituta. É uma coisa que eu não entendo. Por exemplo, eu sou careta, mas não sou idiota; se a minha personagem tem que ficar nua, fica nua; se é para dizer palavrão, ela diz palavrão. Depende de quem ela é. Eu faço a rainha Elizabeth do Shiller, que fala em versos, enfim, a beleza literária e depois falo palavrão fazendo a Geni, mas é uma interpretação. Quando eu estava em Porto Alegre, recebi um telefonema do Néelson Rodrigues: “Cleyde, estou desesperado, você tem que fazer a peça”. Eu digo: “Que peça é?” Toda Nudez Será Castigada. Eu perguntei: “Quem dirige?” Ele falou Ziembinsky. Eu falei: “Já tem o elenco?”. “Já tenho o elenco: Luíz Linhares, Nelson Xavier, Elza Gomes”. Eu falei: “Já aceitei”. E ele: “Você não quer ler a peça?” Eu falei que não, peça de Néelson Rodrigues, direção de Ziembinsky. Vou ler a peça? Já aceitei, vou para o Rio. Eu não entendia porquê as atrizes... Que coisa estranha, né?







**REVISTA:** *Elas recusavam?*

**CLEYDE:** Todas, a Fernanda, a Teresa Raquel. O espetáculo estava com tudo pronto, o elenco pronto e não tinha a protagonista, porque as atrizes se horrorizavam com a personagem. Não sei explicar, só elas poderiam dizer.

**REVISTA:** *Você fez e faz teatro, cinema, televisão. No entanto, o teatro tem um peso mais forte, uma tônica maior na sua vida.*

**CLEYDE:** Eu sou uma atriz de teatro que faz cinema e televisão.

**REVISTA:** *É possível o ator brasileiro sobreviver com dignidade fazendo teatro?*

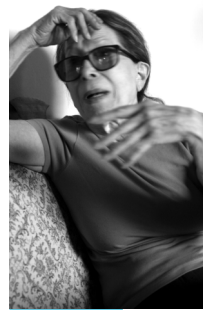
**CLEYDE:** Sim. Com 54 anos de profissão eu só tenho essa casa e um carro, porque cobro muito pouco fazendo teatro. Eu ganho pouco.

**REVISTA:** *Ou seja, teatro no Brasil, infelizmente, ainda paga muito pouco.*

**CLEYDE:** Sim. Mas chega, porque eu não uso jóias, não uso nada, não gosto de roupa, minhas roupas têm 20, 30 anos, não entendo de grife, uso o que eu compro. Tendo a minha casa, comida para a minha cachorrada, meu funcionário ganhando direitinho, meu carro é baratinho, não entendo porque comprar carro que faz 200 por hora para andar a 10, realmente não preciso de muito dinheiro. Tendo a minha comidinha, quero minha cachorrada bem tratada e tenho esta casa, para que quero mais? Não preciso de mais nada.

**REVISTA:** *Você é muito criteriosa na escolha dos textos que você encena. Quais critérios são determinantes para que você escolha um texto?*

**CLEYDE:** A dramaturgia de qualidade em primeiro lugar. Eu não gosto de falar, não quero criticar quem faz, mas eu não quero fazer besteiro, bobagem, que outro público assiste. É importante rir, mas se pode rir de uma comédia de qualidade. Eu não sou contra a comédia, mas usar a gag, rir de bobagem não estou a fim, primeiro porque não acho graça. Eu vou assistir aos espetáculos, mas não dou uma risada. Agora, cinema mudo, Haroldo Lloyd, Carlitos. Entende? Dizem: “Você não ri”. Não, eu rio, mas desse humor banal eu não acho graça. Então não posso fazer. Eu prezo o valor literário do espetáculo, a dramaturgia de qualidade. Eu não vejo só o meu papel, é claro que quero fazer papel bom, seria ridículo dizer que eu quero ponta, não é verdade, eu quero um bom papel, mas num grande texto. Agora, politicamente, um grande texto que queira convencer o público de que a direita é a opção política eu não faço, por melhor qualidade que tenha o texto. Então interfere também no que a peça pode servir ao homem, no que ela pode ajudar nos direitos humanos. Então, se a peça é um grande texto, mas que contraria o que eu penso politicamente, eu também não faço. Recuso para não ter problema se sei que no elenco o tóxico entra, também não faço. Não faço porque não quero me aborrecer, cada um faz o que quer. Eu fumei, por exemplo, 50 anos e não me tornei uma ex-fumante chata. Assim como eu fumei, quem quiser fuma, escolhe. Essa é a liberdade. Tem ex-fumante que, tenha paciência,



começa a pregar. Eu deixei de fumar não por causa de câncer no pulmão, até hoje não sei por que deixei de fumar. É ridículo falar no mal do fumo com este mundo, com a poluição, onde o peixe é impregnado de mercúrio, o frango, a carne, é tudo cheio de droga. Cigarro dá câncer no pulmão? O planeta Terra é um poluente. Hoje quem não tiver câncer é simplesmente por sorte, porque come cancerígeno, a verdura tem cancerígeno, a água tem cancerígeno, o ar tem cancerígeno, sabemos nós o que tem de contêineres com produtos radioativos jogados nesse bendito mar, que é a lixeira do mundo. Então, não me venha falar do cigarro, eu acho uma atitude hipócrita quando se faz à vontade, propaganda de bebida, principalmente com jovens. Eu moro aqui em Jordanésia, quando venho de noite do teatro vejo a garotada com 12 anos bebendo cerveja. Agora, cerveja não é ruim e o cigarro é? Eu acho muito engraçado, quando o cigarro só prejudica quem fuma, enquanto que o álcool destrói, interfere na família. Então, eu que sou uma ex-fumante, podem fumar na minha frente, não incomoda, podem soltar fumaça.

**REVISTA:** *Cleyde, como é conviver e trabalhar com jovens?*

**CLEYDE:** Me dou muito bem, porque eu sou muito franca. Inclusive não gosto da palavra aula, eu faço as conversas lá no “Célia Helena”, fiz agora com Ulysses Cruz, eles me chamaram e eu fiquei fazendo. Eu sou muito franca com os jovens, eu digo: “Adoro certas coisas de vocês, gostaria de gostar de alguma coisa de vocês que ainda não gosto, mas gostaria de chegar a gostar e tem coisas de vocês que eu não quero gostar”. Então, partindo desse princípio, com toda a franqueza eu digo: “Isso eu detesto de vocês”. A questão da adrenalina... eu não posso gostar de jovens que não têm o menor respeito pela vida deles. Eu morro de dó quando vejo criança de quatro anos brincando com joelheira, cotoveleira, capacete. O jovem acha que só se diverte quando corre risco de vida. Isso eu detesto, não quero gostar dessa irresponsabilidade em relação à vida, disso eu não quero gostar, acho um absurdo. Não é uma judiação criança com quatro anos se divertindo? Se divertindo? Eu brinquei com quatro anos no rio, subindo em árvore. Na minha época a gente andava de bicicleta, hoje bicicleta é um aparelho mortal, a criança para andar de bicicleta precisa de cotoveleira, joelheira, capacete? O que é isso?

**REVISTA:** *Os esportes radicais?*

**CLEYDE:** Por quê não gosto? Porque mostra uma pobreza interior muito perigosa no jovem. Ele é pobre espiritualmente, então ele precisa enriquecer com uma excitação, mas o cultivo espiritual no jovem está completamente abandonado. Então eu sou muito franca, tem coisas que eu adoro, coisas que eu gostaria de gostar e coisas que eu não quero gostar.

**REVISTA:** *Mas esse convívio com jovens em seu trabalho tem sido uma coisa...*

**CLEYDE:** Muito boa, muito boa, uma vitalidade, uma troca. E veja que eu já acho que estou na quarta idade, não é mais a terceira, a terceira é até 68, 70, eu estou na quarta, porque a diferença de 70 para 80 é muito grande.



**REVISTA:** *Quais são seus hábitos?*

**CLEYDE:** Eu faço musculação, faço exercício, não engordo. Mas não faço regime, acho comer uma coisa horrível, não gosto do processo de comer, então para mim não tem problema porque como um pouquinho, sempre comi pouco. O meu peso é o mesmo há 40 ou 50 anos. Mas busco a vitalidade do jovem. Então, quando eu estou cansada e trabalho com um jovem, na parte física ele me puxa. Eu posso puxá-los na tarimba, na confecção do personagem, mas a troca de vitalidade, ficar em pé ensaiando horas, ele te dá uma energia no ensaio, uma energia física que é muito boa, alegria. Até brincadeira, ensaiar não tão respeitosamente, isso é bom. Como eu falei, em razão da seriedade da minha vida, gosto de me relacionar com jovens menos “responsáveis”, menos exigentes. Eu sou exigente demais comigo mesma, então eles me dão um relax.

**REVISTA:** *Qual foi o peso que teve na sua carreira e mesmo na sua vida pessoal ter Cacilda Becker como irmã?*

**CLEYDE:** A Cacilda era uma coisa espantosa. A mais maternal era a Cacilda, a Cacilda sempre queria tudo embaixo da saia dela, ela era protetora da classe teatral. Não esqueça que o Plínio Marcos disse: “Perdemos nossa mãe”. A Cacilda era a mãezona. Se ela não fosse atriz, eu acho que era o tipo de mulher que queria ter 12 filhos, aquela mesa cheia de gente. Por isso ela tinha a classe teatral embaixo da asa. Eu dizia para Cacilda: “Cacilda, larga de ser ridícula”, porque ela me chamava de “minha irmãzinha”. Ela era desse tipo que colocava dinheirinho escondido na minha bolsa, esse lado familiar. Então eu dizia: “Larga de ser boba, Cacilda, você é ridícula, quando você estiver com 83 e eu com 80 vai me dar a mão para atravessar a rua?”. Então esse lado protetor, isso também ela carregava como atriz. Quando eu comecei, ela já era profissional, ela já tinha feito trabalho com o Raul Roulien, depois com a Bibi Ferreira, já devia ter dois anos trabalhando no TBC. Agora, não esqueça que não era só a Cacilda, tinha Paulo Autran, Sérgio Cardoso e Ziembinsky. Nós não tínhamos escola, foi o aprendizado na prática. Isso é o que hoje eu faço com os jovens, “vai por esse caminho, vai por aqui, cuidado nessa cena, procure isso, procure aquilo”, ela fazia comigo em casa. Evidentemente, assim como ela olhava todos os atores, eu presumo que ela devia olhar ainda mais para mim. Ela ficava uma pilha nas minhas estréias e eu nas estréias dela.

**REVISTA:** *E a morte da Cacilda, como foi assimilada?*

**CLEYDE:** Foi a primeira perda. Mas hoje a morte para mim é uma coisa muito natural, ela está me esperando, eu converso com ela sempre. Foi a Cacilda, depois foi a mamãe, depois foi a Dirce e eu não sei por que eu fiquei por último. É uma coisa que me deixa muito tranqüila, porque a Dirce ficou viúva e veio para casa, nunca tinha me ocorrido, nós estávamos muito bem e eu estava certa de que a gente ia ficar assim velhinha aqui no quintal, ela gostava muito de plantas, morando comigo, nunca me passou pela cabeça o que ia acontecer. É tão estranho. Quando ela soube, foi super-rápido, foi câncer no fígado, então entre declarar a doença e a

morte foram 40 e poucos dias, foi super-rápido. Quando ela soube, ela disse: “Graças a Deus, eu rezei tanto para não ser a última”. Ela era muito frágil, ela não teria agüentado se eu morresse antes. Então você vê como Deus é fantástico? Quando ela disse “eu rezei tanto”, eu levei um susto, porque nunca tinha me ocorrido que uma de nós duas iria embora antes e ela já rezava para não ser a última e foi atendida. Então, pelo fato dela ter sido atendida, eu nunca vi

uma coisa mais serena para morrer. Ela amoleceu o corpo, como que dizendo: “Me leve”. Eu estava com a Maria Tereza Vargas, estávamos as duas e ela suspirou e morreu. Uma coisa espantosa, mas porque ela já estava rezando antes. Só que ela não precisava ter ido tão depressa, não precisavam ter atendido ela tão rápido.

**REVISTA:** *Como você faz essa relação da religiosidade com a morte e com a vida?*

**CLEYDE:** Eu acho que viver é uma missão mesmo. O filho da Cacilda e o neto são espíritas, são kardecistas. Então eu acredito, acho que a gente tem que aprender. Eu converso com o que chamam de Deus muito naturalmente, não sei se é uma força, é um mistério que não consigo deslindar. Então, já que é impossível deslindar o mistério da existência da vida, eu aceito esse mistério e me faz muito bem rezar. Eu rezo não sei quantas vezes por dia, você acredita? A natureza me dá muita certeza da vida e da morte, já perdi tanto cachorro que morre, meus dois gatinhos morreram, árvores que morrem. Você duvida disso quando você se diferencia da natureza, mas quando você passa a fazer parte da natureza a vida e morte é uma coisa muito natural, nasceu, viveu, morreu. É só aceitar simplesmente isso, porque é assim a natureza, eu perco árvores. Qual é a diferença? Dez anos atrás eu perdi uma cachorrinha, morri de desespero, como eu sofri com a minha mãe, com a Cacilda, com a Dirce! Eu sinto falta, mas não sofro pela morte mais. Para compensar a falta, eu vou mostrar, na minha casa tenho uma parede da Cacilda, chamo “Parede da Cacilda”, a parede da minha mãe e a parede da Dirce, eu encho a minha casa de fotografias delas. Dizem que isso nos deixa melancólicos. De jeito nenhum. Eu viro a cabeça e dou de cara com elas, elas estão comigo. Eu tenho certeza absoluta de que no meu momento minha mãe vai me pegar no colo, ou a Cacilda, porque a Dirce era menos maternal. De repente pode até ser ela, mas mais maternal era a Cacilda, “minha irmãzinha” ela dizia, coisa típica da Cacilda. Eu não faço unha, nós éramos completamente diferentes, ela era vaidosa. Lembro de um dia em que ela pegou a minha mão, eu tenho calo na mão, a unha quebrada, ela disse: “Não faz isso, olha a sua mão”. Eu virei para ela: “Cacilda, o que você quer, que eu tenha a mão bonita ou seja feliz?” Ela falou: “Feliz”. E nunca mais me amolou.

**“Você duvida disso quando você se diferencia da natureza, mas quando você passa a fazer parte da natureza a vida e morte é uma coisa muito natural, nasceu, viveu, morreu. É só aceitar simplesmente isso, porque é assim a natureza, eu perco árvores. Qual é a diferença?”**



**REVISTA:** *Essa busca pela felicidade que eu acho que você foi construindo pode ser a responsável pela sua qualidade de vida e essa longevidade diferenciada?*

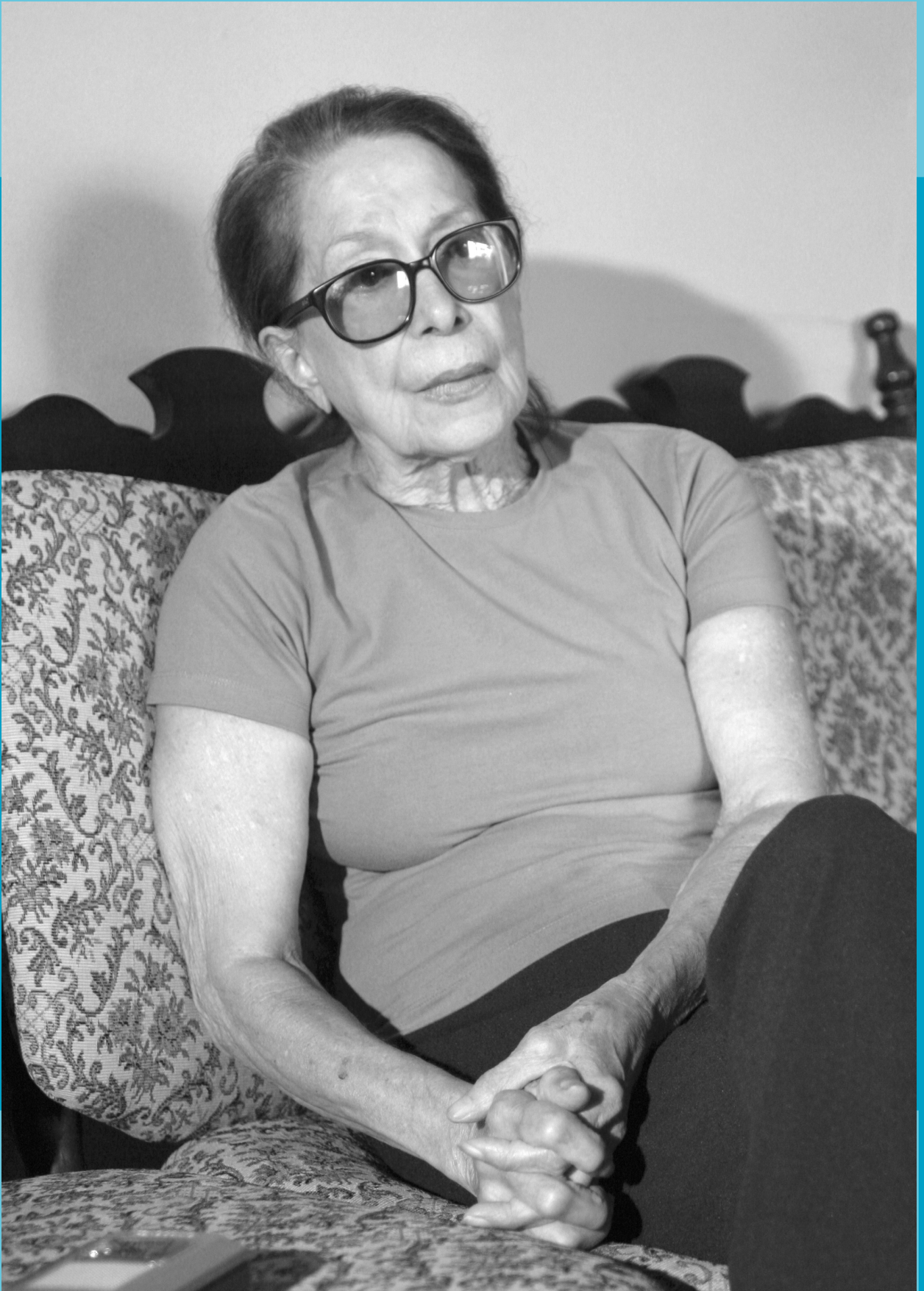
**CLEYDE:** É. Eu não ligo para as coisas que dizem importantes. Inclusive chega a me irritar um pouco, eu não posso entender. Às vezes, colegas meus ficam prestigiando griffe, moda, revistas que eu folheio só quando vou ao cabeleireiro. Esse cabelo agora é da peça, viu? Então você pega a revista: fulano vestiu a sandália de cinco mil reais. Nesse mundo, griffe, sapato, roupa, o preço das coisas. Como é que pode, por que, para que? Não concordo com isso, concordar é pactuar. Eu vejo aqui o filho do meu caseiro, quando tinha cinco, seis anos, a mãe comprou alguma coisa e ele disse: “Mas não é de grife”. Nós estamos em 2005, o que aconteceu agora, essa onda, esse tsunami é um aviso da natureza. Disseram que morreu muita gente. Não, morreu muito pouca gente, porque é um pequeno aviso de que a natureza está ficando brava e cansada. Não morreu muita gente, morreu pouca, porque a próxima onda, que não vai demorar, vai ser muito pior. Isso foi um aviso, a natureza está avisando. Depois você abre a revista e vê os valores atuais. Eu tento preservar os meus valores.

**REVISTA:** *Como você analisa a atual situação política no mundo?*

**CLEYDE:** Péssima, péssima. Eu já desisti... tóxico, corrupção, prostituição. Isso eu acho que é um ciclo da civilização e esse ciclo vai terminar. Dizem que sou pessimista. Não, eu sou otimista, porque depois que esse ciclo terminar vai recomeçar um novo ciclo com novos valores. Eu digo para vocês, eu acredito, está próxima a grande hecatombe. Vocês não acham? Eu tenho certeza, virá, vai sobrar talvez no máximo um terço da humanidade. Então, quando vejo criança nascendo, eu tenho uma tristeza. Acho tão secundária a situação política do Brasil, compreende? Os juro e tudo... bobagem. Está muito próxima a hecatombe. E as pessoas poderosas não têm filhos, não têm netos? O que é isso? A grande preocupação para mim não é a política, se vai subir juro ou não. Eu sou uma pessoa que vive com dois, três mil reais, não preciso mais do que isso. Tem gente que ganha 400, 500, eu ganho cinco mil em teatro e acho um ótimo salário. Então estar preocupado com coisas menores quando não sabemos se daqui a dez anos vai ter água? Me desculpe, querido, não me interessa a situação política.

**REVISTA:** *Pensado nessa hecatombe, o que você sugere para as pessoas que estão envelhecendo? Hoje a medicina, a ciência já cumpriu a parte dela e nos garante que viveremos até 120. Agora, o que fazer com esse tempo de vida, o que você recomenda para as pessoas que hoje estão com 60 anos e que a ciência garante que vão viver até 120? Como aproveitar a vida?*

**CLEYDE:** Eu acho que aproveitar a vida é sempre no servir. Por exemplo, eu não estou cuidando de um asilo, mas no momento em que eu não tiver mais possibilidade de trabalhar em teatro, isso vai acontecer. Por enquanto a minha cabeça é muito





boa, mas não sei por quanto tempo ela estará boa. Mas eu acho que posso servir. Eu posso não poder mais fazer teatro, mas ainda posso servir, eu vou entrar num grupo de ajuda, vou cuidar de outras velhas que estiverem pior do que eu. Ou vou cuidar dos animais. Se você não pode cuidar de velhos ou não tem força para cuidar de crianças, se dedique a cães abandonados, gatos abandonados. É doação, é a maneira de você viver melhor. Quando você dá, você recebe automaticamente. Agora, evidentemente, você deve ter reparado no meu físico, porque não é de hoje, eu não passei a cuidar da alimentação depois de “x” idade, mas sempre. Primeiro porque com a pobreza a gente comia muita verdura, tinha um homem que tinha horta, a gente comia salada de salsa. Eu roubei para comer, tinha um homem que tinha uma plantação, a gente ia de noite, pegava cenoura, cortava e tornava a plantar o cabinho. O homem chegava de manhã, olhava a plantação dele, tudo caído. (risos) Então eu nunca tive uma alimentação farta e abundante, gordura, manteiga, não tinha nada disso. Mamãe comprava feijão, arroz e batata, e o resto a gente pegava na feira. Eu não gosto de gordura, não como, como o que é feito no forno. Frango é cheio de produtos cancerígenos, então, tiro a pele, eu só cozinho num caldo de abacaxi ou laranja, gosto muito de sabor agridoce. Eu gasto uma lata de óleo de fritura, apenas uma em dois meses. Carne não como, frango só cozido no forno com caldo de fruta, pego o peito de frango e gosto de rechear com gengibre, manga e abacaxi. Gosto muito de grão, como muita sopa, sopa de lentilha, sopa de ervilha, sopa de grão de bico, gosto de cozido com repolho, batata doce mas não preciso da carne. E tenho uma hortinha, que não tem agrotóxico. Couve... como meu funcionário não é entendido, eu planto mostarda, rúcula, almeirão, alface, tudo que é fácil, como ele não sabe cultivar não vou arranjar um problema para ele e nem para mim. Então eu como uma comida muito sadia. Hoje tem batata doce, tem um peitinho de frango, mas tudo no forno, 90% no forno.

**REVISTA:** *Você diz que está sempre servindo, tem a ver com aquilo que a sua mãe dizia na sua infância, que na sua casa...*

**CLEYDE:** Ninguém fica com a mão no colo. Isso as pessoas deviam aprender: “nesta casa ninguém fica com a mão no colo”. E outra coisa que ela dizia: “Nós somos um banquinho de quatro pernas”. Se você tem uma família, seja um banquinho de tantas pernas, se uma falhar desequilibra. A saúde e o viver bem estão ligados a uma coisa: trabalho. A única coisa sua, porque filho não é seu, marido não é seu, a única coisa sua, absolutamente sua, é aquilo que você faz, a tua atividade, o teu trabalho. Isto é teu, então procure fazer o melhor possível, seja o que for. Eu varro a minha calçada, gosto de varrer bem. Se resmungar, varro mal. Tenha prazer de ver o resultado. Eu começo meu dia arrumando flor, adoro arrumar flor em casa. Não corto as minhas, não corto flor do meu quintal, mas as já cortadas, não há nada melhor do que você pegar o vaso de manhã, arrumar o vaso. Quando você acabar de arrumar o vaso, já os fluidos melhoraram. Reza uma prece que o teu dia começa e termina bem.





**REVISTA:** *O teatro pode ser um instrumento de conscientização e de quebra de tabus. Ao longo da sua carreira, quais trabalhos melhor cumpriram essa função para você?*

**CLEYDE:** Eu acho que todos. Se você não recebe nenhuma informação no sentido diretamente político, mas recebe no estético, então vale saber que uma coisa é bela, ter o prazer de ouvir um texto. Manuel Bandeira dizia que você ouve a poesia, a beleza, a escultura, a pintura. Se é arte, já cumpre, são várias as missões, cultural, de gosto, de prazer, de beleza. Não é verdade? Se acrescido a isso ainda você ajudar a armar o indefeso contra os poderosos, (aplaude)... bravo! Se além da beleza, da estética, de tudo isso, ainda você ajudar as pessoas a se defenderem do usurpador, melhor ainda.

**REVISTA:** *De que maneira você acha que o teatro pode contribuir para a aproximação das gerações? Hoje fala-se muito em intergerações, o jovem, o adulto, o idoso, não tem mais aquela segmentação.*

**CLEYDE:** Veja, eu acho que vale pela troca. Você vê em São Paulo o que tem de grupos jovens fazendo teatro. Se eles vão para o teatro é porque eles admitem que o teatro vai servi-los para viver, um estilo de vida. Não é só como profissão, é uma escolha de uma carreira de uma vida. Tirando aqueles que vão pela vaidade, pela bobagem, para ser a mocinha e o rapazinho da novela, que são os equívocos da arte de representar, só o fato de se ir ao encontro do teatro é prova de que ele aceita trocar experiências. Senão, é óbvio, se procuraria um setor da vida onde o mais velho não entra. Mas o mais velho está no teatro. Os jovens vêm sôfregos nos procurar. Eu vejo no meu contato com os jovens que eles querem a pesquisa, eles querem saber como eu faço meu trajeto, como eu encontro a personagem, querem aprender. Não é maravilhoso? Querer aprender com o mais velho propicia a troca.

**REVISTA:** *Você, desde o início da sua carreira até hoje, tem sempre trabalhado com grandes diretores do teatro brasileiro. Como é esse relacionamento, você se dá bem com os diretores com os quais trabalha?*

**CLEYDE:** Eu sou muito vaidosa porque os diretores adoram trabalhar comigo, porque eu me entrego totalmente. Quando eu aceito a peça, eu embarco junto, porque acho que só quando o diretor erra, eu erro junto. Quando o espetáculo, infelizmente, não pega, eu estou junto. Mas cada diretor nos dá uma coisa, as pessoas são tão diferentes. A forma de ver um espetáculo, às vezes, é tão surpreendente: eu vejo de um jeito e vem um diretor e vê de outro. Ver através de um olhar diferente te enriquece, porque na vida você vê a vida de um jeito e eu vejo de outro. Se eu não presto atenção à forma como você vê, não aprendo nada. Eu posso até discordar, mas é importante que eu veja como você vê. Assim na direção teatral também, ele vê o espetáculo de uma forma diferente. Esse espetáculo da mãe de Marguerite Duras com o Emílio Di Biasi, eu não conseguia ver como é que um diretor podia pôr essa peça em pé, eu estava curiosa. É tão estranho, mas foi tão gostoso exatamente tra-



balhar quando eu não sabia como levantar aquele espetáculo. Com meus 54 anos de teatro, eu não saberia pôr aquele espetáculo em pé. Então fui acompanhando o trabalho do Emílio muito curiosa, foi excitante ver como é que ele fez, porque é uma obra literária para ser lida, do meu ponto de vista, e ele fez para ser representada. É literária a peça, é cinema. O Flávio Rangel era de um jeito, o Celi de outro. É muito importante. Imaginou ser dirigida só por um diretor? Você passa a ficar bitolada, vendo as coisas de um jeito só. É por isso que as peças continuam sendo representadas, porque a visão de cada um para levantar o espetáculo é diferente. Quando eu fiz a Medéia, foi um exemplo bem claro. Eu fiz a Medéia com o Silney Siqueira. Abujamra quase me matou, odiou e disse que eu estava completamente errada. Para ele, a Medéia era uma mulher ferida, era o útero, a mulher que foi trocada. Eu fiz a Medéia exatamente quando acabou meu casamento com o Stênio Garcia, que me largou por uma mulher 20 anos mais moça. Eu disse ao Silney que a mulher abandonada pelo marido é secundário, porque vem o Creonte a expulsa. Isso ocorreu em 69. Meu Deus do céu, marido dar chute na gente não tem importância nenhuma, o que tem importância é ser expulsa do seu país! A peça normalmente começa quente e ferve, a mulher que uiva, uterina, e eu fiz ao contrário, comecei uivando abandonada e, quando o Creonte expulsa a Medéia, ela se torna cerebral na vingança. Abujamra ficou louco, porque ele via só a personagem uterina e eu disse não. Se eu fizesse hoje a Medéia, faria politicamente. É muito mais grave você ser exilada de um país do que abandonada pelo homem, fica quase ridículo. Chora, bate a cabeça na parede e pronto, acabou. Mas você ser expulsa, o poder político, ah, isso é muito mais grave. Você imagina, eu ia fazer a peça com o Abujamra, nós íamos nos matar. O Silney concordou, a Márrika Gidali fazia a parte física, ela é uma lutadora, então nós vimos o lado político da Medéia como muito mais importante do que o lado da mulher ferida. Hoje eu continuo achando que eu estava certa e o Abujamra continua dizendo que estou errada, que o importante é a mulher abandonada, é o útero. Não sei quem está certo. Acho que não importa, importa o resultado. Se alguém fizer a Medéia uterina fantásticamente, equivale a uma outra fazer a Medéia politicamente. São dois caminhos, não quer dizer que um seja melhor que o outro.

**REVISTA:** *Dentro dessa missão política, você foi atingida nos momentos da ditadura, da repressão?*

**CLEYDE:** Eu passei dois dias na cadeia lá na Estação da Luz, no Dops. Me pegaram, me prenderam, foram cinco carros me pegar na porta do TBC. Foi a Cacilda que me tirou rapidamente, não sei o que ia acontecer comigo. Eu estava casada com o Stênio ainda, falei: “Avisa a Cacilda”. Fui presa acho que às 23 horas e pouco, à 1 hora da manhã já tinha o recado: “Não mexe nessa moça”. Você sabe, né? A Cacilda salvou muitos, ela não saía do Dops e na casa dela todo mundo sabia que tinha uns dominicanos escondidos. Não subiam para pegá-los porque a Cacilda era intocável, não podiam tocar na Cacilda. Fugiam todos para o apartamento da Cacilda, porque ali era seguro. Ela me tirou em dois dias, mas eu fiquei lá. Eu fiquei sozinha numa

cela, aquela de porta, não gradeada, um banquinho de cimento. Quando eu desci, tinha um buraco numa outra cela, ouvi: “Cleyde”, era o Mario Schemberg que estava na outra cela. Era junho, era frio, só tinha uma laje para deitar.

**REVISTA:** *Cleyde, o que você gostaria de falar aos jovens?*

**CLEYDE:** Amem a vida, sejam alegres, mas não cometam esse crime contra vocês mesmos. Usem a palavra adrenalina para fazer o bem. Odeio essa palavra adrenalina do jeito como é usada. Aos filhos de quatro, cinco anos, diria: “arranjem um brinquedo em que não ponham capacete e joelheira”. Quebrar o braço, tudo bem. A gente quebrava a perna, um cortezinho na cabeça. Mas que ele brinque sem risco de vida. Amem a vida, mas amem certo. É isso.

**REVISTA:** *E aos velhos?*

**CLEYDE:** Ah, tanta coisa. O velho já é uma pessoa maravilhosa. Sabe que eu falo isso e não consigo me incluir ainda? (ri) Não consigo, me sinto ainda tão bem. Aos velhos eu diria: trabalhem. Arranjem qualquer coisa, mas trabalhem. Não fiquem com a “mão no colo”, é perigoso. É perigoso porque daí a cabeça fica velha. Enquanto puderem pensem, trabalhem, leiam, façam palavras cruzadas e exercício de matemática, contem histórias. Uma coisa boa é escrever, a pessoa também se encontra. As pessoas escrevem pouco, né? Escrevam, escrevam sobre o dia que está terminando, façam um diário, uma auto-análise. Escrever é uma coisa muito boa para desenvolver a cabeça, escrevam, comecem a fazer diário.

**REVISTA:** *Você escreve muito, Cleyde?*

**CLEYDE:** Escrevo.

**REVISTA:** *Como entram as tecnologias novas aí?*

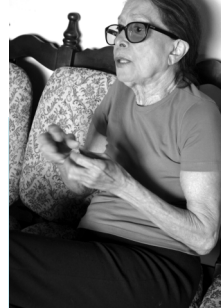
**CLEYDE:** Nada, eu odeio. (risos)

**REVISTA:** *Você não tem Internet?*

**CLEYDE:** Não tenho nada, não quero. Eu não quero ver o Louvre num quadradinho, me recuso, me recuso. Eu viajo e não tenho uma fotografia. Fui à Grécia, África, não tenho nenhuma foto, porque do que eu não lembro não adianta ter fotografia e o que me gravou eu lembro até hoje. Na Grécia, a rua Epidauros, onde eu fiquei num hotel que custava um dólar por dia com café da manhã, essas coisas eu gravo na memória. Daquilo que eu não gravei não adianta ter fotografia e do que eu gravei não preciso de fotografia. Tanto que não tenho fotografia minha. Graças a Deus, tenho das minhas queridas. Secretária eletrônica também não tenho.

**REVISTA:** *Você não acha que a Internet aproxima as pessoas?*

**CLEYDE:** Não sei porque nunca usei. Eu não tenho, então não sei a utilidade.





**REVISTA:** *Como é que você se comunica com as suas pessoas queridas?*

**CLEYDE:** Só por telefone. Eu fazia isso há dez anos atrás e ninguém morreu por falta disso, a comunicação, o afeto e o amor existiam. Sabe quem mora aqui na frente? O Armando Pascoal e o Odilon Nogueira, que eram os primeiros alunos da EAD, da turma de oito alunos. Eles moram aqui na frente, são meus amigos há 50 anos, sem Internet. Os meus amigos são os mesmos. Eu tenho vários conhecidos, mas amigos são uns dez. De todos esses 50 anos, os amigos, daqueles que se pede socorro, são os mesmos.

**REVISTA:** *Você disse que não vai a restaurantes... mas você vai ao teatro...*

**CLEYDE:** Vou ao teatro. Mas não vou a todos. Acho muito chato ver uma coisa que eu não goste por equívocos. Não vou ver besteiro porque vou ser mau público, eu não rio. Inclusive de repente meu fluido estraga o espetáculo. Acredito nisso, alguém com fluido cinza na platéia contamina 300. Então eu não vou porque de repente vou e não rio, fica aquele espetáculo péssimo, ainda vou prejudicar um colega. Eu fui ver Caixeiro Viajante, como gostei da direção. Gostei do resultado, mas exatamente por causa da direção. Tio Vânia foi bom. Depois vi aquele Café com Queijo.

**REVISTA:** *Você continua indo para o Rio dirigindo seu carro?*

**CLEYDE:** Se me chamam para fazer novela, adoro guiar. Das máquinas, a que eu me dou bem é o carro. Eu guio bem, gosto principalmente de guiar em estradas. A minha vocação, eu sempre falo, é a de motorista de caminhão. É a profissão que mais dá a sensação de liberdade, não é? Estrada. Você concorda? É a profissão mais livre, você não pertence a clube, a sociedade, mulher tem várias, filhos tem vários (ri). Guiar na chuva, não com uma chuvona, mas o barulho do pneu e do limpa-brisa é super-relaxante. Você pega uma chuva (imita o barulho do limpador de pára-brisa) e aquele barulho do pneu é a música, é muito gostoso. Se você guiar devagar, você vê uma casinha e aí a tua imaginação voa. Eu fico olhando. As pessoas estranham, porque as pessoas entram no carro e querem chegar. Eu não, eu quero ir, não quero chegar. Entende? Tanto faz. Se a viagem Rio/São Paulo tem 500 quilômetros, tanto você pode fazê-la em quatro horas e meia como em seis. A viagem é ótima. Para levar seis horas, eu saio antes, saio do Rio cinco horas da manhã, é ótima hora para sair guiando. Aí eu paro se vejo uma árvore que não conheço, levo às vezes facão e apanho muda na estrada. Agora não tem mais jurubeba nas estradas, acabaram com a jurubeba, não me conformo. Vocês não sabem o que é, né? Eu parava o carro e pegava sacos de jurubeba, fazia vinha d'alho. Eu faço geléia, faço conserva, faço perfume, faço tricô, faço crochê, costuro, cozinho, porque eu fui educada para fazer tudo. Então feijão, arroz e jurubeba, não precisa mais nada, eu ponho com alho e cebola, faço vinha d'alho. Eu tenho jurubeba, mas está dando pouca quantidade.

**REVISTA:** *Bem, Cleyde, muito obrigado por essa entrevista e por sua carinhosa acolhida.*

**CLEYDE:** Obrigada a vocês.



